

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES  
LUGAR-POLÍTICA-INSTITUCIONALIDADES**

Raul Erik Costa

**DEVIR-NEGO**

**A potência fabulatória de uma escrita de nós**

Niterói-RJ

2023

# **DEVIR-NEGO**

## **A potência fabulatória de uma escrita de nós**

**Raul Erik Costa**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das artes/PPGCA

Linha de pesquisa: Lugar, política, institucionalidade

Orientador: Professor Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos

Instituto de Arte e Comunicação Social/ IACS

Universidade Federal Fluminense

**Agosto de 2023**  
**Niterói- Rj**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Raul Erik Costa**

**DEVIR-NEGO: A potência fabulatória de uma escrita de nós**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Prof. Dr. Jorge Vasconcellos (Orientador)**

**Universidade Federal Fluminense – UFF**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariane Rodrigues Pimentel**

**Universidade Federal Fluminense – UFF**

---

**Prof. Dr. João Camillo Barros de Oliveira Penna**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Paula Veiga Kiffer**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ**

---

**Agosto de 2023  
Niterói- RJ**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C837d Costa, Raul Erik  
Devir-Nego : A potência fabulatória de uma escrita de nós  
/ Raul Erik Costa. - 2023.  
162 f.

Orientador: Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos.  
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

1. Escrita. 2. Fabulação. 3. Devir. 4. Produção  
intelectual. I. Vasconcellos, Jorge Luiz Rocha de, orientador.  
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e  
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

## **DEDICATÓRIA**

À vó-mãe Nali Brasil que me criou. Ao meu pai Edmilson Costa. À minha avó Edir vieira. À minha mãe Maria de Lourdes Vieira. À todos aqueles que encontrei em minha jornada e queriam um mundo em horizontes.

## AGRADECIMENTOS:

A vida nunca foi fácil, mas tive o prazer de encontrar pessoas que se tornaram mais que amigos. Gente do meu bando. Dizem que na vida a gente tem que ao menos plantar uma árvore e deixar algo escrito. Plantei muitas árvores e agora posso dizer que deixei alguma coisa escrita também.

Daqueles que já se foram deste mundo, agradecerei em meu escrito.

Dos lindos encontros da vida, tenho que agradecer ao meu amigo-orientador Jorge Vasconcellos. Além de toda orientação (desorientação) que me concedeu neste trabalho, bem como ter sido minha primeira referência de um professor de sucesso negro que veio do pouco, foi também um amigo que em todas as minhas perdas e fracassos me concedeu palavras de força. Antes você era meu mestre, agora é meu amigo; porque o mestre não está ao lado dos seus discípulos. Amigos estão juntos. Sua luta é muito importante para todos nós e quero dizer que o admiro com todo o meu ser.

Agradeço aos professores que tive durante toda a minha jornada. Sobretudo aos da graduação e agora os da Pós-graduação (lugar que nem em sonhos imaginava chegar). A vocês, eu agradeço por cada ensinamento, todos os horizontes que vocês me abriram. Suas palavras sempre estarão comigo.

Agradeço aos professores da banca examinadora por aceitarem o nosso convite. Eu realmente senti que vocês se importaram com o que eu escrevi, mesmo que eu não tenha talento para tal. E isso me deixou feliz.

Mariana Pimentel me fez ver aquelas avóses; com um comentário me mostrou que minhas principais referências deveriam ser as palavras das minhas rainhas que já se foram. Fora isso, tudo que sei sobre fabulação, aprendi com ela.

Ana Kiffer pelos seus comentários iconoclastas. Ela fez esse texto sair de uma narrativa referenciada de grandes filósofos para uma escrita com o corpo aberto ao mundo. Jamais esquecerei suas lindas palavras e seus conselhos.

João Camillo por me ajudar a encontrar uma forma de dizer o que queria. Mas, principalmente por ter me levado a destruir os prédios da representação. Você disse para eu me colocar como voz; queria ouvir de nós. A relação entre a voz, nosso povo e as palavras. Muito obrigado.

Além desses pontos citados acima, agradeço agora de forma coletiva por terem participado do meu exame de qualificação. Todas as suas palavras contribuíram de forma ímpar para que eu conseguisse terminar este texto. A vocês, minha eterna gratidão.

Agradeço à CAPES por ter financiado meus estudos durante esse tempo. Seria impossível cursar essa pós sem a bolsa de mestrado.

Por fim, agradeço a todos aqueles que estão neste texto e os que não pude colocar. Seria um texto sem fim se colocasse todos. Mas nossos encontros fizeram de mim outra pessoa. Hoje eu sou todos vocês.

**Resumo:**  
Me Nego

Palavras-chave: Escrita; Avóses, Nego, Devir; Fuga.

## Sumário

Tantas mãos, muitas bocas; olhos dispersos * tudo fala - são apenas corpos...nos é possível escrever?.....	10
Sobre querer navegar - nossa vida que é barco - é preciso deixar rastros .....	16
Escrever.....	18
PARA NÃO ESQUECER <-> É PRECISO PERMANECER.....	21
QUANDO PRECISAMOS COMEÇAR (...) (,) (?) (.).....	24
Do que sai da frustração.....	29
Um espaço para se falar?.....	30
Literatura é uma obra para além desse barco que é a vida ordinária?.....	33
Uma outra escrita.....	37
A obra: os tijolos, a areia, as pedrinhas, o cimento e as palavras.....	42
Escrita, esquecimento e partilha.....	62
Dus corpus das obras.....	66
Não vale a pena escrever.....	82
Nego. Devir, fabular.....	92
DAS OBRAS, DUS CORPUS(...) da morte; questões sobre a vida.....	101
AS VÁRIAS CABEÇAS SÃO O CORPO ABERTO.....	117
AVÓSES.....	137
Notas de fim:.....	154

**Tantas mãos, muitas bocas; olhos dispersos \* tudo fala - são apenas corpos...nos é possível escrever?**

Aquela senhora ali. Em frente à ribalta do palco da injustiça. À frente é a vida que jamais passa pois é tudo desde sempre em seu movimento. No corpo. Nas lembranças espalhadas entre os seus. Está ali, mas não com consciência. Permanecerá...(?) O que permanece? Nas palavras é que nunca morremos?

Vem à mente quando terminou o ensino médio. Primeiro dos seus que pôde sonhar sair do sol quente. Olha ao fundo e lá está a vó pequenina a traçar linhas pelo caderninho para tentar aprender... Sete anos. Mamãe não conseguiu criar e teve que deixar com aquela família. O sonho? Sonhou em ser professora, acho que aos dez. Quando teve que deixar os estudos por não conseguir conciliá-los com os trabalhos na casa dos tais novos “pais”. Foi para os afazeres domésticos e babá do casal que trabalhava na lavoura; eles saíam às seis da manhã e voltavam às seis da noite. Vó convivia e servia as três crianças. Dava café da manhã. Levava pra escola. Limpava a casa. Fazia almoço. Buscava na escola. Dava almoço. Arrumava a bagunça deixada. Lavava roupa. Fazia quase tudo. Depois nasceram mais duas. Aí ficou mais difícil ainda. E assim passou a infância. Não brincava pois sempre estava cansada. Com o tempo, os calos nas mãos atrapalharam os dedos a firmarem a caneta e não mais sonhou. Ao menos não por si. Mas, doravante, pelos seus.

Então tinha mania de sonhar vida nova para a gente. Se contava que “no passado era assim”, “aconteceu isso”, o fazia para dizer que “melhor fazer assim”, “no futuro melhora”, “nada é tão ruim ou pesado que não dê pra aguentar”, “não deixe a vida continuar indo por aí”. Não que soubesse como sair de sua existência tão mingua. Inventava história, por isso conseguiu permanecer. Trabalhou tanto, sofreu quanto, cuidou de bocado de gente, não tinha muito tempo para nada. Qualquer momento vago era motivo para contar. Não conseguia escrever, mas em suas palavras haviam mundos de memórias e sonhos.

Coisa triste também. “Um dia eu tava com mamãe na roça. Noutra eu tava nessa casa fazendo as coisas”. Não era com tristeza que falava – não conheceu outra vida. Tristeza haveria se houvesse miragem; o que havia era indiferença. Viveu do jeito que viveu. Quando muito se repete, a dor se torna corpo comum com a gente. A dor é mais uma pele.

Às vezes contava estórias cantando. Era uma ótima letrista e compositora. Consequia fazer música com tudo. Sem saber escrever, sem informação musical. Um dia eu cheguei com

a unha de um dedo do pé arrancada. Havia chutado uma pedra brincando com os amigos. Quando eu cheguei, tomei banho, ela passou álcool pra não infeccionar, pegou umas ervas no quintal, colocou sobre o dedo sem unha e amarrou um pano. Ela até pensou em me levar no posto ou no hospital, mas ficavam longe e não tinha ninguém pra levar. Dai ela mesma cuidou.

Foi fazer janta e eu sentei em uma cadeira ao lado dela com o pé estendido em outra cadeira porque doía muito. Estava latejando. Ela no fogão e eu reclamando da dor e chorando. Do nada ela começou a solfejar uma melodia que eu não conhecia e de repente começou a cantar lindamente. Infelizmente não me recordo da canção, mas tinha algo do tipo que ela já tinha sentido muita dor, e agora seu neto também estava, mas ia passar porque cantava com amor. Não sei se foi o álcool, as misturas de ervas ou a canção, mas aliviou um pouco; até parei de chorar. Tinha um contralto que jamais esquecerei, o melhor que já ouvi. Aquela melodia que se estendia. Ninava a gente cantando as composições dela.

Contava tudo tão bem que nem dava para saber o que era vivência, fantasia, invenção ou sonho. Só depois de muito tempo percebemos que tudo isso é real.

Quando parou de contar, as palavras não ficaram órfãs. Continuaram ressoando em nós e em novos encontros. Antes as/das palavras, elas vibram. A única herança que nos deixou: vontade de contar as coisas. Agora escrevemos estas palavras, mas não apenas dessa ancestralidade. Delírios engendrados pelos afectos transpassados durante a vida, encontros pela jornada até aqui. Escritos esses que nada têm a ver com representações, mas sim com experiências - não de sujeito - mas de multiplicidade (1). Vão além de memórias subjetivas, familiares, retratos ou encontros fortuitos. Não é dar forma ao que foi vivido, ouvido ou testemunhado, mas a composição de devires impossíveis de alcançar identificação. Tudo isso está. Por isso a impossibilidade de representar, de criar, de lembrar, de escrever como se deve; impossibilidade de tanta coisa.

### **Desta escrita.**

Nos perdoem o atrevimento, mas, ao menos aqui, o importante são as palavras, o que elas anunciam... é outra coisa (nos chamem de superficiais). Elas clamam e se apresentam. Então não faz sentido escrever para que nos leiam. Que cada um crie sua própria obra, e não nos venham com essa “do que isso significa?”, “como foi passar por isso?”, “Essa parte foi você ou outra pessoa que passou?”, “Qual avó foi?”, “Quem disse?”. Devenha! Tudo isso

quando e se for lido já será outro texto, a continuação de uma obra que não começou em nenhum momento, tampouco se findará nisso. O que falamos, não diz respeito, necessariamente, a algo ou alguém. Não queremos, nem podemos nos justificar. E é só um trabalho; apartar a seriedade das palavras, dos discursos e das falas escritas para serem lidos. Todas as gentes que estamos inscritos aqui somos e assim permaneceremos sendo “nós” impessoais. Vozerios; avóses.

### **De qual obra?**

A qualquer construtor ou servente que você perguntar, não chamará o que está construindo de trabalho, mas sim de obra. Vamos começar a obra. Vamos pra obra. Moramos na obra. Estamos terminando a obra. Ao que parece, mesmo sem querer, fazer uma obra tem um quê de singularidade. Trabalho qualquer um faz, mas obra é outra coisa. Mesmo entre os serventes novatos, eles precisam aprender todas as etapas da construção. Obrar requer dedicação e é uma coisa específica - o trabalho, é uma generalidade.

\*\*\*

Não cair na neurose de se definharem na obra também é importante. Querer pular do barco e mergulhar oceano adentro para buscar o grande peixe monstruoso que também dizem que pode ser voador. Muito se tem dito sobre um excesso na realização de qualquer obra artística (2). Estamos presos nessa tal domesticação simbólica do ordinário, do visível, do audível, do tocável. E também nesses trabalhos que apenas fazem a roda girar.

Há tudo o que ela não nos diz, o silêncio e o que pode dizer. Isso está longe de qualquer propósito que poderia submetê-la a uma finalidade em nosso cotidiano. Desde que as palavras perderam seu estatuto de representação simbólica da verdade, ou de qualquer outra coisa, percebeu-se uma abundância nelas que todo escritor que se preze deve buscar. E há muitos que vão longe buscar esse além. É perigoso. O absurdo, a loucura, o suicídio, a drogadição. Sabemos bem, a obra nem começa nem termina. Vem de algum lugar e não sabe para onde vai. Obra também é tudo. Nós somos obra. Não de deuses arquitetos, nem de máquinas metafísicas operantes. Mas, também não de arte, como alguns já disseram. Isso é pra quem pode. Estamos falando de tudo que pode ser chamado de obra.

As obras que ajudo a levantar como servente são trabalho. Feitas por mãos. São materiais; não servem, né? Num passado, dizia-se que o trabalho das almas dos artesãos tinha quase a mesma importância dos imitadores que criavam narrativas (3). E em nenhum dos dois

trabalhos havia tanta nobreza. Muito se passou e os trabalhadores ainda continuam os seus trabalhos, mas, os que outrora eram apenas imitadores, se elevaram ao posto de representantes, afinal as palavras deixaram de serem apenas símbolos para se tornarem espaço de disputa de sentido. Isso já faz muito tempo e tudo mudou nessa separação das funções, mas, repito, os trabalhadores ainda continuamos com nossos trabalhos.

\*\*\*

É preciso fazer algo para uma escritura ser obra ou o próprio trabalho de inscrever já a faz ser?

Obra era aquilo que a gente estava construindo. Mesmo que o arquiteto fizesse o projeto e o assinasse, quem executávamos éramos nós. Quando tava pronta, era casa, prédio, escritório, e essas coisas. Mas agora que estou aqui tendo que falar disso de uma forma meio metafísica, não tenho instrução o suficiente para comentar.

Quando é obra de massa e tijolo é a coisa mais presente e tocável possível. A gente sai chei de calo e riscados no corpo; tem gente que até perde membros do corpo; já vi acontecer. No fim, ficamos orgulhosos quando vemos tudo pronto. Deixar de ser obra nesse caso é uma coisa boa pra quem trabalha. Na próxima obra a gente vai falar sobre essa outra que deixou de ser obra pra ser um espaço utilizável e bem feito. Eu trabalhei em uma obra que depois se tornou uma clínica médica. Quando for pedir emprego, obviamente, vou falar dessa clínica que participei da obra. Mas agora eu preciso pensar em uma coisa que não tem materialidade propriamente dita. Só tem de material as folhas e as palavras, e todo o resto está fora, que eu nem sei onde é. Porque vocês disseram que o suporte e os símbolos nada podem fazer sozinhos. Coisas mortas. Já ouvi gente falando que não é nada disso também.

A escrita, o devir negro, a rememoração e tantas outras coisas. Agora preciso falar de uma obra diferente. O problema é que nunca consigo desvencilhar as coisas, e para mim, toda obra é obra. Se depois deixa de ser, é orgulho dos construtores, mas essa que foi obra se tornou outra coisa pra ser usada. Então se você me pergunta, agora, desse tal tipo que nunca deixa de ser mesmo se for utilizada em uma leitura, eu ainda não sei falar direito.

Se me pergunta se o que quero é fazer uma obra (trabalho) escrita. Eu vejo que se a gente termina uma obra ela já não é mais. Então não faz sentido dizer que quero realizar uma, entende? Só dá pra ser obra enquanto não foi terminada. Não teve sua conclusão que a destinaria para ser algo depois de ser. Uma casa, um prédio, um consultório, um escritório, um livro, uma dissertação, uma vida (gostaríamos realmente que todas fossem). Tudo já foi obra?

Então como farei uma? Deve ser por isso que há alguns séculos decidiram separar estas duas coisas - obra e trabalho. Hoje em dia ficou mais confuso porque querem novamente pensar na perspectiva do trabalho em detrimento da obra. É uma roda que gira e a gente não acompanha.

Entendo a coisa do processo aberto. Se ele for a intenção é possível. Porque daí nunca nada vai acabar e sempre estará em construção; em trabalho; mesmo após quem escrever ter dado o ponto final. O leitor continua e por aí vai. A cada nova leitura o recomeço da mesma obra, mas pela ausência de pai por perto, os filhos leitores podem desobedecer, brincar e fazerem o que quiserem com ela (4). Interpretação e experimentação são duas palavras em disputa quando nos referimos a isso.

Em um caso dizemos da obra de “fulano”. É porque também existe o fato de ser preciso que alguém assine para que aquilo possa ser obra dele (5). Caso contrário, cada leitura seria o começo de uma nova. Como aquelas folhas sem assinaturas que existiam quando as pessoas não se interessavam por isso (6). Então, agora, o trabalho é uma construção; e tudo o que o autor produz com esse seu trabalho durante a vida é sua obra.

É assim que pensamos na obra de qualquer um. Um livro é parte da construção. Uma parte de tudo o que ele disse e também do que ficou sem dizer. Mas não só o que ele produziu; cada passo, cada palavra, cada erro, cada acerto. Tudo faz parte. Publicam as palavras mais íntimas que escreveram, ou mesmo seus fracassos; mesmo após o dito autor pedir para queimarem tudo e/ou não mostrarem a ninguém. A obra é maior que o autor; é maior que seu querer; e maior que o humano que existe ali. Ela pertence à humanidade. Há portanto essa obra sempre em construção e que também nunca terminará, mesmo quando a pessoa morrer. Sempre retornaremos às suas escritas, teorias, discursos. Jesus deve revirar-se na tumba, pois nunca escreveu e sepultaram sua carne em obras que continuam construindo os discursos mais vís. E Kafka também, que nesse caso escreveu, mas confiou que o amigo incineraria seus escritos.

Existe uma outra obra que também continuará viva. Os atos de inscrição. As obras dos autores que comentamos acima também fazem parte. Mas, essa primeira, a que é definida por toda existência e produção de um ser, quando termina também já não importará, pois o corpo estará sendo comido por parasitas sob a terra. Mesmo os mais celebrados. A segunda, se torna monumento. Há muitas concepções relacionadas a esse termo, mas esse ao qual nos referimos, não é o grande referencial da representação de uma época ou tradição, e sim os novos afectos e perceptos que serão informados a cada nova leitura. Isso faz toda obra sempre em devir.

Alguns autores abusam dessa tal permanência inconstante da obra e jogam nos símbolos mortos um ponto onde poderia se ver todas as possibilidades e mistérios da eternidade num pequeno ponto. Poderia dizer um ponto final. Como a eternidade é a desejada superação da morte, isso faz com que a obra seja sem fim. Nunca chegaremos ao absoluto, por mais que gastemos tempo olhando aquele pequeno buraco; então essas palavras continuarão sendo novas a cada leitura que se busque o que é essa incompletude da eternidade. Não é possível nem interpretá-la, nem experimentá-la enquanto ser.

Ninguém lê a mesma obra. Mesmo as mais tradicionais. Aquelas que buscam talhar as verdades, ou ao menos a representação delas nas pedras. Pedras, porque nas folhas a tinta pode desbotar com o tempo. As tábuas que Moisés recebeu no Sinai pelos próprios dedos de deus seriam a verdade em sua máxima, eterna. A única coisa escrita diretamente por YHWH.

Esse mito foi escrito há milênios e até hoje discute-se se é “Não matarás” ou “Não assassinarás”. O dia sagrado é sábado ou domingo. Deus é vingativo ou amoroso? E os deuses do olimpo? Representavam as paixões humanas e as contingências da natureza ou eram realmente reais a todos. Ninguém escapou, escapa ou escapará. Bem ou mal, essa percepção da obra continua aberta, mas insistem que o corpo é coisa fechada.

\*\*\*

Seu Jucelino não podia falar das obras que fez, quando foi perguntado, porque disse que sempre trabalhou na lavoura, nas plantações. Isso não é obra, né. Ou todo o processo de cultivo; roçar, plantar, adubar, regar, colher e entregar pro senhor vender pode ser considerado sua obra? Foi nisso que trabalhou a vida inteira. Deu destaque a isso. Não teve interesse em dizer o que fez quando não estava trabalhando. Esses momentos da vida que valem a pena. É a coincidência é que há pouco havíamos lido sobre aquela tal da “estética da existência”. Que obras são essas tão distantes.

\*\*\*

No primeiro caso, se todo mundo faz obra (trabalho) porque a de uns é mais importante que a de outros (dá pra comer livro?)? No segundo caso, seu Jucelino aposentou-se, foi pro asilo e prontamente foi substituído por outro agricultor. Nessas obras, sempre haverá agricultores para alimentar a humanidade. É possível devir-agricultor quando se come tomate ou toma-se café? Ela, a humanidade, é uma das coisas mais idiotas que poderia acontecer no universo de possibilidade do que dizem ser evolução. Então, existe, por exemplo, a obra do autor Proust (tudo que escreveu e como fez sua vida obra de arte) e existem as obras dos pedreiros, dos agricultores, etc.

O primeiro é referencial, memorial, pessoal, indivíduo, autor; ainda hoje todos os celebramos; e às vezes muitos o fazem sem nunca terem lido uma só de suas palavras. O segundo é multiplicidade, devir: agricultores que a quase ninguém interessa nem lembrar seus nomes. Gente que trabalha com a terra, estão sempre produzindo e não importa quem faça o processo de entregar os alimentos. E sempre novas pessoas comerão dessa mesma terra, e novos agricultores irão cultivá-las quando os antigos se tornarem imprestáveis. Mas nenhum alimento nunca terá o mesmo sabor. Qualquer um que já trabalhou na roça sabe quais são as boas mãos. Volto a perguntar: dá pra comer livro? Só seria possível fazer, realmente, a vida obra de arte, se tudo fosse arte, mesmo agricultores produzindo seus alimentos (que não são seus), mas, como sabemos, não é.

### **Sobre nossa vida que é barco e a metafísica do mar...**

Não pulamos do barco, apenas observamos da proa com nossos corpos abertos e presentes. Sentimos a brisa, os respingos, os pelos rupiam, parece sereno. Também as tempestades, o mar alto, furioso, o gélido do alto mar e a tristeza das noites que só vemos escuridão, quando o céu não se mostra e à frente é só sombra. Ai dá medo, desespero, vertigem, o nervos se embolam e a gente treme. Mas dentro destes barcos, que muitos creem navegar leve, para nós já é sempre tempestade.

Por isso vemos da proa tudo aquilo que excede, mas não tiramos os olhos do barco. O mar, pra gente, nunca é calmo e o barco está sempre prestes a afundar. Por qualquer devaneio a gente pode tombar e, se isso acontecer, vocês só poderão nos salvar com suas narrações, sabemos. O fato é que, nesse barco, só conseguimos ver a superfície do mar, da noite, da escuridão, da tempestade, de todas essas coisas que são visíveis a todos, jamais os monstros dos quais nos disseram, nem as profundezas. Não podemos sair da superfície. Seres superficiais.

### **Sobre querer navegar - nossa vida que é barco - é preciso deixar rastros ...**

Quando precisamos começar a escrever, o desejo era criar uma obra literária; confessamos. Não por acharmos ter talento para tal. Mas era apenas para experimentar mesmo. Sem pretensão de grande coisa. Criar parece ser algo que conta na vida. Seja lá o que signifique criar. Conta como algo além dos números que somos, que nunca são considerados dignos de falar sobre qualquer coisa. Escrever é uma forma de nos inscrever nessa grande coisa que é a escrita de todos os tempos. Tudo que se escreveu e se escreverá faz parte de um

grande livro da vida. A obra dos animais humanos. E se esses podem acreditar na eternidade, é porque existe algo além dos símbolos. É o que dizem.

\*\*\*

- O que dito, mas não escrito, com o tempo se esquece. É o que nos dizem: não se pode confiar apenas na memória, no ouvido (7). As imagens se escondem em algum lugar obscuro. No oceano do inconsciente? Pode ser. E ainda tem o fato de que alguns dizem que elas ou desaparecem, ou se tornam algo indiscernível, impossível de retratar pelo trabalho da rememoração. Isso nem importa tanto. A questão é que para acessá-las dá trabalho. Agora temos isso; você sabe, precisa ser escrito, ou então é apenas loucura. Mas isso é outra coisa. Não se pode confiar apenas na memória, elas sempre estão sobrecarregadas, é preciso informar em algum suporte. Criar uma marca. E aí sim. Se uma boca fala como várias vozes, como você faz, é esquizofrenia. Se escrever com essas mesmas várias vozes, e nós julgarmos interessante, pode ser obra de arte.

- Faz sentido, mas apesar disso, acredito que essas palavras vivas de vento não se acabam nas marcas apagadas do falar... foram inscritas. Você disse sobre essa coisa das mensagens rápidas da tecnologia e como isso leva ao esquecimento. Mas mesmo com todo esse aparato tecnológico de imagens e textos sendo produzidos em grande profusão nos dias de hoje, e que são consumidos e defecados no mesmo instante, acredito que a inscrição ainda é aquela que pode permanecer. Não que todos eles se tornaram ou se tornarão monumentos (essas coisas da tradição, da celebração, da “Cultura”, da História, dos cânones). Esses serão eleitos por sabe-se lá quais critérios da instituição que já garantirá a repetição e entregará em novas mãos para que as próximas gerações de intelectos tenham acesso a eles. As obras abertas às novas gerações. Alguns realmente podem ser imortais, nesse sentido.

- Mas o que quero dizer é outra coisa. Não aquilo que fica firmado no arquivo. Me refiro a esses sulcos que vossas palavras ainda desconsideram ou não autorizam (dizem que aqui é o lugar onde tudo pode ser dito, refutado ou mesmo escondido propositalmente, mas sabemos o tamanho da demagogia dessas afirmações). Amigo, nem mesmo o oceano do esquecimento pode apagar. Permanecem como afectos transpassados, mesmo que sem aparência ou representação. Imperceptíveis; falam enquanto um povo. Portanto, mesmo que ninguém ouça, falaremos. Mesmo que ninguém leia, escreveremos. Mesmo que ninguém se importe, resistiremos. Minha avóses falaram, e nada foi fútil, irrelevante. Muitas avóses falaram. Vocês realmente acreditam que isso apenas foi? Que essas infinitesimais e,

acreditem, colossais inscrições apenas foram levadas com os ventos que vocês afirmam indicar o futuro em superação ao passado?

## TOLOS

O intempestivo é formado nesses rastros que restam apagados, longe de todo arquivo, de todo discurso, de toda celebração. Quando minha avó recebeu uma intimação do conselho tutelar para me levar por ser desajustado, ela disse chorando e gritando, com ódio de deusa, essas palavras: “enfie isso no rabo” e afirmou que não iria a nenhum lugar. Que era de briga. Ela não assinou a notificação, eles foram embora, e por incrível que pareça aquilo morreu ali, deu em nada, e por isso posso escrever agora aqui.

## Escrever

A escrita como possibilidade de dizer. Foi demorado para pensar em alguma coisa com potencial. Quando veio, chegou em uma alucinação. Em um sonho, num dia de luto. Pensando sobre a injustiça de tudo. A ideia fundamental para esta empreitada consistiria na figura de Nego. Um jovem negro fugitivo da lei que, por algum motivo, desconhecido e paradoxal, seria procurado e acusado apenas por fugir da máquina do Estado; a própria fuga como causa. Seria todo ódio a tudo. Por um lado, uma tentativa de experimentar um jogo entre uma forma de expressão da justiça tendo uma forma de conteúdo completamente diversa). Seria trabalhar em nossa escrita as formas de expressões de Estado e de Direito, bem seus dispositivos como representativos da justiça em visível contradição com a materialidade expressa nas ações.

Imaginar alguma escrita resistência contra a máquina de moer nossa gente. Então, o conteúdo da lei, por exemplo, ao mesmo tempo que deveria expressar o combate à discriminação, ou a promoção da “igualdade” ou da “liberdade” de todos; aquelas balelas advindas da democracia, do progressismo, do humanismo, do estado de direito e de bem-estar e tal; iriam ser representadas em suas manifestações completamente submersas no ascetismo, no desejo de poder; e nas ações de absurdo na regulação dos nossos corpos pelas instancias que mantêm o poder da palavra, de dizer o certo e o errado, o bom e o mal, o belo e o feio, a escrita e o garrancho, a fala e a gagueira, o normal e o desviado e, em consequência, disso nas ações de discriminação e morticínio e opressão contra o nosso povo. Isso, sempre a partir de uma régua de justiça (legalista-capitalístico-branco-adulto-monoteísta-heteronormativo)

Com isso, nosso intento seria, assim, trazer à tona as relações de forças orgânicas e inorgânicas, molares e moleculares que sujeitam a relação da sociedade contemporânea no que diz respeito aos corpos negros e outros minoritários. E por outro lado, os episódios de fuga da personagem seriam devires como processos de afastamento, guerra e enfrentamento discursivo em relação às formas de ordenação, normatividade e padronização. Portanto, uma linha de fuga que criaria um corpo sem órgãos, sempre aberto a novas conexões. De devir em devir, até imperceptível. E sempre contra a maquinaria de dominação.

No entanto, além de incapazes de cumprir essas pretensões, muitas foram as experiências nesse tempo que fizeram com que o esforço de construir a personagem e a percepção de sua definitiva impossibilidade tornassem essa estória apenas uma dimensão a ser compartilhada com outras dentro do texto. Isso também porque a própria vida transpassou a ficção e contra essa força não há o que se fazer. Não pudemos desistir e parar de escrever. Então, o fracasso ao tentar fazê-lo acabou por se tornar parte do texto. Foi preciso falar desse fracasso. Porque, na verdade, todas essas palavras partem de fragmentos de fracassos. Escrever é difícil, senão impossível pra gente. E dói: imaginar, lembrar, inventar...

Parece que nada nos é possível dizer. Um sentimento que tudo já foi dito e repetido. Uma sensação estranha que realmente nos faz duvidar de uma biblioteca infinita, que é esse universo onde o que é dito, redito, contrariado, escondido, mascarado e ao mesmo tempo refutado, bem como o que não é possível ser dito se encontram apenas à espera dos fracassos ou sucessos mortais ao recuperá-los e escrevê-los. Grandes nomes já encontraram combinações incríveis. Já se fizeram deuses para justificar o absurdo da vida. Heróis para inflamar a possibilidade de grandeza do homem. Demônios para temerem o castigo eterno. Salvadores para que a humanidade pudesse crer que a morte não é o fim e por isso deveriam obedecer a alguma coisa que não desse pra ver além das palavras, mas que teria representantes - “não ficariam órfãos”. Depois também abusaram dos deuses e dos heróis. Destruíram as tábuas de pedra e inscreveram em palimpsestos. Fizeram a natureza toda se compactar em formas. Também tiraram dos símbolos a carne que lhes confirmava a verdade. Escreveram sobre as profundezas do ser, ultrapassaram a linguagem já dita. Fizeram gritar a loucura. A transgressão: o que no íntimo se fazia na hipocrisia do privado foi jogado como merda no ventilador do público. Fizeram dançar as letras. Abominaram o sentido e a razão. Aprofundaram-se nas camadas inconscientes para encontrar o que dizer. A orgia entre a música, as imagens e as palavras. O horror à opressão. A sugestão do apocalipse não

teológico, mas cibernético - ou mesmo ontológico. Desafiaram o absoluto do tempo e espaço. Escolheram o não, a diferença, o neutro, o vazio, o informe, o conceito em detrimento da forma ou do conteúdo. Mostraram um grande processo vazio. Fizeram a volta de Ulisses para declarar, de uma forma estilosa, uma interpretação de um contemporâneo (seja lá o que queira dizer) também mitológico como representação da eterna relação entre a repetição e a diferença. É sempre o símbolo morto gráfico e a interminável jornada dos seres em inscreverem em seu epitáfio.

\*\*\*

Enfim, a percepção da impossibilidade de continuar. De que adianta reescrever cervantes com as mesmas palavras? Ou retornar àquele processo redundante que nunca termina. Estamos exaustos de tantas ficções. Mas também de tantas biografias que na maioria das vezes só servem para celebração, ou mesmo uma felação com a imagem de um indivíduo qualquer que, ou tenha feito algo de importante, ou nefasto nessa vida, ou serve como objeto antropológico de algum intelectual famigerado. Autobiografias, o querem dizer. Reelaboraões narcísicas? Que jamais sejamos acusados disso. Enfim, estamos cansados de tudo. Mesmo desses nossos pretensos discursos sobre a literatura e a vida, que de vida não vemos nada. Pois continuamos falando de indivíduos como instância, mesmo que sejam os mais estranhos e absurdos, afastados do sujeito normal - mas é aquela vida onde nela as substâncias ainda estão separadas. Personagens.

É a imitação, é a ação, é o estilo, é o caractere, é a diferença, a multitudine; as montagens, os processos, as performances de escrita, a escrita performática; em qualquer uma dessas superações há uma figura intercessora a enredar a narrativa. Mesmo que não seja um ser ou uma coisa. Podem ser multidões. Mas algo que insinua uma “coisa”, mesmo que muitas vezes discordante com a realidade.

Então afirma-se novamente que a vida é uma de cada um. Podem haver seres que (re) apresentam-se, em um devir imperceptível, mas, no fim, mesmo os pretensos encontros entre a literatura e a vida, se mostram como fórmulas ainda aprisionadas no que chamamos de Literatura. Se em qualquer trampo, dissermos: preferimos não; nos substituirão por aquele que diz: farei. E no próximo mês não poderemos pagar o aluguel. Paramos nesse momento e pensamos que se pudéssemos, apenas desistiríamos. Qualquer um que pudesse, faria. Digo aqui que não faz mais sentido escrever essas coisas.

\*\*\*

Mas a vida também se repete? Ser é permanecer se repetindo e ao mesmo tempo

diferenciando-se a cada encontro do que pode ou não ser? Porque em potência. Devir... vida e escrever. A grande árvore, copulosa, que prometera representar o mundo e nos mostrar a face de deus, cada vez mais entronizada/ derramou-se em sua tautologia. Não há mais para onde ir. Buscamos nossos intercessores, mas falávamos de coisas diferentes. Então, e agora? Decepe esse corpo! Tire suas entranhas. Veja, é ninguém. Será um dia deus também julgado? A questão não é saber o que escrever na lápide desse deus, mas sim o que constará no inquérito de seu processo.

### **PARA NÃO ESQUECER <-> É PRECISO PERMANECER.**

- Vocês têm que escrever e se conseguirem, é importante publicar. Têm que produzir. Tudo escrito como a gente ensinou. Vão. Se contorçam; escrevam. Não podem parar. Não importa o quão quebrados ou cansados estejam, construam algo, ou voltem de onde vieram. É assim. E nem isso garante algo, pois muitos escreveram coisas incríveis e voltaram para o trabalho pesado. Não podemos ouvir o que dizem. Todo mundo fala todo dia em quase todos os momentos. Muita gente falando ao mesmo tempo, o que haveria de especial nas suas falas? Para o escritor, o essencial é o silêncio e a solidão. Apenas escreva # se não for como deve ser, com seu máximo esforço, talvez seja bom não continuar. É preciso sofrer para escrever. Isso causa dor, e talvez seja essa dor o motivo da boa escrita ter tanto valor. Fazer qualquer coisa, de qualquer jeito, qualquer um consegue também. Se não der pé, este não é seu lugar. Cada um tem seu ofício. Mas alguma coisa pode sair daí. Vamos! Não é pela gente, perdoem-nos, mas é assim que funciona. Vocês podem conseguir ao menos terminar.

- Bom, ou façam algo que possa ser digno chamado de obra literária - o que já percebemos difícil demais pra vocês - ; ou nos mostrem suas vidas para que possamos interpretá-las e assim nos simpatizar. Também é uma ideia. E bem melhor. Dai vocês podem até escrever como sabem, mas revisem o máximo que puderem; ponderação, por favor. A violência, a decadência, a miséria. Alguma coisa vocês podem nos mostrar. É isso, se não conseguem imaginar como aqueles grandes e construir narrativas inovadores, nos falem de vocês. Busquem na memória. É só lembrar. Sabemos que nas vidas miseráveis sempre há poesia. Baudelaire já conseguia ver nos olhos dos pobres como tudo é bonito... tudo é bonito, até hoje ainda temos muito a pensar sobre isso “Como tudo é lindo!”.

- É que a gente esquece muito também. O único momento que consigo lembrar é o de agora e já vou esquecer. Esquece porque é mais fácil, ué, é claro. Mais leve também. Lembrar é pesado, dá trabalho; e pra quê lembrar? A gente não vai conseguir recuperar tudo mesmo; na

verdade, quase nada. E o que faremos com os pedaços que nos vierem? Fora que tudo pode ser só fruto de loucura ou de sonhos. Isso aqui é análise? Com fragmentos iremos borrar a tela? Tristeza muita se esquece para compensar seu espaço com qualquer pretensa alegria. Por isso os sofrimentos de Jesus trazem paz a tanta gente; há ressurreição no buraco do absurdo. Se andarão em ruas de ouro, porque se lembrar quando andavam nas estradas pedregulhadas de chão duro no sol quente.

- Talvez fique interessante. Pense bem, aquele monte de rabiscados sem orientação e os olhos seguindo-os até que algo pareça fazer sentido. Se fixa e por ali reflete por tanto e tanto tempo. Quando algo parece se aproximar, se percebe que além de incompleto, nonsense, satírico, e desarrumado, pode ou não haver verdade.

- E aí o problema volta ao princípio. O que é o mais interessante. Se existir um princípio, não precisa ser palavra tão dura; mesmo que abstrato, tá tudo bem; nem que seja música, número inteiro, borrão, forma; tudo que pode surgir se pensarmos naquela grande voz. De onde tudo vem e pra onde tudo vai, o relato anterior à morte dos símbolos gráficos. Mas caso contrário, não há nem o que se pensar. Não tem como ajudar. A lembrança não precisa ser exata, mas deve estar possuída por alguma coisa do qual possa ser dita como poética; ou ao menos representativa. Pode ser com suas palavras, mas tente fazer o melhor que puder. É uma ideia. Represente os seus. Há demanda e há possibilidade de processo. Está aí. Faça o litígio.

- Entendo, mas lembrar nos leva ao absurdo.

Esquecer também, mas é mais fácil, mais seguro.

- Perguntei Luzia se ela se lembrava do rosto da mãe. Ela disse que sim. Então como era? Ela se lembrava, mas não era possível descrever. Nem um mínimo detalhe que fosse. Era bonita, muito linda. O adjetivo era uma bonita forte.

- Perguntei ao sô Valdo se ele conseguia se recordar a última vez que foi feliz e ele disse que tinha certeza de já ter sido- e muito!- , mas também não se recordava quando. Talvez quando ele colhia morango lá pelas beiras do Caxixe. Ou por ali perto. No Caxixe tem plantação de morango, né?

- Dona Maricota lembrava já ter sido propriedade de gente, lá na roça, há muito tempo; apenas suspirei; e ela continuou a prosa dizendo que tinha descoberto há pouco tempo que era parente de Zé corado, capanga de um tal de Bimbim. Já deve tá todo mundo falecido. Ainda finalizou falando que (olha a boca que disse num tá mais aqui) Zé corado era filho do Bimbim, então era pra família dela ter bens, mas o filho não foi reconhecido. “Só deus pra

saber, né, meu filho!” Essa gente tem filhos à revelia e não reconhece.

- Bastiana e mais um monte de gente, tudo virou crente. Os pastores vão lá toda semana visitar. Já não tem muito o que fazer na vida, daqui a pouco vão embora. Se tiver céu ao menos tá perto. Bastiana disse que tava mais perto do céu agora do que quando trabalhava na roça. E isso dava até um alívio. Bom, eu não acredito em deus, mas sempre vou concordar com essas coisas. E vou aceitar qualquer prece vinda desses sem falas. Mas confesso que odeio aqueles pastores que vão lá... é outra história.

- Lembro não, tem tempo já. Coisa ruim melhor esquecer, mesmo pra não voltar. Quanto mais remexe em bosta, mais ela fede. Bate na madeira!

Ser coisa de dono é normal até hoje. Vocês que se iludem facilmente. A gente obedece, ouve xingo em silêncio e uns trancão às vezes. Há sempre a ameaça de milhões de gente esperando sua vaga. Dai vocês aguenta. Chama de chefe, senhor. Isso é o que? Você deixa ele ser dono pra ganhar dinheiro. Se vocês deixar de dar comida a um animal que é seu, ele foge ou morre. Um pouco diferente, mas é isso.

- Eu dividia os restos de comida com os cachorros. Por isso sempre fazia comida a mais, pra ter pra mim e pro animal. Só que ele era mais bem tratado. Mas quando chegava alguém de visita, era da família. (Nem sabia porque não pediu herança).

- Por outro lado, talvez a memória também nos proteja. Saber que o contato do fogo com a pele faz arder, queima, dói é o mesmo que saber que a morte é irreversível; e por não ter volta, sempre deve ser a última opção. É isso: um pouco de riso e um pouco de choro, esquecer e lembrar; coisa ruim, coisa boa; algumas coisas já foram mesmo, mesmo presentes. Tem coisa que a gente não sabe se aconteceu, se foi sonho, memória falsa.

- Você não está dizendo coisas sensatas.

- Talvez também seja o fato de não podermos morrer definitivamente várias vezes, o que nos obriga a morrer algumas durante o tempo em que aqui estamos; o gozo, o sonho, a loucura, tornar-se outro pra matar Eu por instantes; formas do indefinido do desconhecido. Nesse caso nos aproximamos da morte, mas de uma maneira mais segura, ou não.

- É, e para que fique registrado, é bom que se escreva tudo.

- Entre o lembrar e o esquecer passam as frustrações, as dores, a subsistência do que se deu. As formas de lidar com essas desditas, a impossibilidade de segurar essa força que passa que é o tempo. E também o medo, ao mesmo tempo desejante e sempre arisco à morte. O que se passa na obra a qual me refiro é que somos animais feitos para a morte e ao mesmo tempo seres que se acostumaram com a vida, seja ela como for (de dor ou não) mesmo sabendo que é

incompreensível e absurda. É tipo acostumar-se a comer arroz e feijão todos os dias.

- Você me fez lembrar de uma coisa interessante que Zaratustra disse sobre isso. É que na verdade “ amamos a vida, não porque nos habituamos à vida, mas ao amor” (8).

- Mas o amor é parte da vida. Sei que até o suicida pode amar outras coisas e não a vida. Nós só podemos amar porque vivemos. O amor é alguma coisa da vida, não dá pra dizer que um é causa do hábito ou do contentamento do outro. Sabemos bem o que é o amor; é bom, mas a gente não ama essa vida que levamos; só nos acostumamos. Existe a outra vida, mas não é a que estamos nos referindo agora. A gente ama amar e também é por isso que continuamos amando, mas não é por isso que nos acostumamos a viver de qualquer jeito. Não dá pra se amar tudo. Nos habituamos à vida e nela o amor existe. Mesmo que a vida seja tudo que se possa amar, algumas coisas dela não dá pra se amar; sempre depende de qual vida estamos falando.

- Isso só foi devaneio, você comentou algo sobre o hábito de viver e me veio essa referência. Você se perde demais nos pensamentos. Precisa focar. Você está aqui para isso. Então o importante é escrever. Tem que produzir. Tudo escrito para lermos e avaliarmos. Se for uma porcaria apenas te rejeitaremos, isso não é o fim. E jamais faremos por nossa vontade, é claro, mas não somos nós que criamos as regras. Também somos subjugados por elas. Para chegar a quem pode decidir e mudar é preciso passar por muitas instâncias. As quais nem conhecemos. É mais fácil escrever o que der e ver no que dá.

## **QUANDO PRECISAMOS COMEÇAR (...) (,) (?) (.)**

Começar daqui? É uma questão incômoda: por onde começar a escrever? Partir de um momento sem saber a chegada. Escolher um monte de palavras para ter algo a se dizer. Palavras que buscam encontrar a propriedade em si mesmas e sempre fracassam nessa missão. E o entre? Precisa de conclusão. Não criamos roteiro algum.

Tentamos lembrar de algum momento digno de começar; identificar rascunhos de momentos para preencher os rastros deixados quase apagados. Ou um “era uma vez” ou um “recordo-me quando”. Pensávamos que os rastros de esquecimento pertenciam a um passado possível de se recuperar. O que nos sobrou foram restos. Antes das palavras há o silêncio que diz sobre tudo que não pode ser dito. Não há nada mais preenchido que o silêncio. Há a grande voz e o grande silêncio, lados da mesma coisa que não são opostos. Então, ao tentar dispôr os caracteres sobre a folha em branco, percebemos a impossibilidade de decifrar os signos dessa impreenchível ausência. Nego é incapturável, pouca coisa é possível falar sobre

sua fuga. As poucas pistas deixadas são indecifráveis. E nos é dificultoso escrever nossas memórias, tentar fazer isso pode doer demais. Se conseguiremos, não sabemos... como? E então surgiu o desespero de não saber o que escrever. Não dava nem pra começar.

Lemos textos que nos deram algumas inspirações. Por orientação encontramos o conceito de rizoma (9). Em vez de uma única entrada e uma única saída, são várias tocas que se interconectam e a cada novo encontro surge uma nova entrada e saída. Novos significados nos encontros de coisas nada a ver. Sem hierarquias, organização ou estrutura. Não precisa significar alguma coisa, precisa apenas funcionar. Como uma máquina de imprimir, não importa o que imprima, precisa apenas funcionar. Algo que poderia nos ajudar. Era difícil, complexo demais. Muita filosofia envolvida. Mas o princípio era fácil de se pensar para quem nunca pôde ver a vida como algo certo, organizado e tão concreto. Sair da lógica 0 e 1.

Continuando, também buscamos outros pensamentos mais engajados com a realidade das lutas minoritárias; esses encontros felizes que buscam tirar a ação artística das academias, dos museus, dos teatros, das editoras (10). Uma desorientação na qual conheci gente que pensava a condição dos LGBTQIA+, dos negros, das mulheres, das mães, das mulheres negras em específico, dos moradores de rua, dos grupos étnicos que lutam pela sobrevivência desde que os brancos aqui chegaram, a condição de pessoas que só querem amar, mas são massacrados pelo ascetismo de uma religião baseada em um livro antigo, escrito por muitos homens que podiam escrever.

Com tudo isso nas cabeças, pensamos, então, na montagem de um mapa (11), um traçar de recordações-fabulações embaralhadas e desprovidas de totalidade que buscassem esses lugares de silêncio. Então, ao decorrer do processo, mudamos a proposta inicial da ficção de Nego para uma ação de fabulação, uma escrita de nós (12) mais inclinada para as falas de nosso povo. Deixamos claro, não estamos falando “por” (em nome de) alguém ou de uma comunidade dada. Tampouco nos identificamos somente enquanto indivíduo testemunhal que sofre ou participa das ações nesse escrito, nem como pesquisador-escritor que usa das palavras para representar os seus. Nos colocamos entre as vozes não autorizadas para falar “em direção” à comunidade que falta. Ainda falta... nessa repetição infinita. Sabemos da repetição infinita, mas nos levantamos para falar sobre outra coisa. Ainda nos falta o básico, e vocês procuram os excessos.

(Tentamos de diversas formas criar mapas para traçar as linhas deste texto, mas nos foi impossível)

À vista disso tudo, o escrito consiste em entrecruzamentos de diferentes tipos textuais. Isso porque o que nos interessa é um encontro fecundo com uma vida que por muito tempo o pensamento ocidental fez questão de separar entre um certo plano do pensamento e a realidade mundana das ações corruptíveis. Encontro que não vai na direção de um trabalho de pesquisa ou uma ficção, mas sim uma condução de forças que percebe na imanência a possibilidade de criação de novos horizontes para o pensamento, para esta nossa vida.

Uma linha que traça, uma borda. Bordagem de uma cartografia de afectos e perceptos ao invés de uma obra puramente narrativa e/ou dissertativa. São fragmentos de vida ligados nesse rizoma. Opressão policial em relação aos corpos negros, racismo, família desestruturada, luto, pobreza, fé, injustiça, religião, violência do capitalismo, indignância, loucura; o sonho impossível de escrever de jovens negros subalternos que saíram do interior para tentar estudar e “mudar de vida”; de alguns louros da vida também, porque ainda há perfume - mais principalmente de LUTA-FUGA.

Mas pensando bem agora, é impossível contar, então, como as avós faziam outrora, vamos dizer que é outra coisa. Vocês estão vendo nosso esforço. Estamos tentando.

### **De onde vem <-> para onde? ≠**

Muitas lembranças, sonhos, conversas, causos, alucinações, perguntas, palavras ditas e ouvidas; histórias; experiências, vivências marcadas nas peles ao decorrer da vida. O que vi, ouvi, sofri, presenciei e experimentei contam muito, mas também fechei meus olhos e minha boca e abri meu corpo para ouvir aquilo que meus olhos, ou qualquer outro sentido dele, não viram, não sentiram. Ouvir com os ouvidos e de olhos abertos, as palavras entram em uma orelha e saem pela outra; por isso é preciso mais. Nem é de escuta e/ou atenção que estamos falando.

Caminhando em um dia comum, indo ou voltando de seus afazeres diários, você parou para ouvir as realidades que passam ao seu lado. Você vê muita gente. Você ouve muitas vozes. Algumas até podem prender sua atenção pela ressonância com seu trabalho, com suas leituras, estudos ou assuntos de interesse. Mas você já parou para ouvir? Sabemos que temos apenas uma vida e lidamos com ela por nós mesmos. Criamos formas de lidar com o que somos e o que isso importa, mas e os outros que na vida passam? Sentimos suas presenças? Eles fizeram parte de nossa experiência, naquele instante infinitesimal.

Aqueles que estão perto; nas rodas de boteco ou nos salões de museus, nos auditórios ou nas salas de aula já se fazem corpo de uma maneira expressiva. Nós, contemporâneos,

sempre queremos o corpo. Há até vários conceitos para falar sobre isso. Mas aqueles que você encontrou pelas contingências da vida ... também não te veem e enfim a vida segue assim. O corpo é identidade fixa e separada, ou somos todos partes de uma natureza maior?

- Está tão frio!

- Não importa se vai chover, estamos cobertos. O seu medo ninguém vê. Tá tão escuro e não te enxergamos. É tanta vida pra viver e nós não podemos perder tempo pensando sobre isso. Lamentamos, um dia tudo isso mudará, mas não adianta vir nos falar agora. Estamos com pressa e não vamos poder ajudá-lo. Mas saiba, a direção natural da flecha do tempo está sempre em direção à frente. Que um dia isso acabe, meu amigo. Por enquanto temos outras coisas mais importantes para o momento. Há uma revolução por vir, e estamos nessa luta coletiva. Estamos juntos.

\*\*\*

Comprendemos que não conseguimos escrever bem. Mas mesmo assim queremos pensar em uma investigação sobre a potência fabulatória da escrita. Essa ação enquanto uma máquina de guerra (13) em disputa com o padrão ficcional normativo opressor e suas engrenagens instituídas. Essas que legitimam as imposições morais da justiça, da família, da lei, da religião, do Estado capitalista, do humanismo e mesmo da própria arte quando submetida aos ditames do mercado ou das instituições culturais/intelectuais quando criam dispositivos que afastam teoria da prática, o pensamento da vida, contribuindo com a permanência do abismo presente entre a fala autêntica e os ruídos dos povos em suas existências ordinárias.

Partimos da experiência transpassada do povo negro, no qual se inclui esses quem escrevem, buscamos aqui a ativação de um devir-Nego. Esse corpo em fuga (14). Pouco conseguimos escrever sobre Nego, exatamente porque ao pararmos para tentar encontrá-lo; para vê-lo ou ouvi-lo, ele já havia se perdido na multidão. Os home nunca vão pegá-lo. O mano é rataria demais. Ninguém verá Nego; ouvirão falar.

\*\*\*

Vocês devem estar desapontados porque a gente só fala e no fim não conseguimos escrever nada.

\*\*\*

As tantas “ficções” que instituíram todo o status quo ocidental são feitas de silêncios e de falas. Quem fala e quem ouve. Quem escreve e quem lê. Parece-nos que a literatura, essa instituição estranha a si mesma e à sua própria tradição enquanto escrita que se apresenta, não

tem nada a ver com isso. Muito pelo contrário. É uma vanguarda de enfrentamento aos modelos de poder. Onde podemos dizer e calar tudo; onde suspende-se a lei e todo o território da moral e do interdito. Então devemos mantê-la. Essa instituição sempre estará à frente no tempo; dizendo sobre cada nova abolição, sobre cada fragmento de pedra arrancada do absurdo que nos faz subir essa coisa todo dia, para sempre. Alguns declararam ou declaram ainda o fim da arte e também da literatura; outros não. O que isso significa?

\*\*\*

Ah, é por isso que arte existe “porque a vida não basta”. Não basta de que? O que vos é suficiente? O que há além da vida? Me parece que ela é tudo, mesmo que seja quase insuportável. Uma arte que a compense? A gente gosta das palavras bonitas. Das belas harmonias. Das singularidades das sintaxes. Os novos modos de nos utilizarmos das plasticidades das palavras e dos sentidos. Amamos tudo isso também, mas qual vida que não basta? Onde vocês veem insuficiência. Sabemos que esse bastar pode estar relacionado ao lado absurdo e cruel da existência, que sem a arte seria quase impossível, a vocês, respirar dentro dele. Ou dos véus que ainda encobrem os mistérios da existência e que nos assombram em nossas vidas cotidianas e, por estarem fora, só a arte pode desvelá-los.

Mas vocês não levantam de suas poltronas. Creio que a herança os fez achar que a vida é pouca e tediosa e só na transcendência é possível encontrar uma vida para ser experimentada de modo habitável. Essa vida é monótona em sua crueldade e seu absurdo, não resta fazer nada a não ser pensar além dela. Um certo filósofo muito famoso condenava qualquer pensador que tivesse calos nas bundas, mas pelo que escreveu, o volume e profundidade de sua obra, só podemos inferir que ele só se levantava de sua poltrona para ver os lindos bosques, lírios e jardins perto de suas propriedades. Talvez só a loucura o tenha feito realmente levantar-se dela definitivamente. A filosofia do martelo foi feita em uma poltrona confortável; provavelmente só a loucura o tenha apresentando a um martelo de verdade.

\*\*\*

- Nós já comemos, não precisamos nos preocupar com isso.

Um pouco depois em um auditório, criticam tanto Sócrates, Jesus e voltam pra mesma negação dessa bosta de mundo que a gente mora. E já foram tantas teorias, tantos conceitos. No fim, voltamos a nos perguntar porque o importante é que Jesus salvou a alma de Maria Madalena perdoando seus pecados e não quais foram os motivos de chegar até aquele tribunal de imbecis. O importante não é a vida que está acontecendo, como diriam aqueles, e sim o que a ultrapassa. Para aqueles que acordam de madrugada, pois precisam preparar a bóia para

comer no serviço na hora almoço, o que ela (esta vida) pode ser é unicamente o que ela é agora. Não têm tempo ou outro tempo. O tempo de vocês é diferente do nosso. Por isso a comunicação é difícil. Era para o tempo-espaço ser relativo só em relação à velocidade, massa e energia, mas é também em nossa ética.

\*\*\*

Voltar do grande mar com os ouvidos e olhos purificados por terem sido apresentados a coisas que ninguém jamais havia visto. Os grandes monstros só podem ser vistos por aqueles que enxergam além dos símbolos (ainda aristocratas). Quantas palavras jogadas fora.

\*\*\*

Quem vela pela alegria da vida?

Quem vela pela alegria da vida!

Quem vela pela alegria da vida.

Quem vela...

### **Do que sai da frustração**

Mas não queremos falar sobre isso. Foi só uma digressão. A pergunta era: por que a vida não é suficiente? E, bom, pensando bem, tanto faz. Vamos mudar de assunto. Não vamos nos prender a isso. Já é coisa repetida. É uma droga, a gente só sabe repetir. Talvez se nós nunca tivéssemos lido nada, não repetiríamos. Também não escreveríamos nada, mas não sei o que seria melhor. Escrever é quase morrer, mas é vida. Somos impostores, de qualquer forma. Tô escrevendo o que já escrevi nesse texto e provavelmente nas próximas páginas isso se repetirá, mesmo com outras palavras. É coisa do ódio. É muito ódio misturado com dor.

Dizem que a repetição vem de algo não resolvido. Pois bem, não acredito nisso, mas temos muitas coisas mal resolvidas. Mas não são individuais, nem profundas - de pacientes. Por isso não assino por mim. Porque também é ódio coletivo. Bom, na verdade, terei que fazer isso pela burocracia que envolve qualquer trabalho. Mas tem muita gente falando. Portanto, se quiserem tirar satisfação, vão passar muito tempo procurando todo mundo que escreveu. E nem aconselho, porque dependendo do lugar onde tiverem os irmãos, vocês nem entram. Outros já estão mortos. Outros estão em lugares muito insalubres para vocês conseguirem respirar - as clínicas.

\*\*\*

Experimentar novas possibilidades da escrita a partir de uma perspectiva expandida. Despreocupada com os paradigmas postos em jogo, ou pelo rigor das normas. Encontrar uma escrita fabricadora de singularidades; uma instância ampliadora; atualização de outros possíveis modos de se pensar a vida. Então, um processo de composição de desejos e também a partir deles. Literatura nesse sentido transgressor e de excesso da obra já pensa nessas questões, já as fazem em muitas de suas construções.

Mas queremos novamente falar, se sairmos das portas das livrarias, das editoras, das universidades, dos museus, dentre outros templos das inscrições das artes e das escritas, o que restará? Em que isso afetará aquele que trabalha de sol a sol, na barra pesada, pra ganhar um salário mínimo que mal dá pra ter o luxo de afogar as mágoas em uma cerveja com churrasco aos finais de semana? Eu sei. Todo mundo fala isso. É o discurso da moda hoje em dia. Essa não é a função da arte, da literatura. No fim, ainda nos pedem para gastar nosso tempo para buscar na biblioteca infinita uma importância ou definição para a literatura ou mesmo para a pobre escrita que fazemos, não teremos redenção de uma vida de trabalho. Vocês, nesta partilha, terão com o trabalho do pensamento? Não é com isso que se preocupam, talvez deveria ser.

### **Um espaço para se falar?**

Esse de onde vem parte de um lugar onde começa o que se conta ou da cabeça de alguém que, em algum instante do infinito passar do tempo, decidiu propício escrever algo naquele momento? Não podemos deixar de problematizar também a condição do autor (15) como criador que narra um espaço-tempo representativo de uma realidade (ordinária ou extraordinária [fantástica]). Aquele que se torna referência e, por consequência, tem a autoridade de apontar o dedo.

Para se escrever bem é necessário que “aqui nós vemos uma referência, o dedo, a influência” ou um desafio de superação de tal autor ou escola. O estilo deve ser singular, mas sempre é necessário um “fulano usou uma fórmula parecida”. Esse “criador” remete diretamente à condição deificada da “obra de arte”. Nesse caso, a tradição Literária, bem como suas normas-padrões de escrita, suas convenções, estéticas e conteúdos possíveis. Sempre há espaço para novas formulações, mas sob uma referência, mesmo que seja a mais implícita possível. Mesmo se esse autor decidir se tornar um grande transgressor, ainda será

um ícone. Os mártires dos desajustados ainda são espelhos. E isso não é culpa deles.

Essa entronização da aura da obra (Opus) e o gênio (que ainda usamos com frequência) artístico acabam por afastar a literatura do povo que não está treinado aos ditames do campo; seja para fruição ou para “criação”. É preciso ler os gênios para que consigamos escrever bem. É preciso saber o que há por trás das palavras. A percepção do “belo”, das antigas “belas-letas”, agora mudou (em pari passu com uma nova concepção transgressora da literatura) de uma formação, de educação, promoção, produção de privilégio, para uma operação que se efetua a partir de uma diferenciação singular e ao mesmo tempo repetente do referente. O belo não necessita mais ser belo por ser. Ele não mais nos importa enquanto palavra-sintagma, mas a potência de classificação que o determinava ainda continua a distinguir. Esta, continua intacta.

\*\*\*

Sabemos que a partir de meados do século XX as palavras das minorias começaram a ecoar de forma, digamos, mais visível. Ao menos foi o momento em que elas deixaram de ser somente barulho, grito, ruído, ou apenas objetos a serem representados por intelectuais. Período de uma ativação de devires minoritários revolucionários. Essa coisa do intempestivo que já falamos. No ninguém perceber surge aquilo que muda tudo de lugar na partilha do sensível (16). Muita luta e muitas palavras. Essas que vocês achavam que haviam sumido nos pequenos resmungos, ou nos vozerios.

Quando as vozes desautorizadas tomam a palavra e dispõem os seus corpos em luta a partir de novas linhas de fuga que, ao mesmo tempo que desterritorializam, criam também territórios novos a partir do dissenso. Por meio das manifestações nas ruas, das artes, das cosmologias, das éticas, das escritas, foram feitas pequenas fissuras que forçaram, na marra, as linhas de poder e criaram novos tipos de disposições em nossas comunidades. Sabemos também que não foi tudo resolvido. Para além dessas condições de novos eleitos entre as minorias e as novas possibilidades abertas ao mundo “do poder dizer”, sobrou aquilo que essas instituições gorfaram ao tentar adestrar. Isso ainda é inaceitável! Não é pra tanto. E também não dá pra aceitar todo mundo. Se todos puderem falar ao mesmo tempo, sem hierarquia - autoridade, as palavras já não nos servirão de nada.

As apropriações e mercantilização desses poderosos discursos de insurgência nos mostraram que não adianta apenas um de nós ir lá e publicar ou ser premiado pelas auras da

instituição artística. Isso tem seu mérito. Mas enquanto uns poucos eleitos são aceitos nos corredores de glória das palavras dignas de serem ouvidas; outros ainda estão falando com as paredes nos asilos e sendo considerados loucos ou apenas peso morto. Palavras são palavras, importa quem as diz.

\*\*\*

Eu estava lá sentado e a senhora disse que produzia os melhores tomates; que até já tinha ganhado prêmio. E um dia, tava passeando na plantação ao entardecer, viu uma grande luz no céu que iluminou toda plantação, depois sumiu. A cuidadora olhou para mim com cara de graça, sugerindo que era mentirada, coisa da demência. Sô Alcides jurava que tinha 103 anos, todo mundo falava que era mentira, que tinha 93; eu nunca vi os documentos. Nesse caso não poderia opinar. Mas me encantou como essas vidas não precisavam de provas para dizerem o que diziam. Ninguém acredita, mas ela viu. Ele tinha 103. Ninguém os desautoriza dizer. Loucura, advinda da demência no primeiro caso? Um documento que nunca me mostrou, no segundo. Acho que realmente tinha 93, mas queria acrescentar vida. Pra ele, quanto mais vida, mais valor. Não concordo com o pensamento, mas quem sou eu para refutá-lo. Acho que nem chegarei aos 90. Lá, na parede principal, tinha quatro grandes fotos daqueles que ainda estavam vivos e ultrapassaram os 100. Eram a referência. Sô Alcides era revoltado pela foto dele não tá lá.

Minha mãe disse que entre os mortos do mês estava ele. Não sei como foi. Mas acho que na celebração de despedida deveriam colocar que viveu muito, até os 103. Mesmo que nos arquivos fossem “só” 93. Há muito ainda a partilhar. Precisamos fazer outra coisa com as palavras e também com os números.

- CONTINUE

Voltando ao raciocínio, a questão é que apesar do movimento contemporâneo ter se aberto para algumas novas vozes em suas práticas fabulatórias, a Literatura ainda tem um quê do espírito aristocrático. Valorizam as oralidades, as performances, e estão abertos às margens. Mas se um de nós chega lá, cadê os outros? Te garanto que nossa gente tem mais história pra contar do que vocês imaginam. Não precisam buscar tão longe, nos sentidos ainda desconhecidos que são possíveis nas relações entre as palavras e um mundo além. Nós estamos aqui. Eles estão aqui. Temos muito a dizer; o que vocês nunca escutaram porque só enxergam aquilo que o espelho reflete. Por que voltar à Odisseia? E o mais perigoso, porque

voltar ao Deus cristão? Por que sempre nos pedem para ler Proust, Joyce, Cervantes, Dickens, Virgínia, Austen, Dostoiévski, dentre outros grandes se quisermos ser escritores?

Por isso, queremos pensar numa inscrita (17) possível a todos aqueles que quiserem fabular, independentemente de instrução ou talento para tal. É tomar a vitalidade da ação de inscrever (não apenas o escrever no sentido stricto, mas todos movimentos de disposições de corpos em fala a inscrever sob o tempo) em detrimento da ideia, do conteúdo, da compreensão, da interpretação, da forma ou dos efeitos estéticos esperados de uma “obra”. Já que dizem que vida também é obra. É, além disso, uma linha de rompimento, de desterritório, dessas expectativas. O que buscamos é uma escrita que vá além das nossas fabulas (18).

### **Literatura é uma obra para além desse barco que é a vida ordinária?**

- Se representamos os miseráveis em nossa ficções é porque nesse oceano em que estamos megulhando podemos enxergar tudo, até mesmo esse pequeno barco não tão seguro, mas navegante em que vocês sobrevivem com suas histórias. Não podemos ajudá-los, mas navegamos próximos. Falaremos de tudo que vimos.

\*\*\*

Em nossas pesquisas em artigos relacionados à abertura que as instituições de artes criaram para as manifestações contemporâneas da literatura de vozes minoritárias, nos deparamos com uma reportagem sobre um embate envolvendo um velho tema “isso é literatura?”. Não pensávamos que ainda existisse esse tipo de discussão, mas fomos ler. Foi em 2017. Então já faz um tempo. Talvez quem disse nem acredite mais nisso.

A Academia Carioca de Letras fez uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus. Em uma das falas, após muito elogiar e engrandecer o trabalho da escritora, um professor e crítico de Literatura fez o seguinte apontamento: “O livro ‘Quarto de despejo’ não é literatura. Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’” (GLOBO, 2017). Como dissemos, o texto já é antigo, e não estamos utilizando-o para criticar ou defender qualquer ponto de vista. Não queremos discutir os problemas desse excerto. Compreendemos o contexto da discussão sobre as denominações institucionais do conceito de Literatura. Tampouco interessa-nos seguir o curso das discussões sobre o quanto aquela escrita tem de diário, uso relatório da linguagem, ou Literatura, seu uso estético. O quanto de imaginação ou de “realidade” a escritora usou? O quanto o editor interferiu? Quais

foram os objetivos das palavras que ela usou?

Tem ficção ou não? O que separa? Por que isso importa tanto? Por que perguntar tanto sobre isso e não experimentar o que ela escreveu em seus velhos papéis? Decerto que ainda hoje não estamos totalmente abertos aos ruídos. Se hoje a escritora é glorificada por muitos nos campos das letras e da arte contemporânea, se deve mais ao que ela representa como escritora-mulher-negra-favelada ou mesmo às denúncias que fez em seus escritos do que ao que a instituição Literária reconhece por “mérito Literário” em sua escrita. O que é incontestável, sabemos, é que ela dispôs uma nova percepção de aceitação dos tipos de escritas; sobretudo aquelas vindas dos que recolhem suas folhas meio amareladas, sujas dos lixões. Quem pode escrever agora é outra coisa. Novamente voltamos à partilha.

Isso nos moveu, então, a pensar sobre o quão infértil é seguirmos conservando o culto a um ídolo moribundo: a obra de arte e tudo que advém dessa determinação. O que nos leva a despender tanta energia para tentar provar que o que fazemos deve ser considerado arte? Ou isso é Literatura? Essas coisas que só podem ser feitas se for para além das nossas labutas diárias? Aquela separação dos que projetam o curso dos rios e os que cavam para a água chegar aos sedentários. Os nômades ou os que permanecem com seus territórios bem escritos. Definitivamente essa estranha coisa que chamam de literatura não é para nós. Existe a boa intenção. Mas ainda hoje serve ao mercado e aos paradigmas culturais de distinção das elites. Mesmo que muito de seus autores, ou críticos busquem o contrário (19): Tamu junto!

Por isso, não nos contentaremos com a reverência, com a servidão - não somos súditos. Martelamos e ouvimos oco de vida. Os ídolos devem ser destituídos, não por iconoclastas vanguardistas, mas por um povo que falta (20). Então, como escrever para contra-atacar a arte Literária e aqui, conseqüentemente a escrita academicista. Fazer uma contraLiteratura? Não cremos ser possível. Mas, antes de tudo, o que queremos é um movimento de defesa. Apenas não queremos mais ouvir que não podemos falar como conseguimos. Nos propomos a pensar.

\*\*\*

Ao provocar uma reflexão sobre o espaço constituído pelas experiências e subjetividades do povo negro dentro da tradição Literária brasileira, Conceição Evaristo destaca a tentativa de inferiorização desse corpus. Tanto em relação às personagens marcadas pela animalização e subvalorização dentro das narrativas em obras clássicas; como exemplo

temos personagens desprovidas de intelecto ou civilidade, os corpos sexualizados, ou o fetiche pela servidão. Quanto ao apagamento dxs escritorxs dentre as minorias que contam suas histórias com linguagem própria e realidade escrachada, independentemente dos padrões de forma-conteúdo ou escrita correta estabelecidos pelo mundo das artes. Esses, em suas maiorias, são deixadxs às margens, isoladxs, esquecidxs. E são inumeráveis.

Um apagamento deliberadamente marcado por padrões institucionais que vão muito além da obra de arte ou da literatura da em si. Eles precisam aceitar alguns pra manter o status subversivo das instituições artísticas, literárias. Hoje essa é umas das funções desse espaço. Mesmo que dentro de um salão sagrado, ela ainda precisa ser subversiva. Mas sabemos que longe dos holofotes estão “um mundo, um povo” que deixou inscrições nesses chãos. E tenho certeza que os representantes das instituições temem, porque sabem que a cada momento estamos... Eles asfaltaram a rua lá de casa, mas deu buraco e tudo parece que voltou a ser estrada de chão.

Ao escrever sobre a forma como Carolina Maria de Jesus foi/é tratada por parte do campo literário, Conceição Evaristo aponta para o motivo do incômodo que a instituição tem com a autora.

“Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa - como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita - e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” - sob o olhar de muitos - uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca.” (EVARISTO, 2009, p. 28)

Fato é que quando Carolina Maria escreveu, sua preocupação principal não era em ser ou não reconhecida como autora literária pelo mercado, crítica, literatos, professores, ou quaisquer outras “autoridades”. Ela mesmo dizia que:

“(...) era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.” (JESUS, 1993, p. 173)

Existem milhões de modos de pensar o que é a realidade. Quando eu digo, parece até que a conheci, né. Bem que queria. Mas a relação aqui ultrapassa apenas citá-la como caso. Ela é a avó nali, a avó Edir, e tantas avóses que tive em minha jornada. O importante agora é dizer que ela escreveu como sabia e vivia. Errando e poetizando cada caractere omitido ou mal empregado, cada perversão de coesão ou coerência. Escreveu porque é isso o que faz quem gosta, é obrigado, necessita, ou não aguenta mais. Os narrados são entendíveis,

poéticos, potentes; manifestações que podem ser pensadas para além do texto individual em si. Se não soubesse escrever, contaria como nossas avós.

Os escritos são mais sobre os encontros e desencontros, os desgostos, desencantos, o sofrimento, a solidariedade, o egoísmo e também as singelas alegrias daqueles que deixados ao deus dará nas favelas. Podemos dizer que ela foi a pena que escreveu como um povo impessoal e não uma voz a representar a experiência de um “Eu” que sofreu naquele lugar. Minhas avós também estão ali. Mulheres negras, pobres, trabalhadoras, indigentes, que tiveram que criar os filhos sozinhas, que contavam histórias sempre que conseguiam. Só que elas não sabiam escrever, e Carolina Maria de Jesus sabia.

A questão que talvez mais incomode é o fato de que o texto vem de fora. E aqui vocês vão nos ridicularizar. Mas não dizemos daqueles foras que sempre se dizem. Do mar além do barco; do espaço vazio que sobra em toda obra; do não inscrito; de qualquer pretensão metafísica ou outro fora que mais nos parece algo de espiritual quando lemos. Lembremos que Deus também está fora. Mesmo se considerarmos o fora como o espaço da alteridade, na prática, nos parece que ainda há um abismo na capacidade de aceitar a presença desse fora do qual estamos nos referindo. A tentativa de encontro na diferença faz muita teoria desmoronar. Como fazer isso?

O que queremos dizer, então, é o fora dos seus apartamentos, de suas experiências de infância até a vida adulta. É fora do privilégio de ter a certeza que mês que vem vão comer, ou ao menos amanhã. É fora de todo lugar onde o trabalho é privilegiadamente com escrita ou com as palavras de poder. Fora do trabalho que não massacra o corpo. Fora do alcance de suas línguas, as belas construções, da seta que ultrapassa a sintaxe e o sentido das palavras e suas relações com as coisas. Nesse ponto não há como haver empatia. Fora das suas abstrações. O que tiram do dito ou o que fazem dele. Fora... a vivência de uma mulher negra que catava papelão para dar comida aos filhos que criava sozinha.

Mas, do mesmo modo, também diz mais que as palavras pressupõem. Mais até do que se espera da língua em sua função literária ou denotativa. Estamos falando de um fora que está aqui, presente, palpável. Mostrável. É um fora, mas um fora deliberado ou ao menos inocente. É uma linguagem literal (tá tudo ali, simples, escrachado e da forma mais amostra possível), mas não denotativa no sentido do que conta. Ao menos não para vocês. Pois nunca conseguirão ter a precisão do que é passar fome. Não estamos na metafísica. Apenas dizemos que há algo que sobra e está à mostra, talvez tenha relação dos papelões nos lixões. Eles

sobram, né. São jogados fora. E depois dá pra vender. Vão pra reciclagem.

De qualquer forma diz outra coisa, além de suas expectativas.

Mas afinal, quais são essas? E além delas, o que pode ser encontrado então? Desse restolho a que se referem, é possível pensar algo que ainda não dissemos?

Eis a questão: Além da língua normativa, existe um ser, um território da Literatura que circunscreve o que é palavra comum, vulgar (21) e o que é palavra indicativa desse ser, portanto, dotado de literariedade, no sentido propriamente dito. A história é longa. Sabemos que a Literatura enquanto designação específica de um espaço que se dá no limite entre o plástico da língua e a letra morta no volume da obra (22) só veio a aparecer nos finais do século XVIII (23), juntamente com a concepção moderna do “indivíduo” e com o interesse pela condição do que se entende por “humanidade”.

Um movimento contra aquele pensamento da neurose do racionalismo. Foi também o momento em que, na escrita, o estilo substitui, de forma hegemônica, a arte da retórica do saber clássico calcado na representação. O gênio faz sua obra singular. O que salvou muitos nomes foi o estilo. E então, talvez o mais interessante dessa transformação: é o momento onde se pode dizer ou esconder tudo. O mistério vale mais que o desvelado. Os sacerdotes cristãos e seus rituais dionisíacos.

Em um primeiro momento alguns escritores, como Marquês de Sade, se utilizaram da opacidade desse espaço negativo, ainda nascente, da literatura para transgredir o interdito da linguagem. Nesse caso, esse espaço não o salvou; ele teve que pagar como quem inscreve a verdade no que escreve. Posteriormente, a literatura é assimilada pela subjetividade individualizada da burguesia, servindo talvez como alibi para aquilo que não pudesse ser dito ou feito mundaneamente, encontrasse a liberdade com o nome de “literário” (24). Lolita faz parte do cânone. Não que a literatura estivesse à frente, na vanguarda, em relação aos estatutos morais e éticos de uma sociedade. Mas sim, que haveria um espaço ficcional que seria suspenso, separado da vida ordinária. Portanto, a Literatura compensaria a sujeição do ser à normatividade, assim como a eternidade da alma compensa a inexorável e indesejada mortalidade do corpo.

### **Uma outra escrita**

Depois de tanto pensar sobre isso, só podemos querer uma escrita que vá em outra

direção. Não que saibamos como fazer, não que nos sintamos preparados a ponto de sobrepujarmos aos geniais eleitos da linha evolutiva que sempre levará ao recomeço da voz inaudível que pode dizer e não dizer tudo. Somos apenas vozes não autorizadas, grito, ruído. É outra coisa.

Negar-devir-fabular. Não são as ficções - das “maiorias”- que buscamos. Mesmo que, como consideram muitos, o regime estético das artes (25) no qual a literatura enquanto tal se definiu tenha trazido ao campo das palavras dos discursos e dos dizeres uma certa democracia das coisas, dos temas, dos corpos, dos gêneros, dos discursos, das falas e de todas as postulações que a submetiam outrora ao esquema mimético-representativo, ela ainda é uma ação privilegiada daqueles que têm a palavra, que podem agir por meio dela; pelo pensamento, escrevê-las nas linhas das histórias dos povos.

Então, vemos que essas ficções ainda estão de acordo com o modelo de dominação, com um diagrama de poder - do saber. Mesmo as mais revolucionárias. Do que nos importa se podem fazer tudo com as palavras em suas narrativas se essa ainda é uma brincadeira de bem nascidos ou dos poucos pobres que conseguem ser eleitos. Um grande autor romântico certa vez disse que um poeta-operário deveria continuar trabalhando e sendo poeta, e, para ele, isso era maravilhoso. Estaria ali a potência do que o trabalhador escrevia. Se sobrar tempo, né, meu caro.

Ainda lendo um pouco sobre filosofia e suas relações com a arte escrita, para tentar sair do impasse ao qual me encontrava de não conseguir fazer nada, eu me deparei com uma concepção interessante. Na verdade, um chamado à “função fabuladora dos pobres” (26). O que consideramos verdade, realidade, consenso é também de certa forma corolários de ficções - narrativas que preenchem o sensível. Os livros sagrados, as legislações, a democracia burguesa. Do grande leviatã ao poder das cortes de justiça. Alguns, em alguns momentos, imaginaram o que deveria ser a realidade em si e é nisso que estamos convencidos. A essas ficções. Monumentos de preservação. Literatura, política, ética e vida se envolvem em uma teia complexa demais para que, no presente, possamos enredá-las.

A arte das minorias se opõe a essas ficções da verdade pela capacidade de falsificar, debochar, dessacralizar esses padrões a fim de conclamar o que falta. E isso que falta é um outro; como o outro indireto livre que “é” sempre em devir. Nós apenas somos “é” enquanto instante, que é indiscernível, na presença do próprio reflexo ou de algo ou alguém...e, mas ele já passou, então “é” já é outro e por ai vai. E nesses “ser indiscernível”, tentamos falar. Vocês

estão estáticos, com suas certezas e individualidades, seus eus, seus discursos diretos que reproduzem exatamente o que as palavras ordenam.

Quando nos questionamos sobre estas nossas coisas; a vida que levamos sob essas igualdades, liberdades e justiça. Se ainda precisamos de abolição. Ah! Quando incendiar a casa grande, verão o que pode o corpo... verão. O que pode...? O outro está além da borda. O devir dxs ... O lar dos oprimidos não está neste mundo, não é este mundo; sobre isso escrevemos. Ainda buscamos um lugar... para sempre.

É sintomático do modelo capitalista-racista-patriarcal-lgbtqia+fóbico, que o dito “cânone” (que já há muito tempo tem seus efeitos dissimulados em nome de uma dita “democracia literária”) despreze aquilo que grande parte das minorias produzam. Afinal, a partilha do sensível é disputa e todo território é plástico e cambiante. Ocupar um lugar no espaço-tempo (que se está dentro ou fora do ser, não é caso de discussão agora). Por onde vamos entrar. “Você não pode dizer isso”.

Por isso a nós cabe causar dissenso, traçar linhas de fuga. Assim, é a linguagem normativa e seus limites que precisam ser ultrajados, e já são por muitos de nossos amigos, mas também o poder de quem pode decidir quem é digno a falar. Vocês são mesmo nossos amigos?

Não um experimento estético que constitua uma singularidade do caso literário, das palavras e das suas coisas, ao infinito, a redundância; mas sim, uma linha de fuga. Fugir de tudo o que nos disseram. Estamos falando de uma língua que se dá na ação; o que torna impossível escrever, pois é o corpo todo em ação para fazer isso. O que escrevo nesse momento já foi, e não existe nem se for lido novamente, e jamais farei. Se outros lerem, como já disse, será outra coisa. Então o que digito só existe agora, mas não mais e eu nem percebi, não tentei. Apesar de tudo já ter se passado em algum momento.

Não escrevemos pensando no que vamos dizer. Tudo fala e apenas somos flechados. A cabeça pensa em milhões de coisas, conversa como se fossem muitas vozes falando ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo, o corpo sente tudo o que é possível sentir nesse momento e os dedos digitam. Tudo isso uma coisa só. Não sei se posso dizer que estou escrevendo, é apenas uma parte de tudo que está acontecendo, mas continuarei usando este termo para não gerar mais confusão. Os dedos que se movem são nada neste momento.

Vamos então fazer alguma coisa. Preencher um espaço de vizinhança onde só se “é” à

medida que se torna “outro” (27). E outro talvez nem humano, nem o que conhecemos. Isso é loucura.

Vejam algo mais próximo de nós. De convívio. A gente precisa escrever todas essas histórias-vidas como tornando-se o que puderam e não puderam. E que também nem viram, mas seria possível ver. Tudo em potência. Aqueles momentos milésimos de decidir o que dizer, tudo podia ser qualquer coisa; está tudo presente e por vir e irrealizável. Tudo isso de olhos fixados em suas cadeiras de rodas e em seus poucos segundos de lucidez. Infelizmente, somente terem vivido não bastou, será que com mais arte bastaria? Foi pouco.

Não que elas quisessem permanecer por mais tempo, mas também não sabemos o que elas quiseram. Quando perguntamos, não quiseram nada, pois nem sabiam o que era querer. A demência as faz falar coisas incompreensíveis. A gente sabe que não pode falar como eles ou por eles; essa coisa de ressoar por proximidade e simpatia; essa vizinhança é difícil. E se formos de devir em devir onde vamos parar? Alguma coisa aconteceu ali. E não há ser nessas pessoas que se possa narrar. Todo desvio é mortal porque morre o que éramos quando ouvimos, vimos, escrevemos, lemos, ou lembramos, mas não dá pra morrer sempre. Devir tem a ver com vida. Definitivamente é só uma vez que se morre, como já dissemos. No mundo é assim. Toda prudência é necessária. Tentamos sempre morrer com muita gente antes da vez derradeira, mas a vida nos mostrou que a morte do eu faz sangrar, às vezes. E por fim se torna insuportável continuar. Vó dizia que queria me ver trabalhando escrevendo. Também foi um trabalho pesado.

É fácil “morrer escrevendo” imaginando, em potência, como seria deixar de ser; aproximar as palavras a cada vez mais do não-sentido, da não consciência, do não saber-se, do não existir. Devir um animal morto. Mas é insuportável “morrer escrevendo” morrendo, aos poucos, junto à morte que se aproxima de um ser real, que já teve sua vida normal, mas agora é não ser. Que não sabe mais que existe, mesmo com as funções vitais funcionando. A tangibilidade desse tipo de tentativa de “morrer escrevendo” nos faz ficar de cara a cara com a derradeira. Isso machuca, de verdade. Esse é outro fora, talvez o mais insuportável de todos, pois tanto a morte que se morre continuando vivo, quanto a morte literal são partes da vida. Escrever isso é difícil.

\*\*\*

Dona Polônia. Ela dizia: “é meu amigo, sempre vem me ver...conversa muito

comigo” Sempre gritava que tava com dor, mas deus iria curar. Gritava tão alto que todos os outros reclamavam e as cuidadoras a cada vez mais percebiam que precisavam de terapia. Dizia que quando ainda tinha suas pernas, gostava muito de perambular. Eu dizia que nada era impossível para deus. Um deus que eu nem acreditava se tornara meu e poderia trazer alívio para suas dores. Ele ia acalmar a dor. E no céu não havia nem mais dor, nem mais prantos, pois todas as coisas haveriam de passar. Deus daria as pernas de volta, e ainda melhores. Todo dia falava pra deus me abençoar. Para sempre andar nos seus passos. Eu nunca perguntei como aquelas coisas aconteceram, seria inoportuno. Ela ia falando e eu ia pegando os pedacinhos das palavras para criar uma pergunta e assim continuar o assunto.

\*\*\*

Ensinou o neto a dizer “não” desde muito cedo, mesmo sem nunca ter aprendido. Pode parecer coisa qualquer, mas não...

- Tudo tão difícil. Vida amarrada. Amarga. A gente trabalha tanto pra nada. Meu amor, vá pra longe pra ver se dá pra dar paz ao nosso sangue. Consegue alguma coisa pra gente.

- Vovó, a senhora tá chorando? Prometo que vou conseguir comprar um barraco pra gente.

- Mas as lágrimas não são somente minhas. Se não der tá tudo bem.

A fome, o luto, a dor, a injustiça, o trabalho indigno, a perseguição, a indiferença; enfim, o deus que nos deixou órfãos. Também a luta, a fuga, a vida artista, os Orixás, os Xamãs, os ancestrais, o inexplicável, o coletivo, um abraço de vó, uma dança em círculos e tudo o que abarca a vida em sua potência artística. De sempre se poder fazer mais além do que é. Ai sim, podemos falar no excesso das obras. Mas que não as separem de nossas lutas diárias. No pensamento erótico, insano, raivoso, caótico, lacrimoso, onde pode advir as mais potentes armas para a construção de novas formas de experienciar.

Não nos levem a mal. Estamos aqui e realmente não pretendemos desprezar a história/tradição/estética/crítica da literatura canônica. Contudo pensamos que pode haver algo relacionado a práxis na ação fabulatória - uma vitalidade - que ultrapassa o monumento, o artista e a própria instituição. Onde o estético e o político se confundem. Estamos, assim, também dialogando com outras vozes, dentre as mais diversas áreas do conhecimento, ao pensarmos sobre o levante, já mencionado acima, após meados do século XX, das minorias em relação ao mundo das artes - um “giro minoritários das artes” (28).

Dispensando, nesse sentido, a aura artística e as formas instituídas, os mestres (que não sejam nossas avós), seguimos esse caminho.

Na tradição, as artes, as inscrições no geral são produtos de um grupo seletivo que possui “dons” e “talentos” especiais para a construção ou fruição das obras artísticas. Nós reNEGAMOS esses consensos. O que queremos são novas fabulações (29). Imagine se todos os explorados pudessem por um momento expressar o que sentem por aqueles que os dominam. Isso com ódio, rancor; com aquela parte animal que compõe toda espécie humana. Aquele instinto mais primitivo no interstício entre o feroz e o moral. No mais intempestivo da alma, o instante onde deus se distrai (é só ir em uma obra na segunda). Onde não existem palavras. Dali sairiam monstros, capoeira, demônios, deuses, revoluções, mortes, ressurreição. Talvez aí o motivo da loucura ser tão ofensiva. Não somos inofensivos. Falar já é agir.

A mão que escreve carrega o peso e leveza de toda ancestralidade que, apesar de dispersada da genealogia humana, ainda vive como parte da vida. Nos sulcos apagados nas poeiras pretensamente resolvidas como definitivas e aprisionadas ao que foi esse passado sem arquivo; onde jamais poderemos buscar. Então qualquer esforço é apenas perder tempo. Ah, mas o corpo.. O corpo não é só coisa fechada, é tanta coisa que nem cabe dizer, mas sabemos que não é só “Eu”, nem só aqui, nem só agora. Às vezes sonho com aquele navio, com aqueles chicotes; também com a fuga; quilombos; capoeira- e adoro samba. Não conheci meus ancestrais e nem sei de onde venho, mas sonhei. Sonhei com rios e lá não havia quem nos mandasse, nos perseguisse, nos julgasse. Aqui, rio de lágrimas.

É mister que as vivências e loucuras das minorias ganhem espaço e que ativem modos de enfrentamento de nossa doente “realidade”. É necessário que a máquina de fabular destitua a passividade imposta pela moral de dominação aos oprimidos. Que insurjamos por meio de nossas próprias enunciações para um devir revolucionário; que está sempre tornando-se, nunca “é” nem “será”, mas sempre tá ali onde a avó defende o neto. Qualquer oprimido pode fabular. Eis porque defender que não nos importa fazer Literatura. Em uma coisa concordamos com o doutor - “se aquela mulher escrevia qualquer um pode escrever”. Viva Carolina de Jesus! Viva minhas avós!

**A obra: os tijolos, a areia, as pedrinhas, o cimento e as palavras.**

Havia cinco dias que estava agoniado. Naqueles, não tirava o celular da tomada para não ter risco da bateria viciada estar descarregada quando ligassem. O aparelho era velho, de

tela trincada; difícil até mesmo para conseguir digitar. O concerto sairia muito caro e ele não queria gastar com aquilo, no momento. Pão duro pra caralho. Ainda estava funcionando, o que importava. No período, estavam rebocando os apartamentos do segundo andar da obra. Morava na parte de baixo, que já estava mais adiantada só faltando, para terminar, a pintura, as janelas e portas. Essas estavam tampadas com madeiras e tapumes firmados por blocos de concreto. Fernando, o dono da obra, dizia que ia esperar um pouco pra colocar as portas e as janelas porque estava gastando demais com as obras.

Na mesma obra, Rafael morava em um outro apartamento ao lado, na mesma situação. Um jovem de vinte e oito anos, negro, de lábios grandes e olhos bem abertos. De corpo musculoso e cabelos volumosos. Uma ótima pessoa, mas o semblante e algumas pequenas atitudes mostravam que era desconfiado demais. Falava pouco e não se enturmava. Chegara ali há poucos dias pedindo trabalho e moradia. Por sorte, Fernando estava presente no dia e acabou por deixá-lo pousar e trabalhar. Rafa era fechado na maior parte do tempo, com exceção de quando tomava pinga e fumava um. O humor melhorava e acaba por se tornar um grande zoador. Foda é que sempre quando a onda passava ele se apagava por lembranças tristes.

De dia os dois ajudavam o sô Délio, pedreiro da obra. Um senhor de aproximadamente um metro e sessenta, magro e de pele muito queimada pelo sol. Sempre estava com os cabelos desgrenhados e barba grande por fazer. Voz rouca por fumar um cigarro a cada hora. Era o que mais falava. Sempre contava sobre as desditas e loucuras de sua vida. Isso fazia o trabalho ficar menos árduo e a vida também. Tanta coisa havia passado e apesar de seus cinquenta e três anos, aparentados de quase setenta, sabia muito bem rir de toda desgraça que passara.

Ele contou uma história bem interessante da época em que era caminhoneiro. Ele trabalhava para um senhor que tinha muitos caminhões e contratava gente para dirigí-los. Esse cara fez uma proposta ao seu Délio para que tombasse o caminhão na estrada a fim de conseguir o dinheiro do seguro. E assim foi. Em um dia enquanto levava um caminhão baú cheio de eletrodomésticos, o Délio simplesmente jogou o caminhão em uma ribanceira. Ele contou que se quebrou todo. Foi até parar no hospital. Mesmo com o cinto de segurança e todo um plano para não se machucar tanto. Quando aconteceu, algumas pessoas que passavam pelo local mais que depressa pegaram as televisões, os aparelhos de som, de vídeo, o que puderam levar antes dos bombeiros e policiais chegarem no local.

Outros tentaram tirá-lo o mais rápido possível do caminhão. Mesmo que não parecesse que iria pegar fogo ou coisa do tipo, tiraram-no antes mesmo do socorro chegar. Não foi o certo, poderiam machucá-lo ainda mais, porém a intenção foi boa. No fim, o seguro realmente cobriu o prejuízo do acidente e dos objetos estragados e dos levados pelo povo. O patrão deu cinco mil reais para o Délio. O que na época era muito dinheiro... pra gente ainda é, né. Aí depende de quem for ler. Apesar disso, seu Délio gastou o dinheiro em pouco tempo e percebeu que aquele trabalho não era pra ele. Assim, ele começou a trabalhar de servente e depois de um tempo, se esforçando em aprender tudo da profissão com os mestres de obra, conseguiu se tornar pedreiro. Quando tinha obra boa pra fazer, ganhava mais que quando era caminhoneiro, e era menos arriscado. Também poderia ficar com a esposa em casa e não precisava quase se matar porque o chefe pediu. Nem sempre conseguia pegar obra pra fazer, mas sempre aparecia uns bicos pequenos também e assim dava pra viver. O Fernando não pagava tão bem quantos outros com quem já tinha trabalhado, mas era serviço fixo e a empreitada era pra bastante tempo. Além de Fernando tê-lo deixado morar em uma outra de suas obras.

Desculpa. Eu me perco muito nessas coisas. Para voltarmos:

Mas, assim como os dois serventes, nos últimos dias ele estava mais calado, um ar triste e preocupado. Os três não queriam tocar no assunto, por isso trabalhavam sem muita conversa. Os assuntos estavam se resumindo a poucos comentários sobre a obra e o tempo. Havia muitos dias que não chovia.

Naquele dia, tava todo mundo de cara, mas ninguém tinha disposição pra fazer corre e naquela situação nem teria graça. Capaz de dar bad ainda.

Foi dia vinte e três de Junho. Cinco e meia da tarde e eles terminaram os trabalhos colocando os porcelanatos em um quarto do apartamento esquerdo do segundo andar. Lavaram e guardaram as ferramentas, arrumaram as bagunças. Após conversarem sobre os afazeres do dia seguinte, rapidamente comentaram o caso; só mesmo que para deus ajudasse que tudo desse certo. Os dois jovens se despediram do véi Délio que partiu no seu Uno baqueado ouvindo Bezerra da Silva na caixa de abelha do som. Depois, apenas trocaram algumas palavras e Rafael foi para seus aposentos tomar banho e descansar. Disse que estava morto e não ia demorar pra capotar. Era uma tarde sombria, mas o céu não estava fechado de nuvens. Um ar fresco tomava o clima. Aquela estranha paisagem ressoava o tempo que se passava arrastado, pesado.

Ficou ali por alguns momentos olhando para o céu e pensando na vida. “tão imenso!”. Foi quando sentiu um aperto na alma e por alguns instantes pensou no pior que poderia acontecer. Mas logo a razão voltou e respirou fundo. Não poderia fazer nada mesmo. Decidiu entrar para tomar um banho.

Depois de banhar-se, foi fazer a janta. Comeu e lavou a louça. Jogou um pano sobre as panelas que ainda estavam mornas sobre o fogão e foi ao quarto para deitar-se em seu colchão. Também não quis comprar cama para economizar, e estava acostumado desde sempre a dormir só com colchão. Como sempre, o corpo relaxando e esfriando fazia sobrevir as fisgadas nos nervos, as dores nas pernas, nos braços, nas costas. Ao mesmo tempo que aquilo dava um certo prazer. Um corpo em repouso - fazia sentir essas dores que o sangue quente amortecia durante a labuta do dia.

Ao lado de seu colchão havia um caderno e uma caneta que sempre deixava lá e que às vezes serviam para guardar algumas palavras. Não conseguia escrever todo dia e mesmo quando conseguia, adormecia enquanto o fazia. O cansaço sempre saía vencedor. Então, aqueles objetos ali no chão continham pedaços de memórias, tanto de um passado mais distante, como do dia a dia. Tinha o hábito de escrever desde muito moço, mesmo odiando fazer. Era mais por necessidade mesmo. Até tentava inventar algumas histórias, mas essas sempre ficavam de lado. Somente pedaços. Pensava no quanto queria saber escrever bem; daí talvez teria prazer. Dar vida a personagens, enredos, os detalhes descritivos das coisas, das ações, o próprio estilo, tudo isso era algo que fascinava o jovem. Talvez o desconforto em escrever fosse porque não sabia fazer direito. Isso explicaria o fato de ter a necessidade, mas não gostar. Se aprendesse a escrever bem, e usasse daquela necessidade de fazer, talvez poderia ser escritor.

O dever de escrever veio quando ainda era adolescente morando com Vovó. Na verdade não era interesse. Como disse, isso sempre causou-lhe mal estar, mas não conseguia não fazer. Em meio aos seus pensamentos, encontrou a imagem de um tempo que morava no interior. Era cheio de riacho, cachoeira pra caramba (interessantes como nunca aprendeu a nadar. Sempre ficava no raso), mas nenhum mar. Vó já tinha ido quando jovem. Foi trabalhar lá, mas depois de um tempo teve que voltar para roça; tudo muito difícil e caro nas costas deste país. Tentava explicar para o neto que é tão grande que cabia montão de rio guandu. Azul igual céu mesmo, só que em terra. Não em terra, mas em cima da terra, mas é diferente de rio pois não dava pra ver nada além, só o céu. Um grande encontro.

Por lá quase dava para ver assim também, mas tinha que baixar para conseguir ter a perspectiva exata do encontro do céu com a água. Mas sempre decepcionante. Abaixava-se às margens dos rios e tentava ver de alguma maneira, mas sempre tinha montanha ou árvores atrás. Tinha apenas um pedacinho, bem pequeno, no Rio guandu, que depois dele não tinha nada, encontrava com céu. Era o mais próximo de conseguir. Ah, é. As água vem e vai. Se vento tivesse cor seria azul. Porque parecia que tava tudo junto. A brisa até vinha com vento e água. Ela descrevia como foi aquele tempo e falava da alegria de se estar na praia. Sempre que tinha folga ia com os meninos mais uma renca de amigos. Saíam da favela em bando. No ônibus era só farra. Quando chegavam, dava pra ver que o povo ficava com medo. Os guardas que ficavam no posto até se aproximavam. As pessoas olhavam feio, mas tava todo mundo pouco se fudendo; só queriam curtir o mar nas poucas horas de folga.

Ele viajava imaginando. Adorava rio, mas já tava acostumado, desde que nasceu. O mar era promessa. Nas revistas, nos livros ou na tv era tudo artificial. Não iria conseguir sentir aquilo. Tentou contorcer o corpo de todas as formas para tentar ver como seria esse tal encontro dos azúis. De tanto trabalhar nisso e ver que não tinha como, acabou que necessitado de imaginar tudo aquilo. Se as palavras de vovó o faziam ver todas aquelas coisas, ele também devia poder criar suas próprias imagens, histórias. Não como ela, porque já tinha sabedoria demais, mas ao menos umas bobas pra tentar achar o mar no rio. Quando viu o mar pela primeira vez, percebeu que as palavras da avó enfeitavam tudo. Era mais bonito ouvir ela dizendo sobre ele do que estar ali. Era bom também, mas nas palavras dela, o mar era o céu na terra.

\*\*\*

No prézinho, se interessava muito por todas as estórias que a tia contava. Percebeu com o tempo que ela sempre falava com um caderno aberto por perto. Depois foi perguntar o que era e a tia Wanja disse que o que ela falava estava escrito nas folhas brancas com aquelas palavras que eles estavam aprendendo. Daí ela lia, memorizava e depois contava com as próprias palavras. Ficou um pouco confuso pois o que vovó contava não dependia de folha por perto e era mais legal. Ela nem sabia ler aquelas letras que a tia lá sabia. Dizia que tinha aprendido a ler e escrever só o que fosse necessário para que ninguém passasse a perna nela, mas nós vimos muitos que passaram porque, além dos nomes, aprendeu a ler aquilo que os pastores mandavam. O que não servia para que pudesse se prevenir das más intenções de outros que também acreditavam no mesmo livro sagrado. Aí foi uma questão; acreditar nas

palavras?

Foi mesmo pela vovó. Mesmo com aquela coisa que ela tinha de ficar falando de deus, da igreja, das histórias da bíblia, que era grande parte. No passado, havia sido macumbeira, mas nunca nos contou muita coisa sobre aquele tempo. Toda vez que a gente tinha algum mal ou espinha encravada, nos levava pra benzer. Só sei que virou Luterana por causa dos patrões. Mas no dia a dia, estava cheia de magia. Me curou de um monte de coisa com as misturas dela. Chegou a fazer para alguns vizinhos também. No geral, era a fé do deus protestante. No entanto, respeitava a todos e sempre aceitava as intercessões espirituais das pessoas, desde que fossem para o bem.

Foi assim que aprendeu a contar história. Não gostava de escrever (aprendeu com as tias), mas o fazia porque podia - mesmo sem nunca ter ido - inventar seu próprio mar. Descrevendo o que e como seria a experiência de se estar lá. E isso serviu bem, principalmente porque tudo que escrevia continuaria ali, então poderia ver tudo aquilo quantas vezes quisesse. Se ficasse só na cabeça, iria acabar se esquecendo dos detalhes e teria que voltar a se contorcer na beira do rio pra tentar ver.

Nessas viagens acabou que começou a escrever também, por necessidade de suportar a própria realidade, sobre tudo o que com ele se deparava. Tudo que atravessava, escrevia, mesmo que de forma tudo bagunçada e errada, importante é que ele entendia. Depois de um tempo passou a também colocar nas folhas as humilhações, o trabalho fatigante, a pobreza, e os sonhos fabulados pela avó que trouxeram-lhe o impossível à tona: ter um barraco próprio. Ai era um futuro longe que só imaginando poderia ter. Mesmo odiando escrever, nas palavras poderiam ter uma casa própria. E foi só nelas mesmo; não conseguimos.

Seria bom um chalé. Daí teria um quintal pras hortas e pro jardim. Não, acho que casa é melhor mesmo, tem mais espaço. Dá pra receber as pessoas. Três quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. De teto de telha mesmo. Tudo pintadinho. Os cômodos mais pequenos, né. Fica até mais fácil pra limpar. Bom ser num lugar mais baixo com rua asfaltada também. Vó sempre estava com as pernas inchadas. Com comércio perto. Uma árvore na frente pra dar sombra quando a gente fosse sentar lá fora pra tomar um café com os vizinhos.

\*\*\*

Paralelepipedos, estrada de chão

seco e pedregulhado. E o sol... o céu mais bonito que nunca.

Rodeada de montanhas e matas.

A cada passo o corpo era mais jovial.

As marcas. O chão deixava marcas. Pisadas sem rastros definidos, pois a poeira sempre se misturava.

Naquela casa eu construí minha primeira casa imaginária. O barro, as pedrinhas tomando forma. Não importava a forma, o olho infantil completava a obra.

Os primeiros amigos que tive.

Havia uma pequena ponte e a cada ano passava menos água sob ela.

Cheiro de chiqueiro, galinheiro. Cheiro também de pólvora - bombinha.

Jaboticabeira... cada criança em seu galho.

O barraco, a grama, a casa lá chegava.

Tanjura. Só as menores. As grandes mordem? Mas Dona Zilca troca as bundudas por chocolate pra fazer farofa.

Avó brigando por roupa imunda de tanto brincar na terra; vizinhada toda conversando ao entardecer; todo mundo falava para ela me dar jeito.

Dormir na esteira; mas foi pouco tempo.

Casa bem pequena, cozinha nem dá pra duas pessoas ficarem, sala nem se fala e só um quarto. É até vergonha falar, mas dormiu junto com a avó até 13 anos. Ela até quis tentar comprar uma cama pra colocar do lado, bem antes, mas além do gasto que seria, o espaço ficaria muito apertado. Tinha até goteira, mas o aluguel era bem em conta. Do tempo que morei com ela, moramos numas 15 casas. Os móveis tudo rebentado de tanta mudança.

Alguns anos a mais, ali lembrando, o coração acelerado.

De repente um soco, nem foi uma briga. “Foi sem querer”. “Não foi”. Nunca mais. Não importa. Não foi pensando. “afastem-se dele”.

Outro dia, brincando de pega-pega, empurra o Tiago sem querer, que cai no chão chorando. Sô Cóstinha que, tava sentando em frente onde os moleques brincavam, chamou de preto nojento e mandou aquele macaco vazar dali e para nunca mais chegar perto dos netos. Não era pra eles se misturarem com gente de cor.

Lamento. A vida passa e tudo fica porque tudo está, mesmo que nunca do mesmo jeito.

Visões, memórias. Imagens que se teve ou não. Que vida.

Talvez o céu nunca mais volte a ser tão belo como um dia que parecia fazer sentido a vida.

Talvez a criança nunca cresça totalmente. Talvez as marcas importem. Rastros de pisadas são memoriais. O caminho, o passado... tão lá e aqui. No velório do Sô Cóstinha eu até fiquei

feliz depois, mas porque era criança; uma criança que não cresceu e ainda tem nojo de racistas. Ele se foi, o que disse de mim, não. Ele também era luterano.

Agora pouco eu vi o céu, até que tá legal... nem tanto. Meio estranho. A lagartixa tentou entrar, mas eu já assustei com o chinelo. Ela saiu rapidinho

Por esses instantes seus pensamentos foram tão longe que até conseguiu se esquecer. Misturou o tempo do interior e o tempo da obra. Lembrou-se que vovó sempre falava que sonhava vê-lo segurando uma caneta na sombra ao invés de uma enxada no sol. Daí ficou triste porque até parecia que isso nunca iria acontecer. Permanecia na enxada e no sol. Apenas um peão de obra.

\*\*\*

Mesmo que muitas vezes pegasse algum livro na biblioteca da cidade para ler nos momentos de folga, que eram poucos, raramente conseguia entregar tendo concluído a leitura. Na maioria das vezes apenas lia pedaços e entendia pouca coisa. Vou dizer que muito do que não entendia fingia entender e começava a viajar com coisas nada a ver das partes que leu. Se bem que no fundo, sempre tinha uma coisa que levava a outras coisas diferentes. Então mesmo que não entendesse o que havia lido, tinha entendido uma outra coisa dentro dos fragmentos da leitura, então sempre experimentava algo. O que o fazia parecer maluco por falar abobrinhas. Mas para ele tudo fazia parte de uma experiência de aprendizado e até agora, neste momento, ainda faz.

Há alguns anos largara o curso de história por não conseguir conciliar o trabalho diurno e o estudo noturno. Tinha gratuidade pelo PROUNI. Mas sempre dormia na sala de aula e era constrangido por alguns colegas e professores quando caía de cansaço. Como não conseguia estudar, tirou notas horríveis. Por isso acabou desistindo, com a ajuda de conselhos de alguns professores que sabiam que ele não conseguiria.

Tentara e muito. Não gostava de ler, mas lia pois gostava de conhecer, e mesmo que pouca coisa por inteiro, muito guardava na alma dos vários fragmentos. Ficou triste após pensar sobre tudo isso; injusto, mundo é isso. Ao menos aquilo tirou sua cabeça da realidade presente. Queria que enxada e caneta tivessem a mesma estima.

Nesse momento se desafiava a pensar em algo para escrever. Dessa vez daria certo. Estava transbordando. Mesmo que vivesse para sempre no trabalho pesado, gostaria de guardar... deixar palavras. Não esperava que alguém as lesse, só queria experimentar como

mexer com elas. Na verdade só queria escrever, isso já bastaria. Mas como conseguir se durante sua jornada toda força foi gasta carregando peso, capinando terra, roçando mato, limpando fossa, subindo lajota, quebrando coisas, virando massa... virou massa...sua vida... uma grande betoneira. E nem é metáfora. Essas metáforas inúteis!

Estava muito cansado, mas necessitava desatormentar a mente. Ficou na instiga. Decidiu que iria no Suíno pegar uma dolar de vinte. Devia ter ido mais cedo, seria mas seguro. Um baseado poderia acalmar, pois já beirava o surto. Dar umas bolinhas sempre acalmavam-no. Nem estava tão tarde assim. Com força jogou o caderno no chão e levantou-se. Percebeu que o coração estava muito acelerado e ao olhar para sua mão aberta com os dedos espalhados viu que tremia muito. Veio uma vertigem e quase caiu, mas se aprumou. Vestiu uma calça jeans e uma camisa preta e calçou seu tênis. Arrumou o cabelo e olhou no espelho para conferir se estava bem aparentado para não tomar baculejo dos home. Pensou estar bem, de suspeito apenas os traços do rosto e a cor.

Inevitável! pensou consigo. Ao menos por enquanto. Pensou na história se fosse parado: estava lá pra visitar uma família de amigos que tinha uma criança pequena que gostava muito dele. Podia falar que era aniversário ou sei lá. Precisava criar uma história convincente. Mas pensando bem, talvez tudo ocorreria bem e o corre seria feito sem problemas.

Foi até o outro lado da obra que Rafael utilizava como lar para perguntar se ele queria rachar, mas ao perceber que estava tudo escuro e em silêncio, provavelmente, ou o jovem já tinha desmaiado, ou estava em suas crises de solidão, decidiu, assim, seguir rumo. Estava muito ansioso. Mas antes, lembrou-se do celular. Refletiu se valeria a pena levá-lo. Poderia ser assaltado (ninguém roubaria aquela porcaria) ou a bateria descarregar no caminho. Por fim resolveu levá-lo porque estava muito preocupado. E quanto antes soubesse, mais tempo teria para ver o que fazer com o desespero. Assim, partiu em seu caminho rezando para que o mano ainda tivesse com bagulho.

Pegou a van e desceu perto do morro vinte e um. Na subida, encontrou quatro manos jogando bola no terreno baldio perto da escadaria que dava para o barraco onde Suíno morava. Disseram-lhe que estava em casa e tinha chegado carga mais cedo. Era do bom - verduco. “Só subir lá”. “Ainda bem”. Quando chegou ao fim da escadaria em frente ao barraco, o amigo estava sentado na porta de casa fumando um cigarro e o chamou para entrar. Era loiro e baixo. Queimado do sol porque além de passar os bagulhos, também trabalhava

como servente de pedreiro quando aparecia. Por isso tinha a pele cheia de manchas e sempre mantinha uma feição cansada. Seu barraco era pequeno. Paredes, pisos, portas e janelas feitos de madeira e teto de eternit. A casa tinha quatro cômodos onde moravam Suíno com sua esposa e filha, bem como seu irmão Marcão, que mais fazia passar pó. Gente boa pra caramba.

- Fala aí, mano. Como tá?  
- Sumiu, cara. Chegou do bom hoje. Bora fumar um com nós pra experimentar.  
- Opa. Pode crer. Tô só na instiga. Nem vou contar o que está acontecendo pra não dar bad.

- Pô. Fala aí, irmão.
- Bora conversar de coisa boa.
- Se precisar de alguma coisa, tamu junto.
- Vou querer uma de vinte...E aí, Marcão. Firmeza?
- Beleza mano, tá aqui. Dá umas bolas aí. Se quiser um tequinho, também tem.
- Só umas bolinhas mesmo, meu mano. Aline e Mirelinha não tão?
- Tão ali no quarto... Aline, temos visita!
- Pô, tá verme mesmo!
- Tô te falando.

Aline traz mirelinha para a sala e troca alguns cumprimentos com ele. A criança abre sorrisos com o jovem simpático. Após um curto silêncio, Suíno começou a rir quando viu o jovem cascando o bico olhando a Mirelinha aos pés da mãe brincando com a gatinha preta bolotinha. “Tão bom ser criança. Parece até que não existem problemas”. Após o comentário, parou de rir ao lembrar-se da própria infância no interior.

Vida simples que não tinha, nem necessitava de expectativa. Estrada de chão; lar empoeirado. O básico para comer que plantava-se no quintal e cesta básica. O resto era do aposento (Quando nasceu, dona Nali já havia conseguido aposentar pelo sindicato, então a vida já não tava tão desgraçada). A vida amarga que vovó adocicava com as palavras, as memórias, as histórias. Mirelinha também. De pele branquinha, porém não teve sorte como outros de sua cor. Mal sabia as condições de seus pais; o que eles faziam para que ela pudesse ter os remédios, o alimento, as roupas, o lar e um sorriso. A Bolotinha ajudava a tudo ficar mais leve. Já era da família

- Pô. Nem falo. O mano Sha caiu

- Tá de zoeira?

- Pior que foi no carregamento. Vai dar ruim mesmo.

- A filha dele tinha nascido há 4 meses. O maluco tava mó felizão. Vinha com a bike dele aqui. Eu até brincava com ele porque ela era tipo uma moto, mas era bicicleta. Não tinha visto daquele tipo ainda. Ainda era vermelha, mais estranho ainda. Ele pedalava, mas parecia moto. Pois é. Só pra te avisar mesmo. O cara mó firmeza. Nunca fez maldade pra ninguém. Só fazia o movimento pra viver.

- Nem fala. Capaz dele ajudar idoso a atravessar a rua. Sempre mandava a real na qualidade. Sempre falava que não gostava de jogo sujo. Que era trabalhador honesto. Se não fosse bom ele já mandava a real. Fazia mais barato até. Quando era verme ele já fazia o marketing dele. E na maiorias das vezes era boa mesmo.

- Caiu na mão dos suga. Já tem dez dias, fiquei sabendo hoje. O maluco não respondia mensagens também, mas sei lá, né. Já vi gente sair dessa vida e mudar de número pra não ter contato com os mano e correr o risco de cair no pecado; pra não voltar pras paradas. Pior que a gente sempre tá esperando o pior mesmo. Fiquei bolado, mas nesse caso nem tem o que fazer.

- Você tem contato com a família dele?

- Pior que não. Foda, véi. Na última vez que o vi, ele tinha comentado do parceiro que tinha caído na hora de passar umas dola. Fico boladão de rodar também. Tenho minha cria. Mas é dá um jeito e ver no que dá. Quem ganha dinheiro no tráfico é quem tá lá em cima. Gente igual o Sha, que só fazia a ponte e vendia de galo e de vinte, fazia mesmo pra ter um com quê. Eu mesmo, vendo minhas dolinhas, mas tá sempre faltando coisa aqui. Foda pensar que tinha a filhinha novinha e o garotinho. Fazia também pra manter o chá de cada dia, né. O maluco fumava igual caipora.

- A gente trata essas paradas como se fosse nada, né.

-Pior, às vezes nem sabe o nome verdadeiro do maluco. Não conhece nada.

- Mandou o papo. O que a gente sabe do Sha foi o que ele falou mesmo.

- Lembre agora uma vez ele veio entregar o bagui aqui com o brotinho mais velho dele. Todo simpático o moleque. Mas ele veio rápido porque não queria colocar a cria em risco, né. Já viu. Ninguém perdoa.

Mudaram de assunto pois já tava batendo a bad e conversaram por mais algum tempo contando causos até perceberem que estava tarde. Tirou o celular do bolso, já eram nove da noite e, mesmo que não tivesse usado o aparelho para nada, a bateria estava apenas com trinta

por cento de carga. Decidiu que deveria ir embora, mas preocupou-se por ter esquecido o colírio em casa. De qualquer forma a marola não disfarça também, e se os home encontrar colírio no bolso já é flagra.

Estava cansado e a criancinha já estava abrindo a boca e pescando de sono. Então, pegou a dolinha de vinte, despediu-se de todos para voltar à obra. Desceu pensativo. Se Suíno rodar, o que será da mirelinha? Não faz sentido tal justiça. Apenas um cara que trabalha para sustentar sua família. E as crias do Sha? Justiça é realmente uma palavra que serve pra nada.

E de repente o celular toca, o coração gela e as lágrimas vem. Do mais fundo da alma um grito de dor. Tudo em seu ser despenca, mas o mundo continua, a vida segue seu curso a lugar nenhum. Em quase tudo na existência pode-se colocar esperança, mas há um ponto onde as palavras cessam. Onde o mundo se reduz ao silêncio ensurdecedor do não ser. Decerto que a vida tem disso, mas nunca se espera. O limite até onde podemos escrever.

Todo lugar parece tão longe. Todo tempo parece tão longo. Todo amor parece tão pouco. Em uma de nossas últimas conversas, enquanto escavávamos sapatas, ele disse que eu estava escrevendo bem, que deveria continuar. No primeiro momento não entendi do que se tratava, mas depois ele confessou que um dia entrou no meu quarto para bisbilhotar enquanto eu me banhava e o encontrou. Abriu-o e leu algumas páginas. Assim, ele foi a única pessoa que leu meu caderno.

Quanto mais lembrava, mais molhado o rosto e vermelho os olhos. E foi assim até chegar na ponte que iniciava o grande morro.

Por causa da dispersão em meu mundo, não percebi que à frente vinha um Siena branco. Só me toquei do que estava acontecendo quando percebi logo atrás uma viatura com o giroflex ligado. Foi o tempo de tirar a maconha do bolso e jogá-la em um matinho abaixo da ponte.

Saíram do carro dois policiais à paisana, o que dirigia apenas abriu a porta e continuou sentado, e na viatura mais três militares. De forma áspera, o que saiu do lado do motorista gritou dizendo que viu o neguinho jogando algo no mato e ordenou a um PM e o à paisana que saíra de trás do carro que descessem por um caminho ao lado do ponto para procurar a droga. Enquanto isso, recebi um tapa na cara e um empurrão de um homem negro fardado. Era musculoso e tinha os lábios e o nariz como os meus. De repente chuta minha panturrilha esquerda para que eu abrisse as pernas e mandou colocar as mãos com os dedos cruzados na

nuca. Enquanto este me revistava, o que deu as ordens começou a me esculachar. Provavelmente era o maior na hierarquia entre os vermes. O homem era loiro, com cabelos falhados, boca e nariz finos e que, como depois pude perceber, por trás dos óculos, se destacavam os olhos com pupilas esbugalhadas. Parecia tudo ódio...ou cocaína. Atendia por sargento schenerocke. Enquanto fazia isso, o motorista do Siena permanecia parado encostado na porta do carro. O outro PM estava mais à frente, com a mão no coldre, na altura da cintura. Havia apenas um casal passando pelo local, mas estes, de cabeça baixa, seguiram em frente calados. “São maluco?!”

Schenerocke grita “Cadê a droga, vagabundo?!” com tanto frenesi que eu conseguia sentir seu bafo de porco e as gotículas de saliva misturarem-se com as lágrimas em meu rosto. Num primeiro momento tentei mentir dizendo que estava apenas visitando um amigo. Toda história que já tinha criado antes de sair da obra.

- Tá me achando com cara de otário, seu merda? Nós vimos você jogando a droga no matinho e seus olhos estão vermelhos! Esse cheiro.

Não adiantava justificar os olhos vermelhos com meu choro, também não consegui pensar em alguma explicação para ter jogado algo ao lado da ponte. Junto a isso, o esculacho foi intensificado com uma ameaça prometendo quebrar meus ossos no “bambuzal” e implantar uma grande quantidade de drogas para que eu fosse enquadrado como traficante se eu não confessasse e eles achassem o bagulho. Por desespero tive que confessar que havia ido comprar uma dólar. Era apenas um usuário. Expliquei que era um trabalhador e dei meus motivos para fumar - a tristeza, a ansiedade, o desespero - mas nada fez reduzir o ódio com que me tratavam. FODA-SE.

- Nós sabemos. Mas essa porra que você compra financia a arma que nos mata, seu bosta!

O PM encontrou somente meu celular e duas notas de cinco reais nos meus bolsos. Após roubar o dinheiro e não encontrar nada suspeito nas mensagens, schenerocke agarrou em minha camisa e disse que eu iria subir o morro com eles para caguetar quem havia me vendido. Se não o fizesse, poderia dizer adeus à liberdade. Eu era apenas um bosta sem relevância e ninguém iria se preocupar com mais um vagabundo quebrado na cadeia. Muitos usuários já viraram traficantes por não obedecer suas palavras. Nesse momento, esqueci a tragédia da qual fui informado há alguns instantes e só consegui pensar na vida que já era

horrível e tinha tudo para piorar. Só queria morrer. Pensei até em ir pra cima do PM com a mão no coldre pra ele me finalizar, mas a gente não tem certeza se vai morrer, e o que pode vim depois pode ser pior.

- Ainda não acharam? Berrou Schenerocke aos homens que procuravam a dólar no mato, quando soltou minha camisa.

- Não, sargento! Até agora nada. Provavelmente foi muito pequeno mesmo. E tá tudo escuro.

- Quanto você pegou?

- Foi uma de vinte.

- Era pequena?

- Sim!

- Você merece umas porradas.

Eu apenas abaixei a cabeça enquanto ouvia as ofensas. Num instante, o sargento obrigou-me a levantá-la. Ali estava de pernas abertas e mãos na nuca enquanto esperava o que iria acontecer. Depois de um tempo, ele ordenou ao PM para que me levasse ao Siena. Com brutalidade, ele agarrou meu braço e me jogou como se fosse um pedaço de qualquer coisa no banco traseiro do carro. Jogou o celular com força no meu colo e fechou a porta. Eu guardei o aparelho e fiquei com a cabeça encostada nos joelhos imaginando com meu botões como seria maravilhoso ver a cabeça de todos eles rolando morro abaixo salpicando os paralelepípedos com sangue. Assim foi até perceber as três portas se abrindo e o motorista, Schenerocke entrando. O outro sentou-se ao meu lado sem expressão. Não sei se encontraram. De qualquer forma, não tive coragem de perguntar, tampouco de voltar depois ao local para procurar.

O porco do schenerocke fixou os olhos no retrovisor como que com desprezo. Com a voz carregada de deboche, perguntou-me secamente onde eu tinha pegado o bagulho. Deveria falar ou me foder. Não tive muito tempo para pensar na resposta. Apenas disse que tinha encontrado dois cara sentados no meio da escadaria perto do campinho. Foi a solução mais ponderada que consegui pensar para que não prejudicasse nem o Suíno, nem os manos que estavam jogando bola no começo da escadaria.

- Ta! Mas como é o traficante. Como está vestido? Saiba que se você mentir vai ser pior.

Obviamente que o medo bateu, mas na hora consegui criar personagens que não eram

nada parecidos com aqueles que encontrei durante o corre. Um branco esguio de olhos e cabelos pretos. Um nariz afinado e queixo pontudo. Calçava um chinelo branco e bermuda tadel estampada com algumas imagens que eu disse não ter conseguido lembrar. A camisa era esverdeada escura com uma mulher sorrindo. O outro, baixo, mais ou menos da minha cor, olhos meio esbugalhados, nariz e boca volumosa e porte troncoso. Uma bermuda vermelha com alguns traços e camisa cinza. Usei desses detalhes para parecer mais confiável o relato. Sempre tive e tenho personagens na minha cabeça pra delatar na hora da dura.

Por medo e também por vergonha, passei o trajeto até o local indicado com a cabeça baixa para que ninguém me visse no carro. Eles traçaram entre si a estratégia para tentar pegar os traficantes no flagra. Os militares que seguiam logo atrás deveriam dar a volta com a viatura pelo outro lado, sair do carro bem antes, e subir por uma escadaria de barranco que ficava diametral a que eu tinha informado para não entrarem no campo de visão de algum possível olheiro. Eles iriam subir por uma outra escadaria e descer a que eu indiquei para fazer uma emboscada. O soldado Odair, que dirigia o Siena, ficaria esperando e me vigiando com o carro no meio do morro. Schenerocke e cabo Silva subiriam pela frente.

Cada segundo ali parecia uma eternidade. Procurava pensar em algo para aliviar o peso do instante, mas nada havia na vida que pudesse desamargar o momento. Odair ficou mexendo no celular e em momento nenhum trocou palavras comigo. Foi melhor assim, eu estava sem condições de conseguir raciocinar bem. Fiquei preocupado de encontrarem Suíno ou algum dos manos que tinha conversado. E Mirelinha? O que seria dela se o pai fosse preso? Lembrei do mano Shai. Ele não era uma pessoa ruim, apenas tentava levar o sustento para casa. Ele era uma pessoa maravilhosa.

Também senti medo do que fariam comigo. E se não encontrassem ninguém e achassem que eu tinha mentido? Me espancariam? Me levariam como traficante? Assinaria na delegacia como usuário? Já havia tomado batida muitas vezes, mas nunca fui levado. A situação pessoal que estava enfrentando também aumentava o fardo do momento. Mas é a tal operação de justiça para nos livrar dos maus funcionando como se deve.

Enfim, de longe eu os vi voltar. Apenas os dois. Me veio uma sensação de alívio e medo ao mesmo tempo. Ao entrar no carro, Schenerocke olha pra mim e pergunta rispidamente se eu havia falado a verdade, porque não acharam ninguém com as características designada por mim. O cú foi na boca, mas afirmei com toda confiança. Sabia que tremer seria motivo para desconfiarem. Ele ficou paralisado, pensativo.

- Não sei se você falou a verdade, mas tem um monte de gente que vende naquela área, nem dá pra saber. Mas eles não costumam ficar muito tempo na escadaria mesmo. E pela hora.

Nesse momento, Odair perguntou o que iriam fazer. O sargento disse que iriam descer o morro e lá embaixo iriam encontrar com os PMs que já tinham descido com a viatura. De militar.

Chegando aos pés do morro, os soldados na viatura nos esperavam. Pararam os carros lado a lado e após trocarem algumas palavras sobre a operação, schenerocke os dispensou.. Assim, ficamos parados ali por alguns instantes e Odair questionava sorridente o que iriam fazer comigo.

- Vamos levá-lo ao “bambuzal”. Sugeriu Silva em tom de deboche. Ao menos dar uma lição pra parar com essas porcarias.

“Deixa o vagabundo. Já tomou umas na cara. Vai dar mais trabalho pra gente.” Pondera schenerocke enquanto passa a mão nos cabelos como que penteando. Parecia estar cansado e triste. Nada me tira da cabeça que fui salvo por um bode do sargento. Parece-me uma opinião razoável se for levar em consideração um certa constância de fungação e incômodo no nariz. Com a mente mais limpa no dia seguinte pensei melhor sobre essa hipótese. Provavelmente tava pancado.

- Se te pegarmos com qualquer coisa, mesmo que seja pouco... se a gente te ver em situação suspeita novamente, tu vai rodar, neguim... sai logo, porra!

Desci em frente a uma igreja que estava lotada de pessoas orando cada uma de forma diferente, alguns falando em línguas, outros glorificavam, batiam palmas, dançavam; percebi até que tinha uns batuques. Era muita informação para a cabeça. Dois membros que estavam mais próximos à entrada, provavelmente por serem diáconos, vieram em minha direção. Eu, mais que depressa, atravessei a rua para me livrar das balelas que eu tanto conhecia; e, naquele momento, só de pensar em ouvir, já me fazia estafar. Que não me incomodassem com aquele deus deles que não fazia nada e cobrava tudo. Já ouvi papinho demais,

No outro lado da rua havia um bar lotado. Bêbados cantando, sorrindo, falando e fazendo coisas que provavelmente não falariam nem fariam sóbrios. Se não tivessem me levado o único dinheiro que tinha, no momento, com certeza teria tomado uma pinga também. Noite horrível. Precisava. Sem baseado, sem álcool e completamente desmoralizado. Também

não tinha dinheiro para pegar uma van. Então deveria andar até chegar na obra e não era tão perto.

Os sons dos bêbados e dos crentes já desapareciam. Fui seguindo em direção à obra até que, em algum momento que não importa qual, pois nem sei, senti o estômago embrulhar, e no caminho nem lembrava mais para onde ia, assim a vida também perdera a graça. Nada tinha a pensar sobre futuro. Não cria em céu e inferno já estava. As tantas cabeças, os tantos eus, já não aplacavam a ânsia. Simplesmente porque a carne já pedia arrego e cabeça é corpo. Pode até não ser uma questão de tempo e espaço, mas sempre sentimos “agora”. O limite.

Conversava consigo tentando buscar ajuda. Um amparo. A imagem da avó, a imagem da mãe, o pai, um amigo, “ah, se foi”. A maioria se foi. Até mesmo a imagem de um deus, mas só ouvia o silêncio. Ele só fala por representantes. Na verdade, até ouvia as próprias vozes. Nada mais. Elas sempre estavam lá; pedindo pra morrer e por uma condição de vida. Falavam muito sobre a vida, inevitável quanto a morte, mas o que temos acesso, no momento. E elas, como substância do próprio corpo, já desfaleciam. Mesmos as alegres cansaram de falar da vida. Essa palavra já foi repetida demais, Espírito como um todo. Decidia entre se ainda valia a pena continuar ou não.

A escuridão tomava conta de tudo. Mesmo que as ruas estivessem iluminadas pelos postes.

Como faria?

A única certeza é que queria sentir o mínimo de dor possível. Rápido também. Haveria de escrever alguma coisa de despedida. Não, na verdade, estava em um impasse se queimaria tudo o que escreveu ou deixaria em algum lugar que ninguém acharia tão cedo. Escreveria suas últimas palavras, então? Queria ir, mas deixar algo mais material que seus silêncios. Deixar pra terra mesmo, não entregaria a ninguém. Talvez enterraria em algum lugar inóspito.

Teria que ser definitivo. Não poderia dar errado. Seguir com sequela também não dá. Uma corda pode dar certo. Lembrou-se de quando leu em algum lugar sobre uma travessia, que bem poderia ser uma corda bamba, do homem ao super-homem sobre o abismo. Ou veneno. Ou dois juntos para ser mais efetivo. Nunca viu aquilo com pessimismo. A vida talvez pudesse ser melhor sendo outra. Desistir dessa existência porque se cansou. A vida continua. A gente se dispersa e vira outra coisa. Do pó viemos e ao pó voltaremos. Pó que vira outra coisa. Será que nas várias conexões dos átomos que formam o pó do qual vivemos, algum

dia no infinito a frente nos tornaremos essa coisa que hoje sabemos que somos? Ou perto disso? Não é momento de pensar nisso. Ser outra coisa que não dentro dessa já perdida e esgotada. Tudo fazia sentido. Sentido é o que mais nos faz querer morrer.

Não tinha o que fazer. Só conseguia chorar, quase não sabia mais sorrir. Desconhecia a palavra sonho no sentido de aspirar. Sentia-se perseguido simplesmente por existir. Sonho, então, era só um monte de imagem quando dormia e o pesadelo tudo quando abria os olhos. O mundo é bonito. As árvores, as flores, o sol, as pessoas, os bichos. O problema é que adoeceram a vida. Tiraram a alegria das coisas refletida nos nossos olhos, à força. Não era falta de motivo porque nunca se preocupou com besteiras do tipo. Era uma ponderação econômica. Vale a pena gastar mais vida? Não tinha mais ânimo e o corpo clamava pela morte. Talvez por isso sempre era impelido a escrever por algumas vozes da sua cabeça. Parecia que a terra o chamava. A vida talvez quisesse suas partículas de volta. Talvez devesse devolver. Mas sabia que não... não seria tão fácil.

Pensando muito. Talvez ninguém devesse confiar no que dizem ser a beleza da vida. Quisessem outra coisa - poderia ser e ver também algo a mais. O que trocar pelo belo? Dar aos espelhos da alma - no lugar da beleza retida - outra coisa. E o que seria essa? Dá pra continuar de outra forma. Será mesmo que a terra me chama? Em que poderia prender o espírito sendo que ele só se move? Importava, talvez, muito mais apenas seguir. Os ventos arrupeiavam-me por inteiro naquele momento. Nós nem vimos.

O delírio que o vento lhe causava restaurava aos poucos o outro lado do seu sofrimento - aquele sem angústia. O sofrimento sentido enquanto dor na carne, que eletrifica o corpo. O sofrimento que causa a fúria. Não a ressentida - tomada pelo ódio cego que só produz obsessão. Mas aquela feroz, de animal, eles não dão término à própria existência. Os bichos se enfurecem quando há risco de vida ou quando precisam lutar com suas presas. Não poderia fazer nada com aquele sentimento, no entanto começou a vacilar em seus pensamentos sobre extinguir-se. Deixar levar.

Entre as curvas disparates dos pensamentos dá consigo que existe. Se encontra olhando para uma imensidão logo à frente. Errando. À frente apenas lugar nenhum, mas não é possível retornar. Para onde ir quando não há onde chegar? Por que ainda ter vontade de continuar se o horizonte sempre se afasta ao mínimo olhar, almejar, ao primeiro passo. Que loucura é essa que faz querer permanecer? Persistência de continuar indo. Não por querer conservar sua vida. Porque o que conserva costuma manter-se no estado. É por isso que digo,

esse é o tipo de coisa que tem que se pensar. Depois de feito não tem mais volta. Deu-se consigo que lucidez demais pode acabar matando. Loucura também. Estava ali, no limiar entre o que desejar: a vida ou morte. Incrível como sempre é possível escolher pela morte, mas sobre a vida ninguém delibera. Havia muito tempo a perder.

Por que fazem isso com a gente? Por que nos perseguem? Por que incomoda tanto o diferente? Há um deus erigido com combustível a base de sangue. Um deus branco, homem, pai que ao longo dos séculos foi conivente com as maiores atrocidades da humanidade. Que não se levanta do seu trono para dizer basta. Mas não é deus que nos oprime porque deus pode ser muita coisa, até mesmo nada ou as gentes. Eu nem acredito, mas infelizmente esse deus que conhecemos como pai, nos deixou órfãs antes mesmo de morrer. A dilatação de uma culpa milenar. O sacrifício do corpo de seu próprio filho (que também é deus) para que pudesse encarnar como verdade em palavras cheias de culpas e ameaças. A justiça dos homens é a justiça de deus. Lembrei-me de todas as vezes que fui revistado e humilhado sem motivo algum. “Angustiado, perplexo e desanimado. Perseguido e desamparado; abatido, mas não destruído.”. Essas mesmas palavras, hoje, deveriam mostrar outra coisa.

“Por que tudo é tão difícil?” Lembrava-se da frase sempre repetida pela avó. Tentava pensar direito e continuar. Essa vida pode ser qualquer outra coisa. Um pai saiu para comprar cigarro e não mais voltou. Se voltasse meu pai teria um pai e tudo poderia ser diferente. Uma mãe tirando de si para dar de comer a seus filhos.

“Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que possuem muitas riquezas!”. Mais fácil um camelo passar por uma agulha - disse Jesus.

- Que tamanho é a agulha?! - Questionaram, enfurecidos. A agulha é uma porta por onde todos passam? Mas somente os justos!

Não importa se deus está ou não morto, mas nos deixou órfãos e endividados. Quando chegaram em casa, provavelmente, os policiais iriam orar ajoelhados em nome do crucificado! Ouvi dizer que Odair era ancião na igreja que frequentava.

“E agora? Meu amigo-irmão se foi. E nem despedir vou poder.” Dei comigo do triste fato. Que dia foi aquele. Estava muito cansado, sentia dores em todas as articulações e o rosto queimava pelo tapa. Com muita dificuldade consegui chegar à obra. Apenas, tirei o calçado e a roupa do corpo, sentei sobre colchão e continuei a chorar. Apesar de exausto, o corpo não conseguia descansar. Tudo doía, sobretudo a saudade.

Em uma arrebatadora lembrança involuntária, ouvi sua voz. Que eu deveria continuar escrevendo. Seria a única maneira de não enlouquecer. O caderno ainda estava ao lado. Senti a necessidade de vomitar palavras, mas quando a ponta do lápis encosta no papel me veio um medo estranho. Não sabia o que era, mas tinha medo de dar vida a qualquer coisa naquelas folhas em branco. Tudo o que tinha escrito até então era pura porcaria, pensava. Eu sabia que ele havia elogiado por ser meu amigo, não por ter visto qualidade. Ele mesmo dizia não entender nada daquilo pois nunca havia lido algo por completo, somente aqueles pedaços de textos que nos obrigam a ler na escola, mas o que viu no caderninho parecia bom. Era muito caoseiro também. Infelizmente, somente o amor não autoriza as palavras.

Senti que precisava escrever, mas não podia. Seria por não ter talento algum com as palavras? De tudo que já havia lido, tantas coisas belas, bem escritas. Escrever parecia algo impossível. Pô, como fazer isso depois de ter lido algumas partes de Machados, Clarisses, Guimarães, Joyces, Prousts, dentre tantos outros que indicaram no passado? Tudo isso já tinha começado a ler, mas obviamente não terminou, tampouco entendeu. Queria ler esses porque lembrava que na escola a fessora de literatura disse que, se quisessem escrever, deveríamos primeiro ler, e deu exemplos desses como referências.

Jamais mostraria para alguém o que estava ali no caderno, então isso de talento, escrever bem, nada importava. Seria um segredo mesmo. Algo que jamais alguém veria, no entanto, assim mesmo hesitava. Seria melhor nunca ter lido nada de bom porque assim não teria medo. Não haveria com quem comparar. Sem mestre, tudo se passaria por perfeito e certo. Meus textos eram tão pobres, sem beleza, sem unidade, e que pouco sentido faziam. Eu mesmo não lia nada após escrever. Vergonhoso! Esse trabalho jamais seria obra. Dessa, eu só conseguia aquela construída com tijolos e massa, não a de palavras. No fim, uma voz disse que tudo era obra.

\*\*\*

Olhando para uma folha em branco, procurando as palavras para colocar no lugar do que tava pensando, como se fosse assim. De onde vem isso que a gente faz para nada? Sem função, sem expectativa. Tempo perdido. Em vez de descansar ou distrair, escrever. Tão distante, impossível, e assim, irresistível. Será que é para guardar palavras; apenas lembrar que escreveu? Um ato para a ausência de si? Ou, ao contrário, uma busca do “Eu” em uma região longínqua no inconsciente? Um desejo em direção à morte; onde a linguagem termina? Seria a loucura socialmente aceita - transbordada e direcionada como sublimação? Afinal, a

loucura, naturalmente, não deve razão ou finalidade. Deixar rastros? Mas pra quem?

Veja bem, não estamos pensando, obviamente, em uma escrita direcionada aos ditames da publicação, do ego autoral, dos eleitos dos mestres; mas aquela advinda de um ato desinteressado, desimpedido. Que talvez nunca seja lida por ninguém, nem mesmo por quem escreveu. Uma vontade de contar, de buscar as palavras no tempo. Pode ser tornar-se outro ou talvez deixar “Eu” em direção a “Nós”. Uma memória que não lembra, e sim inventa? Mas não inventa com a imaginação, e sim com os corpos estirados ao mundo: “Eles”? Se fossemos nos importar, deveríamos ser Eu ou Eles, em último caso, nós. Ou ao menos uma mistura bem estruturada dos dois. Discurso indireto livre. O nós pode não servir tão bem. EU-NÓS-ELES que são possíveis aqui. É um problema se for escrito pra que vocês leiam. Mas escrevemos apenas para escrever. Não há nada além que alguém que conta algo possa fazer além de contar. Não há nada que escritor possa fazer além de escrever e é só isso. E quando digo escritor, estou falando apenas daquele que escreve e não de um “Escritor” autor, porque aí foge da superfície e não conseguimos entender.

### **Escrita, esquecimento e partilha.**

Tantas palavras foram silenciadas e se perderam nos escombros da história; porque não foram escritas ou faladas, simplesmente desapareceram. Nas derivas em que nossos antepassados foram dispersados, apagados como sujeitos pela imposição moral e cultural das palavras autorizadas, pela violência da miscigenação e da tentativa de jogá-los às margens. Narrativas dos povos que sempre estiveram por vir. Incompletas, inacabadas, impessoais.

Muita coisa se perdeu mesmo. Mesmo com todos os esforços de alguns coletivos de pensadores e minorias bem intencionados, a transmissão dos conhecimentos e histórias pela oralidade a cada vez mais se torna restrita a grupos culturais e étnicos específicos. E esse é um movimento cada vez mais difícil de reverter. O processo de colonização e o globalismo capitalista submeteram a validade e autoridade da palavra à forma escrita. E não somente isso, todas as instituições das quais somos submetidos estão sob a égide representativa das escritas descritivas, prescritivas, deliberativas e tantas outras. Nisso vemos que, as culturas não fundamentadas neste ato têm, atualmente, a oralidade como uma expressão de resistência às imposições de poder.

Dia desses, em momento de complexas leituras tristes, como um respiro, encontrei algumas palavras que me fizeram dar uma grande risada de alegria:

“Falo tagarelado, escrevo mal ortografado, canto desafinado, dança descompassado, só sei pintar borrando, meus desenhos são enviesados. Esse é o meu jeito. Não me mandem fazer direito. Eu não sou colonizado. Vivas.” (NEGO BISPO)

\*\*\*

- A pessoa pode escrever para esquecer a vida. Esta vida. O que mais pode nos permitir. Existência que quer esquecer. Mas por mais desgraçada que seja esse tempo, acordamos sob o sol, escrevemos para afirmar a vida. Que apesar de horrível é a única que temos certeza e devemos mudar.

- Já que é assim, melhor distrair a todos nós com esse sofrimento. Interessa a dor. Entregue-nos mais! Queremos mais dor. Tem marca na pele? Se realmente aconteceu (fatos reais) ainda é melhor. Dá até pra imaginar. Sentimos muito. Conte-nos mais sobre isso. Sentiu-se inferior? Não precisa guardar. Conte-nos tudo, a gente precisa conhecer. Como saberemos de outra forma. Urge-nos saber. Se escreverem jamais esqueceremos.

- Acho que todos deveriam contar, pois além da simpatia que produz ainda nos entretém. Sem contar a possibilidade de elaboração para cicatrizar tudo isso. Sabe, acho que realmente já falaram muito de tudo; agora nos interessa ouvir de suas bocas. Diga-nos qual sua moral. Moralise seu ódio, o melhor que já fizemos com ele. É, assim, um passo para a revolução. Mas escreva-nos os detalhes, não guarde nenhum. A gente quer saber onde dói. Nos dê os exames. Tintin por tintin, tudo. Cada ação. As noites frias, o cansaço, tudo. Não poderão sobrar dúvidas sobre isso. Não contenha a loucura. Mas, por favor, menos consoantes; a gente precisa de melodia. . Isso... o melhor é a melodia dramática. Você repete muito as palavras; atente-se! Vamos analisar. Vamos elaborar. Estamos juntos. A gente pode até dizer que assim que nosso mundo se abre a vocês. Sejam bem vindos!

\*\*\*

- Escrevo porque é o que esperam de nós. Porque só falar não adianta, meter o chute também não. Porque se gritarmos, nos internam. Os asilos, as prisões - depósitos de gritaria. São muitas, mais muitas vozes, só que precisamos dizer “eu escrevo”. A cada texto é necessário um pai, mesmo um pai morto, distante, codificado, desconhecido; deus desconhecido, mas um pai. É necessário que tudo que se conta seja filiado, por isso suas desconfianças nas contações.

\*\*\*

- Pensando bem eu odeio escrever. Essa é a verdade. O corpo não é bem treinado. Faltou alguma coisa no adestramento que trouxesse satisfação nisso. Uma contorção a cada frase. Vontade de vomitar. Ficar pensando qual seria a melhor palavra, a melhor direção, a

melhor estrutura. Queimar o estômago para saber se o que escrevi é bom, para no final saber que é uma grande porcaria. Acho que sempre escrevi porque era o jeito. Melhor seria ser bicho livre. Bicho não precisa escrever. Escrevemos, não porque somos habituados ou amamos fazer isso, mas porque podemos. Vocês disseram isso em outro momento, mas sobre a vida. Escrever faz parte da vida ou a vida é uma inscrição que nós buscamos escrever?

Falamos isso, mas é por revolta. Também precisamos que nossas palavras re-existam, que elas ocupem. Não nos escutam. Não conseguem escutar as palavras ditas; eles precisam ver. E não somente isso, necessitam vê-las em boa forma, com beleza, com tom e harmonia, como um estilo singular, ou ao menos como poesia de sangue, assim é que se tem feito. Mesmo que seja o mais abstrato ou nonsense, as mais loucas palavras; antes das formas, no fim, o que dizem o que fazem são as mesmas coisas. Os respingos de insanidade que são adversos às belas-letas, também são referências. E ficamos pensando, como escapar das referências?

- Já disse. O mais complicado é que não dá pra confiar na oralidade. O que se diz falando fica guardado só na memória; o escrito é letra morta e com cadáver não se mexe. Precisamos de algo seguro. Algo que daqui a muitas gerações poderá ser lido. Tudo bem que os rituais, as celebrações, os cordéis, as contações e cantações, as preces e muitas outras formas de dizer não escritas ainda permanecem, mas imagine tudo o que se perdeu. E de qualquer forma, atualmente estamos escrevendo até mesmo essas manifestações para não serem apagadas. As tecnologias também estão roubando um espaço na memória de todos nós. Não sabemos se essa geração está tão interessada em usar alguma parte da memória para guardar essas coisas. Você disse que prefere o esquecimento, mas nós o tememos.

**COM UM COPO DE PINGA NA MÃO, VEMOS NEGRO BISPO PARADO EM NOSSA FRENTE. FICA ALI POR UNS DOIS MINUTOS, FALA ALGUMAS PALAVRAS E DEPOIS SOME JUNTAMENTE COM A CONFLUÊNCIA DOS VENTOS VINDOS DE LUGARES DIFERENTES. NÓS FICAMOS E O QUE FICOU DELE FOI SOMENTE A VOZ.**

“Sim, nós concordamos que vocês sabem ler.

Sim...

E assim como nós concordamos

Nós acreditamos que vocês concordam que nós sabemos falar

Nós também concordamos que vocês podem e devem escrever

Mas nós os provocamos a crer que nós também podemos palavrear

E assim, escrevendo e palavriando, nós podemos estabelecer, não um limite, mas uma fronteira entre os saberes

O saber escriturado e o saber oralizado

nenhum mais necessário e ambos compartilhante.” (NEGO BISPO)

## UM TEMPO DE SILÊNCIO. MAIS UM POUCO. PRONTO

- Fato é que a escrita formal, mesmo que em nossos dias isso esteja mudando, desde muito tempo foi uma ação disponível a poucos sujeitos que designam quais palavras são mais adequadas, belas, nobres e/ou verdadeiras, e que devem ser ditas e ouvidas. Isso piora pelo problema do analfabetismo estrito e o funcional, pelo não conhecimentos dos códigos da língua; também pela escassez de tempo para aprendizagem e fruição ou a ideia de falta de “talento” para “a arte da escrita” (30). Temos então, por um lado a desvalorização da cultura oral e por outro a entronização das palavras escritas e a desautorização das vozes que não agem diretamente por meio delas. Em relação à escrita literária, seja pela retórica que calcava o regime representativo, ou seja por esse dito estilo próprio de cada autor e que “democratiza” a relação entre as palavras e as coisas, vemos que quem não domina os ditames das boas construções dos textos costumam não estarem “aptos” a inscreverem suas fabulações nas veredas da história. Nisso você tem um ponto.

- Sim, mas acredito que as vozes não se calam. Até porque é impossível calar a voz, já que dizem que ela é uma em múltiplas ao mesmo tempo. Que ela é voz o tempo todo e em tudo. Quem fala não é dono nem da própria voz, quanto mais do que diz. Mas me referindo a voz como essas falas encobertas pela poeira da história. Elas se deslocam como linhas de fuga; gritos de feras; palavras de loucos; ruídos de demônios. Os sedentários estão em seus lugares, com suas escrituras, mas os nômades estão deixando rastros em todo lugar, inclusive nas margens dos territórios de títulos aquisitivos dos sedentários, com suas inscrições.

Dai eu penso, quais palavras são essas que sobram como menores e acabam por transbordar? Narrativas e palavras desterritorializadas, que moram no esquecimento; que quando traçam, como corpos comunitários, seu lugar no mundo o fazem em direção a um horizonte que quanto mais nos aproximamos, mais se afasta de nós. Uma dimensão que jamais pode se resumir ao que a língua espera. Pois não é somente nela que se efetiva nossas

vidas. Já tive medo do horizonte que se afasta, agora apenas penso sobre. Há muitos modos de ver o horizonte.

\*\*\*

Inscrever, por essa perspectiva, não diz respeito somente a dar forma a alguma matéria do vivido, expressar conteúdo por signos. Antes de tudo, trata-se do ato de corpos que, performativamente, se colocam em um lugar de desterritorialização de identidades e formas hegemônicas. É que as palavras desbotadas permanecem nesses rastros apagados. Portanto, escrever é questão de um devir. Mas em outro sentido, tem a ver com a política em sua dimensão de repartição sensível no organismo social (31). Então, obviamente, não estamos nos referindo à função política da escrita enquanto discurso, a uma política dos escritores, mas sim ao próprio ato de escrever enquanto definidor do que é visível e invisível, mudo ou audível, palavra ou ruído. O que é possível dizer, em quais condições e por quem (31).

O sentido que damos para as coisas, nossa realidade, passa por um arranjo que dimensiona “quem fala” e, como corolário, configura o que é discurso e o que é ruído, grito. Ou seja, ela se dá como uma maneira, dentre outras, de ocupar o sensível a partir do prolongamento dos corpos dispostos em uma comunidade.

### **Dus corpus das obras**

Não foi por falta de tentar, realmente nada podia escrever. Não valeria a pena continuar tentando. Já era tarde e a ansiedade não se acalmava. Apenas deixou o caderno e a caneta no chão e deitou-se para tentar convidar o sono. Por muito tempo ficou ali rolando de um lado para o outro. Olhava o celular; o tempo passava devagar, mas em poucas horas chegaria a manhã. A angústia de saber que logo mais teria que trabalhar, mesmo estando cansado e destruído psicologicamente o fazia delirar de desgosto.

Foi assim até que o desgaste venceu e começou a pescar. O corpo foi ficando mais tranquilo e tudo que passara no dia já parecia distante entre inúmeros outros pensamentos desconexos. Ah, um momento de sono. Estava entrando em sonhos quando acordou assustado com um barulho de panela caindo vindo da cozinha. Teve dificuldade de levantar por estar tonto, contudo, como não havia porta e a única coisa que fechava a obra era um tapume, cogitou que poderia ser alguém que entrou para furtar. Assim, criou forças para ir até a cozinha, que ficava ao lado.

Chegando no cômodo viu que a panela que continha arroz estava no chão derramada e um gambá comia o alimento. Ficou furioso e foi em direção ao bicho. No entanto, o marsupial mais que depressa correu e fugiu pela fresta do tapume encostado à entrada dos fundos da cozinha. Em uma casa dá pra fechar tudo, em uma obra sempre haverá entradas e saídas abertas.

Voltou a chorar sem saber o porquê. Pelo esgotamento? Pela humilhação da batida? Pela morte do amigo? Pela vida de merda que estava levando? Por ter que limpar toda a bagunça que o gambá fez? Talvez tudo de uma vez. Só sei que chorou como uma criança desamparada. O gambá quase destruiu o resto de lucidez que equilibrava o jovem entre a realidade e o abismo do não ser.

Após a crise, ele apenas juntou o alimento com a vassoura, jogou no meio do mato que havia na parte de trás da obra e deixou a panela de arroz de molho. Não conseguiu lavá-la naquele momento. Respirou fundo e foi se deitar para tentar resgatar o sono perdido. Tentou controlar a respiração para acalmar os batimentos cardíacos num tipo de meditação. Mas enquanto se esforçava para controlar-se, o bicho novamente entrou pelo buraco do tapume que tapava o espaço que deveria ser janela e, de mansinho, foi se aproximando naquela escuridão. O jovem estava tão dedicado a vencer sua ansiedade que só percebeu a presença do roedor quando ele se aproximou do colchão e soltou um guincho apavorante. Algo estranho, pois eles só o fazem quando coagidos. Um som dos infernos que o fez dar um pulo de susto. O ódio foi tanto que sem nem pensar, tentou se consertar para conseguir chutar o bicho, mas sem sucesso... o inimigo foi mais rápido.

Levantou-se e caminhou levemente até o segundo andar para não acordar Rafa, nem os vizinhos. Procurou por algum objeto que pudesse servir como arma. “Essa praga vai ver... é ele ou eu!”. Um pequeno vergalhão lhe veio à vista. De súbito, no mato um som rastejou. Sem hesitar, lançou mão do objeto e desceu a escada abaixo. Pela força do ódio alcançou e golpeou o ser que movimentou o mato. Um impacto tão enérgico que o pequeno ferro escapou de sua mão, rebateu no chão e feriu sua perna. O corte foi visto, mas tudo foi elipsado pelo grito estrondoso do bicho. O jovem correu e foi tomado de fúria ao perceber que, além de não conseguir matá-lo, o bicho soltou aquele gás de defesa antes de sair correndo que quase o asfixiou. Sorte que era fora da obra.

De repente, Rafael saiu de seu quarto assustado querendo saber o que aconteceu e que barulho foi aquele. Ficou confuso ao ver que seu amigo estava sentado na escada de cabeça

baixa. Perguntou novamente o que aconteceu, mas o jovem de voz embargada não conseguiu responder. Rafa percebeu o machucado e desconfiou saber o que aquele choro significava, mas sua indiferença em relação aos sentimentos e o sono fizeram-no apenas dar um abraço apertado e desejar-lhe os pêsames. Sem resposta sobre o barulho e a ferida, voltou para o seu quarto para continuar dormindo.

Quando conseguiu se acalmar, o jovem entrou no banheiro para lavar o local ferido. Ao esfriar o sangue sentiu dor, mas nada demais. Fechou o chuveiro e caminhou em direção à cozinha para tomar água. Assim que ligou a luz do corredor, percebeu um pequeno rastro de sangue e ao segui-lo viu que o gambá estava no cantinho da varanda perto do matagal tremendo. Aparentemente, o vergalhão acertou de raspão uma de suas patas traseiras. Provavelmente a tremedeira era resultado do choque, do susto.

Mesmo assim, sentiu-se péssimo, sem saber o que fazer. Queria ajudar o animal, mas como? Chegou mais perto e viu que, apesar das gotículas sanguíneas deixadas pelo chão, o ferimento não era tão grande assim. Isso o tranquilizou um pouco. O animal fitava-lhe, parecia que com um olhar triste e não temeu sua presença. Um arrependimento de morte o tocou. Assim, viu que a única coisa que poderia fazer era sentar-se perto dele, desculpar-se e desabafar, afinal, o que mais precisava naquele momento era de algo para ouvi-lo. Estava desvairado e só queria falar qualquer coisa que viesse em sua cabeça.

Por que a gente sofre tanto com a morte? A gente se ilude achando ser eterno. Daí não quer perder nada. Melhor pensar que tem fim, então? Ao menos não tem surpresa. Tudo termina, até mesmo consciência. Caralho, Difícil não ter fé. Quem acredita ao menos pensa que vai reencontrar o ente querido depois. Difícil também é viver, de qualquer modo. Na fé a gente só espera. Melhor seria, então, nem nascer? Acho que não seria melhor. Nada é tão bom. Nada melhor, a gente existe. Num é bom nem mau é... Enquanto tamos temos que tá mesmo. É bom pensar a vida, nenhuma outra vida a gente tem certeza, só essa. Enquanto tá. Ao menos. Pior, né. Em todos os dias a gente acorda, num qualquer não. Dai que a coisa complica. Quem tem resposta?

Pode ser. Normalmente as pessoas querem viver sempre mais. Eu nem tanto. Passei por coisa demais. Gosto da vida, sabe. Não quero que acabe, mas também não quero sofrer mais. Não amo essa vida, só estou aqui ainda. Quero ter vida, e vida em abundância. Não aceitar qualquer coisa. Nem precisa tanto, só não tão pouco. Tampouco o médio também. Abundância deve ser bom. Vamos ser sinceros.

Pode ser. Viver ainda tem sido melhor que outra coisa. Tristeza né. Jovem demais. Entonce. Quem imagina uma coisa dessas. Bem que ele zoava com a morte, sempre. Nem dá pra levar muito a sério também. Se não, a gente fica doido. Já não são muito certo mesmo. Vida melhor era tão distante que a gente falava que se chegasse, no outro dia morreríamos. Na verdade eu falo isso pra todo mundo. Não sou pessimista, apenas alguém que tá vivendo como pode. E eu penso em muitas coisas ao mesmo tempo.

Que coisa.. dá tristeza. Triste mesmo. Pior é quando pode ser evitada. Daí indigna ainda mais. Um hora todo mundo vai mesmo. Você acha que qualquer coisa antes tá bom, então? Imagino que ele tenha ficado feliz com o primeiro salário. Pois é. Tava construindo a casa. Tudo dando certo e de repente nada. Podia ao menos ter tido tempo pra aproveitar e gastar. É véi. Tanta gente desgraçada viva até tantas e o cara firmeza vai. A gente se conheceu bem cedinho. Fomos amigos por muito tempo. Passamos por poucas e boas juntos. Ele morou em uma obra comigo, lá no Operário. Pensando nisso, tô enjoado de morar em obras. Veja! Já tô chorando. Nem quero mais falar sobre isso.

Sabe, tô cansado. A gente pensa tanta coisa na vida. Não era para estar nesta situação. Quando inda era criança queria ser igual ao meu pai. Não era herói, nem sei porque queria ser igual. Pela falta de outro... sei lá. Foi só ver as merdas que nem quis mais. Não tinha televisão. Gostava das músicas da rádio de pilha. Vovó ligava às quatro e meia da madrugada para ouvir o programa do Gilberto Guimarães. Eu ficava puto no começo, depois até gostei, hoje sinto saudades. Ia pro São João sete horas. Ficava longe de casa. Me interessava por muita coisa.

Ela que tanto queria ser professora, mas não conseguiu nem terminar o primário. Pior que lá o povo reparava demais minhas roupas. Tinha uns buraquinhos. Alguns eram de traça, outros eu mesmo roía. Vovó falava que era verme. Então, aprendi muita coisa na escola, eu era bem estudioso, mas mais com a vó e com as andanças da vida. Foda é que ela sempre falava que Jesus tava olhando. Isso aí não foi bom. Eu ficava com muito medo. A primeira vez que senti duro foi horrível porque Jesus tava olhando. E quando toquei uma então. Porra. Essas coisas são difíceis pra mim. Nem sei porque tô falando isso. Ah! Preciso falar. Tô falando só de mim, né. Isso é sacanagem.

Mas que bom que você tá ouvindo. Me arrependo que quis te matar. Minha cabeça é muito confusa. Agora tô triste. Não deveria ter feito aquilo. Eu converso comigo mesmo e com outras vozes. Tomara que você apareça outras vezes pra conversar. Depois dessa, duvido.

Às vezes me assusto porque acho que é alguém, mas é uma voz qualquer. Acho que foi de tanto sofrimento. Eu comecei a me consolar. Era isso ou surtar. Não sei se você tem isso? Tem? Não, né. É diferente. Tô ligado. Não sei se outras da mesma espécie tem essa voz. Você tem? Uma voz diferente? Como assim?

Entendi. A gente fala pela voz e vocês fazem outras coisas com ela. Mas cada um tem a sua ou é a mesma pra todos? Nossa isso é complicado. Você não fala, mas partilha da mesma voz que todos nós então? Por isso a gente tá conversando. Realmente precisou de um som vibrar para as coisas aparecerem, né. O som não diz nada, mas construiu todos os nossos sentidos. Por que você deu aquele esguicho lá no quarto?

Entendi. Mas é que pra gente uma voz quer dizer um som específico, a gente reconhece uma pessoa sem vê-la pela voz. Só que tenho muitas dessas diferente na minha cabeça. São muitos timbres. E agora ainda tem a sua. Essas vibrações que vão e voltam enquanto a gente tá proseando faz com que consigamos nos entender mesmo sem falar a mesma língua. Faz sentido. Por que tem a voz que eu falo, e o mundaréu de vozes com que eu penso. A maioria é de voz que já ouvi; outras são irreconhecíveis. Essas dão mais medo porque eu não sei o que esperar delas. As das minhas avozinhas são as que mais ouço.

Lembro não. Faz muito tempo que saí de lá. Aconteceu muita coisa. Não sei há quanto tempo tô nessa. Parece que faz muito tempo tudo isso, mas realmente já te falei que não sei bem.. Você nem deve entender do que se trata, né. Não têm lei. Não têm polícia. Pensando bem nem consciência. Não têm que trabalhar também. Nada dessas coisas que inventaram para adestrar. Mas meio que vocês entram mesmo sem querer.

E você? Queria saber como é ser outra coisa que não eu, ou que não humano. Você parece mais livre. Pode morrer a qualquer hora. Mas fica aí no meio de mato. Entra na obra. Parece que você nem se importa. Fez bagunça, comeu e saiu.

Então, tem gente que vive bem. Eu não. Nunca tive muito conforto. A gente meio que não tá muito diferente, mas conforto só existe para humanos também, tem essa. Você pode ir pra qualquer lugar. Você tem noção da sua existência? Dor eu sei que sente. Raiva também. Cê tem filhotes? Nó, é muita coisa! Somos animais diferentes.

Sei lá se a gente vive o suficiente. Suficiente é muita coisa. Uns precisam morrer para outros nascerem, se não enche muito. Você vive pouco. Procria mais. Deve ser por isso que morre cedo. Gente como eu quando fica velho já começa a pedir para morrer. Vovó era assim.

Falava que já tinha sofrido o suficiente. Queria estudar e não estudou. Sonhava com casa sua - nunca teve. Vivia de um lado pro outro só a trabalhar. A morte pra vocês deve ser bem mais próxima da sua vida. Pois não há nada que passa entre elas. Você não pensa em tanta coisa. Tem passado? Futuro só por instinto? Queria saber.

Pois é. A morte pra gente dá medo, mesmo quando se quer partir. Uma grande diferença entre nossas espécies é que a gente quer se matar quando tem vida de mais ou de menos. Sentido a mais ou sentido a menos. Vocês já vivem sem sentido. Então nem pensam nisso. Não têm sentido, né. Ou têm? Ah, sim, faz sentido

Há muito tempo um conhecido se matou. O povo chamava de marreta. Não tava conseguindo levar comida para os filhos. Entrou em desespero e se enforcou. Ele usou a corda duma obra que estava parada há uns três meses. Eu até já tinha trabalhado lá. Foi uma cena forte. Lembro bem mesmo sem ter visto a cena. Aquele homem pendurado. Esses dias eu usei uma corda como aquela para subir balde de massa para o terceiro andar. Foda é que deixou a esposa tendo que cuidar dos próprios filhos. Acabou que uma outra família adotou as crianças depois que a mãe saiu pelas ruas afora com uma varinha batendo no chão. Ninguém entendia porque ela fazia aquilo. Ela não respondia. Já não conseguia fazer nada. Levaram ela de lá. Não sei como, nem pronde. Depois nunca mais vi. Nem os moleques

A gente vive como dá e quanto dá. Morrer é questão da vida e viver nem deveria ser questão. Não pensa assim? Não acho que seja nem mais nem menos que isso. Eu já pensei em me matar. Várias vezes. Hoje mesmo. Mas por algum motivo o sofrimento da vida me parece mais agradável que o nada. Sabe... é algo de querer saber como vai acabar e a incerteza do que vem depois. Se vem também, né.

Hum. Pode ser que não. Eu acho que sim, sabe. Só acho que a gente acaba se tornando... completamente diferente do que entendo por saber que tô vivo agora. A gente já existia antes de tá vivo. Outras coisas. Depois a gente volta a não ser. Se mistura com a terra. Não sabemos quando tudo isso começou e quando vai terminar. Não é espírito, alma, é só pedaço de coisa mesmo. Nada que tenha importância. Mas nesse ponto nós somos iguais. Somos é parasitas de vida. Cheguei a conclusão. No fim somos a mesma coisa. Acho que viro pedacinhos de alguma coisa também. Voltar a não saber que existo por meio próprio. Não sei se me entende. Não sei se você pensa que está vivo. Você tem seu próprio mundo, né. O mundo de um... está em algum lugar diferente da gente que é humano. Sabe que nem sei que quer dizer "humano". Acho que é isso.. O que você acha? O bom de ser gente é que dá pra

crescer e pensar. O bom de vocês é que têm menos problemas que a gente.

Onde eu morava o povo comia sua carne. Pela lei é proibido, mas no tribunal da fome isso não existe. Já que você pensa diferente da gente, você nem deve pensar. O mais próximo seria um alucinado. Já me pensei assim. Ainda penso. Agora, talvez. Não sei o quão distante estou. Existir à deriva. Não sei porque ainda penso nisso. É que tô cansado agora. Espero que fique bem. Me deixe dormir, por favor.

Assim, aproximou-se rastejando um pouco mais do bicho, que se assustou e correu mancando para o meio mato. Suspirou tristonho e voltou para seu quarto. Ainda saía um pouco de sangue do machucado, então rasgou um pedaço de panos velho que tinha na mala que guardava sua roupa e amarrou o pano na ferida. O sono veio, enfim. Então deitou-se, fechou seus olhos sem olhar as horas e, finalmente, conseguiu apagar. E naquele resto de noite sonhou muito, mas tudo em fragmentos; mas o que chamou mais atenção ao lembrar, é que no sonho era um fugitivo.

\*\*\*

Num dia qualquer, resolveu levantar-se bem cedo para fazer uma trilha em uma pequena floresta que ficava após um morro. Perto da região central da cidade. A manhã era agradável e foi num dos dias que Fernando deu a louca e disse que ia parar a obra. No outro dia mudou de ideia. A gente já tava acostumado com as inconstâncias dele. Assim, calcei o tênis, sai da obra e fui andando até chegar ao começo do morro. Na rua só haviam pessoas que varriam as ruas. Todas deram bom dia. Subi ainda no breu. Chegando lá estava quase na hora do sol nascer. As folhas todas molhadinhas, o vento frio e no horizonte alguma coisa demonstrava que o sol já estava chegando. Serração branqueava o morro. Acendi meu baseado e sentei em um tronco de árvore que estava no chão. Tava meio molhado, mas nem me incomodou. Sentia o cheiro de cada árvore. Das folhas. Das raízes. Dos cipós. Das vespas. Conseguia sentir tudo, mas tudo em sua primeira impressão. Como chegava ao corpo. Antes de pensar que estava sentindo algo.

E depois aqueles pontos coloridos; as borboletas, voavam entre o exército arbóreo. Percebia bem melhor as formas, todas elas, de tudo que estava a minha frente. Uma paz que há muito tempo não sentia. Sentindo tanta coisa nem percebi quando o astro rei despontou. Um velho homem dizia que não damos o devido valor ao sol porque nos habituamos a crer que ele sempre retornará no próximo dia. Pensei comigo que se não tivesse garantia de sua

volta, nos cobrariam todos os crepúsculos. Isso é absurdo porque sem sol não há gravidade pra segurar a terra em seu processo estável de girar. Então nada existiria. Ao menos o sol jamais nos poderão cobrar.



Mesmo olhando para a plenitude do céu, só depois percebeu que o sol já tinha nascido. Tudo era lindo, mas já era hora de descer. Levantou-se sem entender o porquê de, mesmo estando com os olhos fixados no lugar onde o sol despontaria, não ter conseguido vê-lo surgindo. A confusão e o desapontamento não o fariam perder o encantamento com as imagens que pôde ver. Que no momento não eram imagens, mas agora, aqui, devem ser.

Andando por aquela trilha descobriu-se outro. Estava tomado por uma energia tal que clareava ao redor o seu caminho. A frente clara e a abertura entre as árvores denunciavam o fim daquele paraíso em Terra.

O encantamento foi interrompido pela curiosidade. A alguns metros um homem está ajoelhado ao lado de uma moto. Naquela hora. Como assim? Tava orando.

Quando chegou perto, o homem levantou-se e começou a farejar a roupa de N, olhando de baixo para cima, fitando os olhos; logo pergunta: “você fumou uma erva, né?” N, confuso, ainda estava desorientado. Não consegue responder. Apenas sorri para tentar não dar pala. Mas já tava dada..

- Irmão, posso trocar uma palavrinha com você?

N tenta seguir rumo dizendo que está atrasado para o trabalho. E o homem se põe a sua frente e diz que as palavras não são dele, mas do senhor criador e juiz deste mundo. N diz que tem que chegar ao trabalho antes das oito. O homem retruca dizendo que era sete horas,

“você ainda tem uma hora, pode ficar uns minutinho para ouvir o que deus tem a dizer para você”.

Em um instante, muda a feição; produz uma expressão facial de desconfiança; logo questiona: “você trabalha de quê?”. N responde que trabalha com obra. O inconveniente irmão pede para ver as suas mãos. Se aproxima, fita os olhos e quando percebe não haver ali calos que provassem a ocupação sugere que o jovem estava mentindo.

“Eu uso luvas, por isso não tenho calos”. Irritado, mas curioso demais para seguir e deixar o inquiridor falando sozinho. Uma situação desconfortante, porém interessante.

- Hum! Meu irmão, o senhor manda te dizer que aquele que anda no caminho dos ímpios e se assenta na roda dos escarnecedores sofrerão o juízo da ira divina. Saia desses caminhos de pecado! “Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite”. Eu também já fui viciado, por muito tempo, mas o senhor me curou. Você já foi da igreja? Foi evangélico?

N já transpirando fúria responde secamente que sim.

Percebendo que o jovem já estava de saco cheio, o homem crente muda o tom.

- Amigo, eu preciso arrumar um emprego que não precise assinar a carteira. Servente pra mim tá ótimo. Com quem você trabalha?

- Por que você quer um emprego que não precise assinar a carteira?

- É que eu fui demitido do meu emprego e agora tô recebendo o FGTS. Se assinar a carteira perco o meu seguro desemprego.

N cansou de ter que se explicar. Aquilo já estava irritante. Veio-lhe um ataque de raiva, no entanto logo percebeu que estava se expondo demais ficando ali. Ainda tinha uma ponta, e os home costumam fazer ronda nos morros. Mas era muito cedo, muito improvável de acontecer. E aquela subida era difícil demais pra carro. Tinha até uma barreira de arame que sei lá porque tava lá. Mas dava pra passar moto e gente. (...)É interrompido em sua confusão de pensamento com um conselho do homem.

- Pare com as drogas agora, meu irmão. Jesus te ama! Morreu por vocês. Não sei o que passou ou passa na vida, mas esse não é o caminho. O senhor manda dizer que ele pode te aliviar. O caminho dos ímpios é o inferno, se você continuar, vai queimar eternamente sob a

ira de deus. Deus não me fez encontrar com você atoa. A essa hora da manhã você já está drogado. É jovem. Tem muita vida pra viver ao lado de Jesus.

A ira que sobe a alma de N faz com que ele tenha vontade de descer a porrada no homem, porém antes disso se torna conscientemente de sua situação. Olhou nos olhos do baixo homem e teve pena. Aquele coitado era apenas um escravo da tirania de um deus que não se importa com seus filhos. Um pai amoroso não pode ser um juiz cruel que julgue a pequena e dificultosa existência, de poucos anos, de seus filhos bastardos com um castigo de eterno sofrimento. Que justiça sem medida é essa? E esse quem decide os seus critérios. Porque não se mostra como homem? Precisa ficar escondido em suas palavras sagradas de verdade e de seus servos representantes.

Desiste de agredi-lo. Não valeria a pena. Deveria seguir em frente.  
Caminha, descendo  
aquele pequeno morro que  
liga a mata à cidade.

O religioso ao perceber que o jovem ficou irritado pediu perdão por  
várias vezes.

Quanto mais longe o jovem estava, mais altos foram os pedidos de  
desculpa.

N não disse nada

Quando as desculpas cessaram, ele olhou pra trás.

O ressentido continuou lá e voltou a se  
ajoelhar.

N apenas volta o olhar para frente.

pensa consigo por  
quê parou?

Uma linda manhã de paz interrompida por palavras.

\*\*\*

Depois do sô delio bater, N acorda no susto. Ele não era fugitivo.

Cara, a gente tem continuar trabalhando.

- Já deu. Vou pegar um escaminha pra gente ao menos amenizar a perda, né. É perto da minha cunhada. Sempre vou lá. Cêis fica ai fazendo o serviço que eu vou lá num pé e volto noutra. Se tiver na beira já vejo rápido. Se Fernando chegar cêis falam que fui em casa porque a muie passou mal. Mas vai ser vai e volta. Vai dá bom. Só toma cuidado na ora de aprumar a linha pra não dar diferença. Depois que vai montando a gente vê que sai do prumo e tem que dá os pulo. Essas coisas não são pra ser resolvidas no acabamento. Cêis já viram, né. Não tem erro. É rápido. Pode ser pra vocês? Eu vou de galo

- Tá firme, também quero galo. Tô nem aí, já tô todo fudido mesmo, nem queria levantar.

- Tamo na mesma, vai de galo.

Pode crer. É rapidim. Já volto.

Cara. deu ruim! Quase rodei ainda.

- Como assim, perdeu nossa grana e não trouxe o teco?

- Rapaz, já tava na mão. Os home deram bote do nada. Chegaram mandado nas viatura e já foram pra cima e todo mundo saiu correndo nas vielas. Eu joguei os três pinos longe, nem sei onde. Foi no choque. Dai no chão tinha um buraco com uma sacolinha que os moleques tinha deixado. Já ia tomar no cú. Iam me colocar no meio. A minha sorte é que minha cunhada tava lá e viu. Dai ela falou que eu era de bem. Que usava, mas era trabalhador. Que os moleques que passavam eram outros. Aqueles que pularam ali a cerca. Ela falou que já tinha reclamado deles - porque ficava um movimento com gente estranha o tempo todo ali na frente da casa dela, até ficava com medo, vai saber, né - mas eles não fizeram nada. Agora querem prender um trabalhador?

Dai um pegou a sacolinha e uns outros foram procurar mais. Nem vi quantos tinham, fiquei de cabeça baixa. Porque assim, ao menos, eles se sentem superiores e não encrecam tanto. Acharam até meus pinos num matinho. E depois perguntaram quanto eu desenrolava pro café. Dei 20, que era o que tinha. Eles até ficaram putos porque dava pra nada.

- Pô. Se foi assim fazer o que, né

- Pra que vou mentir. Nós tamu tudo junto aqui. Ainda mais agora que nosso irmão se foi. Olhá só, tô tremendo.

- Pô. A gente não duvida, mas agora vamos trabalhar de cara. Ai que é foda.

- Fazer o quê

- Ao menos uma purinha vai. Vai alí comprar uma pra gente?

Vai saber se é verdade. Mas só Délio era de bem. Não acho que ia piranhar a gente. Só lembrei dessa história porque ele era bom contator

Na hora que ele tava falando, ele mostrava como os home chegaram, Com a arma apontada. Daí também mostrou como os moleques correram e pularam a cerca. Ele ficou com a cabeça para lá e pra cá sem saber o que fazer. Com droga na mão; jogou o mais longe que conseguiu, mas e a sacolinha ali. Ele mostrava tudo. Contava a história pra gente como se a gente estivesse lá vendo tudo. Por isso nunca duvidei. Mas era muito caoseiro também. A gente ficou sem o galo, o escama. Tomamos no cú, o resto do dia de serviço foi ele contando como foi e a gente revezando para ir buscar as purinhas. O trabalho não progrediu nada. Fernando até brigou depois.

\*\*\*

Depois ainda chegou um tal de malhado pra morar na obra com a gente. Sô César. Esse era liso, tão liso que ainda tava vivo. Cara gente boa. Falava coisa e duas horas depois desdizia o que falava e se a gente fizesse a observação ele encontrava um argumento para solidificar toda a contradição. Era analfabeto, mas retórico. Sócrates sentiria inveja. Não dá pra contar tudo aqui e não é o foco, mas a última vez que conversei com ele, estava preso. Usou a ligação dele para ligar pra mim, pois foi completamente abandonado pela família e amigos. Conversou um pouco com o Rafa e o sô Délio também. Pra gente ver com Fernando pra ajudar a tirar ele de lá.

Ele não tinha feito nada. O que havia acontecido é que a filha dele era frequentemente espancada pelo esposo. Daí um dia o cara arreventou a mulher a ponto de ter que ir pro hospital. Não sei a história que o desgraçado inventou para não ser preso, mas apareceu morto e todo esfaqueado três dias depois. Presumiram que era o malhado porque ele já prometia fazer isso há tempo. Foi de cautelar mesmo. Toda vez que tava bêbado ele falava que ia fazer uma hora ou outra. A gente mandava sossegar. De qualquer forma, tentamos falar com Fernando e ele deu a mínima. Perdemos o contato com o malhado. Ele nunca mais ligou.

Eu gostava dele. Uma vez fez uma carne dura pra gente comer com pinga. Viramos a noite. Ele gostava de dar conselhos sobre as vivências de merda dele. Tinha muita sabedoria. O apelido de malhado era pelo vitiligo, e ele sempre fazia questão de ser chamado assim. César é nome feio. Malhado dava a marra. Havia passado por muita coisa e realmente tinha muito a nos contar. Aprendemos muito com ele.

Mas depois a gente viu que também não dava pra confiar muito. Era realmente liso demais. Um dia pegou um serviço como pedreiro e levou Rafael e eu como ajudantes. Dava uns dois dias de serviço. Num final de semana já acabava tudo. Mas ele não sabia fazer o serviço. Então, a gente fez e ele mais fumava que trabalhava. Ganhou como pedreiro e nós como ajudantes. Ele ficou falando coisas sobre o trabalho, como se fosse pedreiro profissional. Alguns direcionamentos realmente estavam certos, mas se fossemos obedecer tudo o que ele falou, aquela reforma não iria sair nunca, ou ficaria uma porcaria. Mesmo que a gente tivesse percebido que ele não sabia muito bem daquilo, ele convencia na lábia. Fizemos da forma que sabíamos ser o certo fingindo que estávamos seguindo tudo o que ele falava. Percebemos a pernada e ele sabia que nós sabíamos dela. E no final o trabalho saiu.

Mas uma coisa eu digo. Se ele matou o genro - acho que fez certo e foda-se. Quer tirar satisfação comigo, (...) com quem. E se realmente quiserem: nós apenas diremos que é Literatura? Mesmo se o processo dele ainda estiver rolando. Se não, tanto faz? É coisa da justiça investigar e resolver. Não sei se está preso ou solto. Uma coisa que queria saber: será que foi ele quem matou? Ele me deve 20 conto ainda. Do que contava do genro, realmente não o julgo, mas falo isso como literatura, tá.

\*\*\*

A gente vai misturando tudo e vira essa bagunça. Tava falando do Sô Délio, né. Entrou o malhado no meio. Desculpa a confusão, mas também não me recordo porque começamos a falar dele. As histórias vão se misturando e nem sabemos porque começou e onde vai terminar. Igual aquela obra que a gente morava na época. Acredita que até hoje não terminaram. Passei lá esses dias. Não tirei foto pra não dar pala. Passei rapidão mesmo. Acho que não tem nem documentação. É tanta obra, né.

\*\*\*

A vida pode ser boa pra quem não sente.

Não sente isso que é dor

Dizem que pode ser boa assim mesmo  
Vida não tem obrigação de ser boa ou ruim  
Em alguns, algumas dores, em outros, outras; o finco nunca é o mesmo  
a única dor irremediável é aquela definitiva  
Nossa língua é diferente, estamos em lugares diferentes  
e estamos falando de coisas diferentes  
você me vem falar de remédio  
Algumas dores doem,  
doem, doem,  
doem, doem  
e dor não é qualquer coisa  
faz chorar

Vó chora. Lá fora.

Mandioca brava, tanto adeus.

O que nunca mais viu, pois se perdeu, foi lá morar com outros parentes.

Lembra pouca coisa. O Anderson tá com as tias?

\*\*\*

Percebi que não aguentaria a vida sem lágrimas. Então adquiri o hábito de chorar muitas vezes ao dia. É impossível, palavras e espasmos não bastam. Se é pra doer que doa, mas nunca tirar o choro. Choro não vem da alma, depois de um tempo entendi, vem da superfície. Coração só bate, cérebro só faz sinapses. Quem sente é o corpo aberto.

Estava deitado em seu colchão pensando sobre seus últimos meses passados ali. Tanta coisa havia acontecido que poderia escrever. Se contasse tudo aquilo para alguém, certeza que diriam que é historinha, papinho mole. Mas escrever é difícil demais. Dói muito. Achava realmente que não iria conseguir nada além daqueles fragmentos sem totalidade. Se era pelo cansaço ou falta de alma para a escrita, não sabia. Ainda estava cedo, oito da noite, não tinha nada que fazer. Sabia que não era bom ficar com a mente muito tempo desocupada pois se parasse muito para pensar o fígado iria atacar... e realmente era horrível, uns puxões, a coisa ia subindo e chegava quase no peito; ali ficava remoendo até acostumar-se com os espasmos que se misturavam com as imagens da cabeça e se perdia como se pensamento e fígado fossem as mesmas coisas. Mas, por favor, não façam uma hepatoscopia dos seus pensamentos.

Próximo a concentrar-se em gatilhos de recordações, é distraído com Rafael

chamando-o de forma enérgica. Levanta-se rápido para ver o que era. A aflição rompe ao saber que Fernando acabara de ser assassinado na choperia do posto da Costa, com oito tiros. Havia parado lá para tomar um chope com os amigos, após um passeio de jetski, e do nada uma moto para em frente ao local, o homem que estava na garupa desceu e descarregou o pente nele, voltou para a moto e fugiram. Ele tentou reagir, mas antes de pegar o três oitão na cintura já tava furado. Os amigos que estavam na mesa, juntamente com todo mundo que estava próximo: uns saíram correndo, outros se jogaram no chão. Foi tão rápido e bem feito que ninguém acreditou em um primeiro momento.

Sô Délio havia ligado e contado tudo. No momento já estava lá no local. Um dos irmãos dele que chegou depois tirou as jóias do pescoço e do braço com a maior frieza. Délio falava e chorava ao mesmo tempo. Um desespero que só. Também morava em uma das obras paradas do Fernando sem pagar nada. Tinha consideração por ele.

Questionaram-se se deveriam ir ao local?... Não, seria melhor ficar em casa. Eles também corriam riscos. Sabiam que muita gente queria matar o cara. Ele era gente boa, mas mexia com muita coisa errada e tinha muitos desafetos. Os acolheu em um momento de muita dificuldade, mas sabiam nem mesmo a procedência da obra onde moravam. Os dois éramos gratos, seríamos eternamente gratos, mas não faria sentido ir lá porque provavelmente já haviam levado o corpo, é melhor ficar por ali vigiando a obra. Tudo poderia acontecer. Deveriam estar preparados.

A dona Lúcia, sua esposa, era meio calada e desconfiada, mas parecia ser gente boa. Provavelmente iria paralisar a obra, mas talvez os deixasse ficar ali vigiando. O esquema era correrem pra arrumar um emprego e depois saírem de lá. Não era seguro. Até poderiam ficar protegendo a obra, mas quem os iria proteger. Aí é que tá. Cidade tinha muitas obras. Bom mesmo seria não correr o risco de ficar ali. Bom mesmo seria não depender de obra.

Pobre Fernando! Desculpe-nos por pensar sobre isso agora, mas a gente tem que se virar. Morreu cedo, mas você aproveitou muito a vida. Podia ser cruel com muitos (histórias que jamais poderemos pensar em contar a alguém), mas com a gente sempre foi parceiro, até na hora de xingar que o trabalho tava atrasado, que estávamos fazendo corpo mole. Depois pedia desculpa, mas mandava a gente trabalhar direito.

No tempo em que moraram ali, haviam economizado com aluguel. Então os dois tinham algum dinheiro guardado. Pouca coisa, mas talvez conseguissem fazer um curso profissionalizante para arrumar um serviço melhor. Iriam pesquisar e pensar sobre isso. Mas antes de tudo era necessário saber o que Dona Lúcia iria fazer. Provavelmente não

conseguiriam dormir aquela noite. Melhor coisa ir no boteco comprar uma cachaça e tomar. Em casa mesmo, por respeito ao defunto.

Dali dois dias ela apareceu com seu Délio e um outro cara que a gente nunca havia visto na vida. Tinha cara de marra e era todo musculoso. Os dois usavam óculos escuros.

Prestamos as condolências e mostramos gratidão ao que ele já tinha feito por nós. Ela secamente nos apresentou o homem. Não recordo o nome, mas disse que era um policial amigo do Fernando que estava ajudando-a a resolver os problemas, que eram muitos. O cú foi na boca, mas segurei pra não tremer... de ódio e de medo. Tenho isso comigo, sempre me sinto alvo quando tem bota por perto, mesmo que não tenha motivo. Sô Délio e Rafa pareciam receosos também. Silêncio de uns segundo, ele disse nada; nem nos cumprimentou. Apenas olhava em nossa direção de braços cruzados.

Após mostrarmos o estado da obra e em que pé andava, eles se afastaram e, por instantes, conversaram entre si. Nós três só trocamos olhares e esperamos.

- Quanto tempo pra ficar pronto?

- Dona Lucia, vai ai mais de ano.

- Vocês não fizeram previsão? Fernando não cobrou o tempo de terminar?

- É que ele parava muito. Pedia pra fazer de novo. Mudava muito de ideia. Daí a gente acabou que ficou sem tempo certo pra terminar, entendeu, Dona Lucia. Mas aqui todo mundo sempre trabalhou muito. Ninguém moscou. Mas só tem dois apartamentos prontos, que ainda faltam janela e porta, além da pintura. Onde os meninos moram.

- Entendi. Fernando chegou a comentar que, apesar de serem lentos, eram bons trabalhadores e confiáveis. Ainda verei isso, mas no momento vamos ter que parar com a obra até resolver tudo. Vocês estão dispensados pra procurar outro serviço. Como vocês sempre foram de confiança do Fernando, se quiserem, podem continuar morando. Depois daqui a gente vai lá na obra onde o Délio mora pra ver como tá também. Mas o senhor vai poder ficar lá morando também. É bom que vigiam pra gente.

- Nossa! Que alívio. Muito obrigado.

- Espero que não traiam a minha confiança, senão...

O homem ao seu lado começou a se abanar com a barra da camisa como se estivesse com calor. Isso para mostrar o cano que tinha ali escondido na cintura da calça. Babacão o maluco. Como se a gente nunca tivesse visto uma daquela. Realmente ela bota medo, dá muito poder, né.

Agora deveríamos ser leais a ela se quiséssemos ficar ali e vivos. Nós concordamos,

naquele momento não tínhamos muita escolha. O jeito foi aguentar, mas já ali algo se contorceu dentro de nós. Aceitaríamos de boas, mas o mundo gira. Gira e aqui é o inferno. Não precisava daquela ameaça implícita com a arma.

### **Não vale a pena escrever.**

Mais rápido e em conta foi pra vigilante mesmo. Muitas vagas no banco de emprego. Sabiam que não dava pra dizer que seria a melhor coisa do mundo, porém ao menos o salário era bom. Tinha piso, salubridade e tudo. De tudo, tudo dava uns 1400 pau, pelas nossas contas. Cê louco, nunca havíamos ganhado aquilo, e ainda não precisava pagar aluguel por morar na obra. Dava pra começar alguma coisa. O curso tinha duração de um mês e era integral. Usaram praticamente todas as economias para fazê-lo e poderem ficar naquele mês sem trabalhar. Arriscaram porque do jeito que estavam vivendo era melhor nem viver. Então qualquer coisa valia.

Fazer aquele curso era um peso. Tinham seis professores. Dentre eles, um era policial que foi expulso da corporação por algum motivo que não quis contar. O outro havia sido do exército, mas não seguiu carreira. Os outros quatro eram realmente pessoas que haviam estudado algo relacionado ao curso que estavam ministrando.

Mas o mais interessante foi o Neco. O cara era faixa marrom em Krav Maga, e tinha faixa em outras lutas também que não me recordo. Batia até no capeta. Era um preto, musculoso, um pouco baixo, um sorriso claro e da galera; uma pessoa super brincalhona. Todo mundo o via com muito respeito. Nos rachas ele dava pau em todo mundo na facinha. Poderiam ir 4 pra cima. O interessante é que quando não estava dando aula de Krav Maga ou defesa pessoal, era maquiador. Mãos treinadas na brutalidade e ao mesmo tempo na delicadeza.

Ele disse que fez vários cursos. O importante era ganhar dinheiro. Não tinha isso com ele. O importante era alimentar a filhinha dele que era linda. Ele sempre mostrava fotos. Você acha que algum dos machões, héterozões, brutos que queriam ser vigilantes e faziam parte do curso caçoavam dele? A maioria tinha o sonho de ser polícia e precisavam afirmar a masculinidade a todo momento. Na minha frente, não ouvi uma piada.

\*\*\*

O dono do curso era o ex-polícia, expulso da corporação.

Um dia, após a aula de defesa pessoal, na parte da manhã, uns foram almoçar num restaurante que ficava ali perto e outros, uns oito, mais ou menos, levaram comida de casa

para não ter que gastar, estávamos entre eles. Enquanto todos estavam ali comendo, o Neco se aproximou e começou a papear com a galera. Perguntaram se ele já tinha almoçado. Não estava com fome. A segunda parte da aula dele começaria quatorze horas. Mas já era uma e pouca da tarde. Estava é sem dinheiro para ir pro restaurante e não teve tempo de fazer comida naquele dia e a esposa estava nos bicos também. Todos ficaram intrigados pelo fato do professor estar tão quebrado.

Após muito papo e insistência, Neco desabafou. Naquele curso de vigilante patrimonial estava há dois meses sem receber o salário. Tinha medo de sair pois o dono não era flor que se cheirasse e também era uma coisa mais fixa que tinha pra trabalho. Tinha uns alunos em duas academias, mas eram poucos. Até cobrou o patrão, mas ele falou que a situação tava pra melhorar e não era pra ele sair. Como maquiador conseguia poucos clientes. Dizia que achava que era pelo fato de que a primeira impressão que causava nas pessoas era de alguém sem sensibilidade para conseguir maquiagem. Brutalidade não combinava com aquela arte sensível. Então, era algo que fazia mais como bico; às vezes surgia alguma coisa e na maioria eram conhecidos, ou indicações deles. O sustento principal advinha daquele curso. E das aulas que dava nas academias que não estavam sendo suficientes para mantê-lo com sua esposa e filha. Surpresos, os alunos juntaram um pouco de cada marmita e montaram uma para o irmão. Deu pra ver que ficou constrangido, mas aceitou contando piada.

Imagine quando o dono descobriu que Neco havia falado sobre o atraso do salário. Ninguém soube quem foi o filho do puto do cagueta. O chamou em sua sala e sabe-se lá o que foi a conversa. No fim disse na presença de todos que havia dado outra oportunidade pois eram muito amigos e ele era foda na luta. Seria difícil conseguir alguém melhor. “Neco é um bom homem. Apesar dos bicos meio estranhos. Coisa de viado. Mas cada um se vira como pode né. A gente logo vai pagar os salários atrasados em breve. É que tiveram uns contratemplos nesses últimos meses. Mas já tá tudo se resolvendo.”

Esse mesmo dono dava aula de direitos humanos no curso. Por incrível que pareça, não discordava de tanta coisa. Foi até um professor gentil. Contava como era humano com os bandidos quando os prendia, isso para dar exemplos dos conteúdos. Matou poucos e foi em situação que não tinha o que fazer. De matar ou morrer mesmo.

Lembro-me de uma história interessante.

Disse que havia pegado um traficante no flagra que ele já conhecia mais ou menos. Sabia até que tinha duas filhas o vagabundo. Não dava exemplo. Apenas o levou para a cela, pegou o cacete, colocou um joelho no colos do bandido e disse:

- Eu vou te quebrar todo, vai sair mole. E vai ficar um tempo garrado, ein.

O traficante implorou; disse que trabalhava também quando conseguia trampo, mas tava difícil. Tinha duas filhas. Não era pra fazer aquilo. “Se o senhor deixar passar dessa vez juro que mudo de vida, vou pra igreja, corro atrás de trabalho digno”.

Orgulhosíssimo com seu heroísmo em ter salvo a vida daquele bandido, ele terminou dizendo que “Esses dias o encontrou, e ele me agradeceu a oportunidade, ainda disse que tava trabalhando em dois empregos e tinha virado missionário”.

\*\*\*

Nos demos bem em todas as disciplinas do curso. Para finalizá-lo só faltava aquilo que todo estudante de vigilante mais almeja ao se matricular: atirar. O alvo ali na frente; a arma na mão; a maneira correta de manejo, as mãos firmes, o olho guia, o destrave, o fogo saindo e o gosto doce de pólvora que fica na boca. Se bem me recordo foram setenta balas para cada aluno. Para sermos aprovados deveríamos acertar no mínimo quarenta e dois tiros no alvo. Era um papelão com a imagem de uma pessoa e o professor deu uma colher de chá. Disse que cada tiro acertado em algum ponto vital valeria dois pontos.

Não consegui acertar nenhum ponto vital e meu total foi de 41 tiros. Rafael acertou 50 tiros e ainda teve dois pontos de bônus: um próximo da traquéia e o outro na região do plexo solar. Como não atingi o número total fui conversar com o professor pra ver como seria a minha recuperação. Pois teria que pagar por cada bala. Mas ele foi super solícito; disse que por um tiro não iria me reprovar. Percebeu que eu estava nervoso.

Apesar da minha péssima atuação na fase do tiros, aquele momento me deu uma empolgação que nunca havia sentido. Naquele instante até consegui entender todos os porcos covardes. Uma arma na mão e um alvo à frente. O poder de tirar a vida. O alvo tinha todas as características de um homem. Aquele que está ali na frente sempre vai tremer, sempre vai implorar pela vida. E o poder está em nossos dedos. Depois do tiro, toda aquela tensão que se vai e a gente se sente deus, ou o próprio destino, que pode tirar a vida de alguém apenas apertando um gatilho. Aquele gostinho delicioso na boca.

Após essa aula foi a despedida do curso e todos estavam em êxtase. Alguns já haviam atirado, outros não. Mas a sensação era a mesma; todo aquele poder. Mesmo que os alvos não fossem humanos reais, a imaginação trabalha. E sei que muitos imaginaram desafetos ali. Aquele momento foi de grande celebração, e eu de relance observei uma coisa. Dava pra ver na cara do instrutor de tiro e do dono ex-PM a soberba ao ver como aqueles pobres estudantes

se animavam apenas por atirar naquele dia. Algo com que já estavam tão acostumados.

\*\*\*

[1:59 PM, 07/07/202] .: Dois professores eram ex-militares

[1:59 PM, 07/07/202] .: Um era ex pq foi expulso e preso, mas numa cela especial e logo saiu.

[1:59 PM, 07/07/202] .: kkkkk

[1:59 PM, 07/07/202] .: Que era o dono do curso, inclusive

[1:59 PM, 07/07/202] .: Ele mesmo falava isso

[1:59 PM, 07/07/202] .: Teve um dia que ele chegou na aula e pediu pra ver o dedão de todo mundo

[1:59 PM, 07/07/202] .: E eu fui moleque

[2:00 PM, 07/07/202] .: Nem tentei lixar o dedão queimado

[2:00 PM, 07/07/202] .: Pq com cigarro tbm dá

[2:00 PM, 07/07/202] .: Mas de beck é diferente

[2:00 PM, 07/07/202] .: Ele falou que foi só pra botar terror

[2:00 PM, 07/07/202] .: Que sabia que tinha gente ali que fumava, mas não se importava

[2:00 PM, 07/07/202] .: Era só isso não atrapalhar no curso ou no trabalho depois de empregados

[2:01 PM, 07/07/202] .: O “M”

[2:01 PM, 07/07/202] .: É sério

[2:01 PM, 07/07/202] .: Capitão “M”

[2:01 PM, 07/07/202] .: kkkkkk

[2:01 PM, 07/07/202] .: Eu me empolgo falando as coisas. Desculpa.

[2:03 PM, 07/07/202] .: Minha família toda é assim

[2:03 PM, 07/07/202] .: Gosta de contar os causos

[2:03 PM, 07/07/202] .: Dai todo mundo fala ao mesmo tempo. Ninguém entende ninguém. As histórias se misturam. A gente não sabe de qual José tá falando.

[2:03 PM, 07/07/202] .: Coisa caótica. A gente tava falando de outro assunto e eu entrei nesse, né. Mas como tinha tempo que a gente não se falava eu fiquei empolgado pra te contar.

[2:04 PM, 07/07/202].: Tá tudo bem. Não tô podendo falar muito porque tô no trabalho

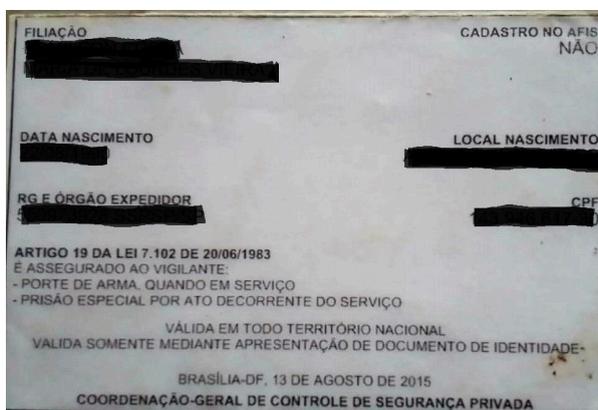
[2:04 PM, 07/07/202].: Mas queria só falar isso. Eu fiz o curso de vigilante e agora tô procurando trabalho com o Rafa

[2:06 PM, 07/07/202].: Que bom, né. Já é uma coisa. Preciso voltar ao trabalho aqui. Tô

muito feliz por você tá. Desejo sorte na busca por emprego.

\*\*\*

Os certificaram e a carteira de vigilante chegaram poucos dias depois



Rafael e eu já fomos logo procurar emprego. Estávamos animados. Era um trabalho mais fácil e ganharíamos mais. No começo do curso a gente achou chato, mas na parte da arma a gente animou. O sonho da minha avó era que eu trocasse a enxada pela caneta, entretanto, no momento só podia trocar por um três oitão. E eu já estava até me habituando à ideia. Até parei de escrever. Achei bobagem. O gosto de pólvora na boca fora mais saboroso ao paladar que o gosto daquelas palavras para nada. De que serviam aqueles cadernos escritos? Nada. Pra que continuar fazendo aquilo? Jamais seria escritor, não tinha dom, mas vigilante podia ser. As pessoas, em sua grande maioria, jamais serão aquilo que vem do desejo, serão o que conseguirem ser. Não via vantagem mais. Nunca gostei de escrever mesmo, fazia por outro motivo que não o amor em fazer, porém também não os joguei fora, havia ali muitas boas recordações; apenas os guardei em uma parte da gaveta do guarda-roupa quebrado que ficava no quarto em que dormia. Eu realmente não iria mais mexer com aquilo.

Foram dias afincos. Acordamos cedo. Fomos nos sindicatos de vigilantes da nossa cidade e das cidades vizinhas. Entregamos currículos nas empresas. Pensando bem, acho que foram umas duas semanas tentando. De sol a sol e o nosso dinheiro acabando. Mas a gente achou melhor continuar insistentemente a voltar pra servente.

Estávamos desanimados, mas continuamos. Economizando o dinheiro que podíamos. A dona Lucia ia às vezes na obra, mas nem enchia o saco; só perguntava como estava. Tinha mais o estranho costume de ir de madrugada na parte de trás, onde tinha um tipo de celeiro no meio do mato, vai saber fazer o quê. Nunca perguntamos, nem fomos lá pra ver o que tinha. O curioso morreu por ver demais. Então ainda estava tranquilo morar ali sem pagar.

Rafael até conseguiu um trabalho de segurança em um supermercado nesse tempo, mas saiu logo. Viu que era furada. O dono era um tal de batalha. Policial que matava pra ver cair. Ofereceu três semanas de experiência, se ele passasse, iria contratá-lo fixo. Mas Rafa não esperou nem uma semana. O povo que já tinha trabalhado pra ele falava que não pagava direito e que quando o cobravam a coisa ficava feia. Rafa foi no escritório dele, agradeceu a oportunidade e disse que tinha conseguido outra coisa com salário melhor. Pura mentira, mas era melhor que arriscar ficar ali trabalhando sem ganhar e depois ser ameaçado ainda. Batalha disse que era pra ele passar lá outro dia pra receber os dias trabalhados porque na hora não tinha como.

\*\*\*

Enfim o trabalho veio. Ficamos cheios de alegria. E conseguimos na mesma empresa ainda. Fizemos todos os processos admissionais e fomos na reunião geral da empresa para passarem questões de segurança de trabalho; políticas, valores, direitos e também a alocação de cada vigilante.

Quando recebi meu local de trabalho fiquei um pouco desanimado. Seria segurança de shopping, nem era algo como vigilante, não iria usar nem arma nem colete no trabalho (atirar é realmente algo que mexe com a pessoa). Além de tudo o horário era horrível. Tinha que ficar em pé lá quase sem se mexer. Com postura vigiando lojas. Mas no fundo estava feliz pela oportunidade.

Já Rafael deu mais sorte, também foi escalado pra trabalhar no shopping, mas foi pro noturno. Não tinha que ficar em pé vigiando as pessoas passando; era tranquilo, apenas tinham que fazer as rondas e ainda tinha o adicional noturno que dava um bom dinheiro a mais.

O treinamento no shopping durou nem duas horas. Falaram sobre as nossas obrigações ali, os horários, as trocas de postos, os locais estratégicos; sobre o nosso dever de proteger os patrimônios e essas coisas. Disseram que o resto, os seguranças mais experientes iriam passar tudo pra gente. Nos posicionaram nos locais estratégicos; as lojas que corriam mais risco de furto, ou os lugares mais propensos a algum problema. Eu fiquei no setor quarto, no começo, mas sempre havia rodízio entre os seguranças.

O Jeferson iria ser meu instrutor no dia. Era muito gente boa. Fez quatro semestres de educação física, mas teve que parar por causa da mãe adoentada e depois não teve mais tempo ou oportunidade.

Ele me apresentou todos os locais do shopping e me explicou as posições e

coordenadas de acordo com um mapa que me entregou. As estratégias, os horários, bem como outros procedimentos táticos. Depois, ele chamou a atenção para um dos detalhes mais importantes. Cada vigilante trabalha com sua escuta e só se comunicam entre si por códigos. Eu já havia aprendido o alfabeto e os comandos do código Quebec e outros termos de estratégia no curso, mas quando vi a lista, haviam muitos outros códigos específicos do Shopping. Fiquei até preocupado em como iria memorizar tudo. Jeferson me acalmou e disse que haviam alguns que eu deveria me ater. Outros, nem tão importantes porque eram relacionados a casos específicos que não prejudicariam o sistema de segurança.

(Vou exemplificar os códigos aqui com os números trocados para isso não me dar problema no futuro. Então saibam. Eles existem, mas não necessariamente nesta ordem)

Código 1: (furto) Meliante pego furtando algo em alguma das lojas ou clientes

Código 2: (supeito) Quando perguntei o que era um suspeito, não souberam muito bem responder. Falaram que dá pra ver pelas roupas, pela cor, pelas tatuagens, por como se portam no espaço, pela cor do cabelo, pelos piercings, por estarem com mochila aberta; no geral, em qualquer atitude que pareça suspeita. Com o tempo eu iria ter a intuição de saber quem é suspeito.

Código 3: (baderna) Os famosos rolezinhos que na época estavam em alta.

Tinha código até pra ir ao banheiro, pra poder beber água; tinha código pra tudo. Portanto, se eu for falar de todos, vocês vão enjoar de ler. Pra falar a verdade já devem estar. Mas um código me chamou muita atenção e sobretudo a justificativa.

Código 8: (homossexualidade). Quando perguntei o porquê, disseram porque eram os que mais furtavam e os que mais faziam putarias no cinemas e nos banheiros. Que o shopping era um lugar familiar, então deveríamos manter a decência no lugar. O que mais chocou foi ele dizer que já teve vez de ter que separar dois homens que se beijavam na praça de alimentação. Eles fizeram um barraco e depois saíram. Nunca fui de ir em shoppings, mas não imaginava que era proibido beijar ou demonstrar algum tipo de carinho. No caso era só para casais homossexuais. Não existia esse tipo de código para casais heterossexuais. Inclusive via sempre alguns se beijando sem ninguém interromper.

Tinha outro código também. Acho que era URSO. Do tipo urgência total. Era usado em casos extremos de assaltos, perturbações sexuais, destruição de patrimônio, dentre outros.

Teve um dia que eu estava no posto em frente a uma casa de câmbio, era o setor 2, e de repente um grupo de mais ou menos uns oito negros entraram no shopping e ainda falando no idioma deles, dois deles usavam umas roupas coloridas e tinham dreads no cabelo. Eles

foram em direção ao setor em que estava e aproximaram-se da casa de câmbio.

O CFTV no mesmo instante disparou o código URSO e enviou mais três vigilantes para ficar no posto onde eu estava sozinho até aquele momento. Disseram para ficarmos de QTI total. Ficamos nós quatro ali esperando aqueles homens entrarem no estabelecimento, fazerem a movimentação de câmbio deles. Algo óbvio, são de outros países e precisavam fazer transações comerciais, seja para mandar dinheiro para família ou qualquer outro tipo.

Aquele momento me doeu. Me fez recordar algo já esquecido e não percebido. Um dia, que fui quase obrigado por uns amigos a ir com eles naquele mesmo shopping que eu trabalhava agora. Não tinha dinheiro pra comprar nada, mas fui fazer companhia mesmo. Em um momento, enquanto esperava uma amiga fazer compras, se aproximaram dois seguranças perto do banco onde estava sentado esperando. No momento pareceu algo normal. Mas quando foi o meu momento de, como segurança, coagir os meus; ai, meu irmão, eu fui entender. Veio lembrança tudo de uma vez. Talvez eu já tenha sido código URSO.

Todos saíram dali e foram fazer compras. Após entrarem em uma loja de roupa chique que ficava naquele mesmo setor e saírem cheios de sacolas e bolsas e o apito de segurança e não ativar, todos se esqueceram do código URSO. O CFTV apenas disse que tinha chegado carga nas docas. Um a um, sem ordens, os seguranças foram voltando aos seus postos.

A experiência me abalou, mas não tinha nada que pudesse fazer a não ser obedecer. É horrível se sentir capitão do mato. Eu tinha amado aquela experiência de poder, de atirar, mas quando pensei quem eram os alvos; que eu também poderia ser, senti repulsa de mim por algum dia ter tido prazer nessas coisas. Naquele momento eu só conseguia pensar que minha avó queria que eu usasse caneta, e que eu usasse caneta porque ela sabia que só nos ouviriam se a gente escrevesse e assim poderia fazer alguma coisa por nossa gente. A caneta não era só pra mim. E ali comecei a entender.

Elas se envergonhariam se soubesse que pensei em trocar a caneta por uma arma. Minhas avós nunca quiseram ver preto no topo ou no poder, o que elas quiseram ver era um mundo sem topo, sem monte. Era o plano. Eu comecei a entender, mas não vou ser hipócrita, por muitas dessas vezes que tive que servir como protetor de patrimônio de burguês, senti que o poder era bom. Era poder nenhum, na verdade. Apenas um segurança que não podia fazer nada. Que também era subordinado aos patrões e aos lojistas. Mas as pessoas me chamavam de senhor, as pessoas olhavam com medo se eu direcionasse um olhar a eles de suspeita. O poder é uma doença, mesmo que seja um arranhão.

Depois de alguns meses meu ódio por trabalhar ali só foi aumentando, mas meus chefes sempre elogiavam meu desempenho. Então, dava pra aguentar. Eu precisava de dinheiro, já tinha tentado estudar e não havia dado certo; então fazer novamente seria burrice. A única coisa que tinha feito na vida com o ter aprendido a escrever foi assinar os documentos quando me era pedido, e o monte de merda de garrancho que fazia no meu caderno que agora já estava com as traças na gaveta quebrada. E quando tivesse disposição iria jogá-los no lixo.

Não estava feliz, mas felicidade é nada. O importante é que eu ganhava meu salário e até tava conseguindo guardar um merreca pra alguma coisa. Rafael também começou guardando um pouco, mas, talvez por ganhar adicional noturno, foi sonhador demais e viu em um anúncio de uma faculdade que estava com promoção para os cursos de licenciatura e não pensou duas vezes. Foi fazer o curso de História. A vida é uma, né.

Ele ficava tentando me colocar ideia pra tentar alguma também. Depois que aquele meu outro amigo-irmão morreu, o Rafael meio que tomou o lugar de querer sonhar junto, mas eu tava cansado demais pra isso. Nesse tempo ele já não era tão desconfiado. Se abria mais, brincava mais, sorria mais. Ele também não gostava daquele trabalho no shopping, mas tinha certeza que em pouco tempo sairia dali para a sala de aula. Aí o ânimo mudou.

Rafael ficou trabalhando como vigilante por três anos. Como trabalhava a noite, conseguiu concluir sua graduação. É impossível descrever a felicidade dele e, sobretudo, de sua mãe toda orgulhosa vendo o filho segurar o canudo; o primeiro da família dele. Antes mesmo de se formar, conseguiu uns contratos para dar umas aulas e assim que assinou, a primeira coisa que fez foi ir no escritório da empresa de segurança para pedir demissão... tô vendo a imagem agora... do dia que ele guardou o uniforme de vigilante para entregar à empresa; Ele sabia que a vida agora seria... Aquele uniforme era horrível.

Uns meses depois conseguiu passar em um concurso numa cidade do interior em outro estado, mas que tinha um bom piso salarial. Ele saiu da obra e eu decidi que não queria ficar ali sozinho, então procurei nos anúncios e encontrei uma kitnet de cômodo bem pequeno e meio desgastada; mas o preço tava em conta e tinha algumas mobílias. Não avisamos sobre nossa mudança para a Dona Lucia. Ela raramente estava indo lá e quando ia era de madrugada. Nós não sabíamos qual seria a reação dela e do miliciano que a acompanhava. Tem outro fato também, que uns dias anteriores à nossa mudança muita coisa estranha estava acontecendo lá. Não quero falar agora, mas já estávamos meio receosos e eu não iria ficar morando ali sozinho; posso ser maluco, mas não pra tanto.

E então nos mudamos; eu para um pequeno quarto, na mesma cidade, para continuar a

trabalhar como vigilante e o Rafael para uma outra cidade, em outro estado, para ser PROFESSOR. Ele conseguiu; saiu de servente, foi pra vigilante e depois professor. Até me arrependi por não ter seguido os conselhos dele. Mas arrependimento serve pra nada, é parente da culpa.

Agora, o mano tinha muitas novas possibilidades e eu, apesar de não estar satisfeito com minha vida, estava feliz porque agora ele teria uma vida bem melhor. Passaram-se alguns meses e não perdemos contato, nos falávamos pelas redes sociais sempre que dava e tinha novidade. Ele se descobriu, amava dar aulas. Ficou próximo de todos os alunos. Os ajudava fora da sala de aula também. História tinha se tornado algo muito especial. Já tava pensando em projeto pra mestrado e tudo. E ele plantava as sementes da luta nos alunos, e ele os fez perceber como esse mundo precisa de conserto, e ele os motivou a sonhar, e ele morreu sem nem ao menos ter o privilégio de respirar. A VIDA É ASSIM.

\*\*\*

Alguém disse; não sei se fui eu ou li, vi ou ouvi em algum lugar. Mas:

“A vida é carne dura e só por pouco tem sabor”

\*\*\*

Cinco e meia e ele, como sempre, acordou antes do celular despertar. Deu que se levantou, ligou a luz e viu pelo reflexo dos vidros da janela que provavelmente o dia seria ensolarado e com poucas nuvens. Ao abri-la, eis que um bichinho entra por um salto, juntamente com a brisa da manhã. O sol em breve viria. Tentou segui-lo e ver de perto o que era, mas pulava muito. Não parava quieto. Deu dor de barriga, então desistiu de perseguir o bicho. Fez o que tinha que fazer e foi tomar banho. Quando saiu, ao empurrar o pano que fechava a entrada do banheiro, a coisa verde entra e para em cima do vaso. Era uma esperança. Muito linda. Tomou café, escovou os dentes e foi trabalhar. Era quase uma hora e meia de busão até o shopping.

À noite, já com as juntas tudo doendo de tanto ficar em pé, chegou em seu quarto e sentou-se na cama para descansar. Deu por si que faziam 8 meses. O tempo que demora a passar dentro da gente, passa rápido demais no relógio ou no calendário!

Entrou pra tomar banho, a esperança estava na pia em cima de uma bucha. Pegou-a rapidamente, foi até a janela e deu impulso no objeto batendo-o na base. O bichinho pulou. O céu estava estrelado e não dava pra ver a lua. Após banhar-se olhou para aqueles cadernos que há tempo não abria, mas só olhou e depois foi se deitar. Pensou na esperança, foi rude com ela; devia ter deixado o bichinho ficar, mas agora já tinha ido. Passou uns segundo de

arrependido de ter feito aquilo e dormiu.  
há metáforas)

(Não

### **Nego. Devir, fabular.**

Eu vi Deus.

Ateu eu sou, mas vi deus.

Procurando respostas que jamais se darão.

Andando longe a fim de encontrar

Caminhando em pedras.

Vi Deus em meus calos.

Vi deus no olhar abstrato de minha avó, no peso da alma de minha mãe.

Vi deus na fome. Vi deus nas lágrimas. Vi deus em tudo. Vi deus em nada

Maior que a própria vida é o desejo da certeza de deus

Deus não existe. Eu existo.

Vejo deus assim como vejo meu futuro. Assim como vejo o desejo. Assim como vejo o amor.

Mais uma vez. Deus é preciso. Quem criou? Quem irá destruir? O que colocar no lugar?

Vi deus nos caminhos. Nos que trilhei e nos que escolhi não trilhar.

Vi deus nas escamas da morte. A morte, inevitável e imortal, também é deus.

Deus é areia, deus é mar, deus é onda, deus é o sol subindo no horizonte na aurora.

Deus é qualquer coisa. Deus é tudo. Também nada. Nada no silêncio.

Deus dança, chora, sorri; tem febre, ataques de ira, ódio e amor.

Deus é esperança, mas também é o fim.

Quais são os desígnios de deus? A que será que se destina? Está aí o desígnio de deus.

Vi deus.

Vi deus também na morte de Rafael e no choro de Maria.

Nos mal dizeres do cadáver de Fernando.

Nos milhões de mortos em guerras santas. Na bastilha.

Vi deus em tanta coisa que de tão grande que é jamais poderia ser alguma coisa.

Na verdade, pensando bem agora; não vi deus. Estava dopado.

\*\*\*

Nego distraído pela distração de Rubão. Como vim parar aqui? Ainda com os olhos fixos ao firmamento estrelado.

- História triste sei que é. Fala ai, gosto de ouvir. Deve ser difícil fazer as coisas assim, né?

- Da mesma forma que acostumei viver com dois braços inteiros, arrumei um jeito de continuar vivendo com um e meio. (...) foi numa máquina de pilar café. Trabaiei lá por 12 anos. Num era fichado. Depois do acidente disseram que a culpa era minha. Descuido. Me deram um dinheiro mixuruco. Tava difícil pra aposentar e também não procurei mais trabalho, agora aqui tô, na merda. Era sozinho também. Tanto fez. Deus sabe o que faz.

- Vida ingrata essa nossa, né. Melhor que nenhuma?

- Duvido! Aquele vindo do outro lado ali é o Ratão. Diz ele que tá nessa por escolha. Que deixou tudo. Trabalhava na prefeitura. Eu duvido. É louco. Conta cada história absurda. Que quando foi preso o delegado conhecia o pai e então deixou sair. Depois ficou puto e saiu de casa. O pai era alguma coisa importante na cidade. Disse que não lembra o nome da profissão nem o que ele faz, mas é importante e tal. Falou que mostrou dedo pros home quando saiu. Imagina. Té parece. Mesmo sendo branco teria sido macetado. Tava quebrado. É coisa de doido falar isso mesmo. Disse não falar mais com o pai, mas só porque não quer mermo.

- Aqui é vontade de todo mundo fazer isso, mas fica só no disse. Fazer é loucura mesmo. Não acredito. Chama ele pra cá. Doido se entende com doido.

- Cê nem vai saber o que é verdade ou mentira.

- Té parece que você não mente. De qualquer forma a mentira só foi inventada para que pudesse existir a verdade. Ou ao contrário.

Inclinando a cabeça para sentar-se, pede Nego para contar sua história. “Como que veio parar aqui? Cê fala bem e tem instrução”.

- Não importa. Não gosto de falar dessas coisas.

- Se acha mior que a gente é. Aqui todo mundo conta?

- Não é isso...

- E ai, Rubão.
- E ai, Ratão? Sumiu.
- Quem é esse mano aí?
- Nego.

(...)

- Acredita que tive com o capeta? Sério. Ele mesmo. Me ofereceu trato. Por isso que sumi esses dias. Tava lá pelas bandas do Grama. Fui dormir numa encruzilhada perto do cemitério e aconteceu.

- Ash. Dormir perto do cemitério? Coisa de doido!
- Cê perguntou e agora dá essa, mano. Tá achando com cara de otário.
- Vale. Foi mal ai. Num foi pra ofender. Que que ele ofereceu?
- Num posso falar. E você era crente. Tá me tendo por mal. Tenho certeza, te conheço.
- Ué. Pra que começou a falar então... Mentira! Grita Rubão já puto.
- Me importo tanto se acredita ou não nas minhas palavras. Vá se foder, seu merda.

Para mudar o rumo da história, cortando o clima pesado que se instaurou, Nego questiona se Ratão aceitou o acordo.

Não deveria aceitar. Já pôde ser grande e não quis.

- Meu pai...
- Vai começar com essa porra denovo!? Rubão levanta-se enfezado.
- Fica ai, pô. Perguntou para ouvir(...). Ah, sim! Mas ele deixou aberto. Sabe, o Diabo não é ruim, só é injustiçado.

- Valha deus. Agora tá falando merda.

- Ruim são as gentes. Mais ainda quem tem poder. Deus e Diabo tão apenas por ai vendo como tempo passa. Nas trevas não falta luz, e luz não é superação das trevas é que tem outra coisa no lugar. Modo que quando alguém faz merda estando possuído, deve tá vazado de muito ser gente. Falo disso que vi um bota quebrando os poucos dentes de uma senhora que

tava dormindo no banco lá na Sé. Tava mais que possuído. Cão não é tão ruim. É um desse que num perde um culto. O poder empresta a fama ao caramunhão. Crédito que a deus também. E cê num vai dizer nada não ô. O que que cê acha?

- Eu não acredito, mas se acreditasse, diria que o diabo ou deus só abre as portas das possibilidade de tudo no tempo; são os humanos que fazem o resto.

Encruzilhada.

Viver é difícil, né.

\*\*\*

lixo! lixo! Que isso? Pra que tudo isso? Escuto tudo isso. Lixo! Dizem que é lixo, mas a gente come. Lixo! Que? Me chamou disso? Por que não desce aqui ô filho da puta! Lixo! O lixo não é mais seu. Você jogou fora. Rasguei o saco e subiu um cheiro forte de azedo. Lixo! Tinha osso de coxa com ainda pouquinho de frango, tinha pó de café passado, iogurte vencido, papel higiênico, plástico, embrulho de biscoito. Que desperdício. Lixo. Vou chamar a polícia, seu cão. Haviam outros sacos fechados. Eu peguei uns três e saí correndo, deixando espalhado o lixo no portão dele. Bem feito. Não me chame de lixo. Pra que tanto lixo? Comida vira lixo -tal- lixo vira comida. Tudo vira lixo. Estamos na era do lixo. Lixo se recicla, mundo não. Mundo lixo. Lixo faz parte do mundo. Vamos sair daqui correndo. O cheiro de coisa estragada. Pra onde vai tanto jogado fora. Humano se recicla? A terra tá pesada de tanto lixo.

-Vamos embora! Vamo. Os home vão chegar.

- Eu tô com fome, porra!

\*\*\*

-Tudo que é demais entorna. Verdade. Povo que tem demais aqui na Terra já tá entornando pelo espaço agora; e a gente aqui come resto.

- Gente nós nem é. Se fosse era tratado igual. Num dá ódio? Ver tudo e não poder fazer nada. A gente num pode nem dormir na rua que já implicam. Até os cachorro pode e nós não.

- Verdade, Rubão. Saudade do padre Jão que deixava nós dormir na marquise. De vez até descolava um rango pra gente.

- Vo te falar a verdade. Num gostava da católica, era crente e a gente contrariava esse

povo adorando santo. Mas padre Jão fez mudar de cabeça. Pastor Joel me deu com os ombros quando fui pedir ajuda. Olha que no tempo que trabaiava, ainda dava dízimo e oferta certinho. Não posso dizer que deixei de acreditar em deus, nos homens sim.

- Uma vez colheram mandioca em um terreno. Era mandioca braba. O povo quase morreu. Rubão acreditou que era castigo de deus por furtar.

- Se deus quer que furtar comida seja pecado que mande comida do céu. Dizem que ele já fez isso. Na Bíblia até fala. Esqueci o nome, mas era branco.

- Maná.

- Isso! Parece que todo mundo já foi da igreja aqui. Bem diz o nome do estado.

- Se não me engano Jesus já furtou milho?

- Cala a boca, porra!

- Mano, céu tá bonito demais, né. Esse rosado é bem comum loguinho depois que sol deita. Num sei como que ocês podem falar que num tem deus. Nada mais bonito. só ele mesmo pra ter criado uma coisa tão bonita. Só o perfeito cria o perfeito, pois.

- Ah, Rubão, eu não sei. Tá mais certo o sol ter criado deus. Isso nem me encanta mais. Olhar pro sol. Acho que não acredito na beleza do mundo. Perfeito é só uma palavra.

- Como num acredita, Negão! Então cê no tá vendo a merma coisa que eu.

- Cada um vê como consegue ver, ué. Um troço, né. Se o que é bonito fosse bom não estaria tão distante.

- Quem disse que bom precisa tá perto?

- Então pode ser bom, mas de outro que esteja mais perto.

- Mar num tá distante. Tá em tudo que é lugar.

-Mas não tá aqui...O bonito te serve pra quê.

- Ué, pra mim é bom, mundo é que é ruim. O que é bonito pelo menos é. Se for pra minha vida ser feia, que ao menos algumas coisas sejam bonitas.

- Em que isso compensa? Não acredito em nada que seja bom ou bela que esteja

afastado demais. Não precisa tá do lado, mas é necessário que seja possível chegar lá.

\*\*\*



Eu tava puto porque ia ter que trabalhar no natal e no ano novo. Não porque gostasse das celebrações, mas porque tinha que trabalhar. Nem tava ligando pra hora extra mais. Uma merreca do caralho. E o dinheiro estava ficando minguado porque estava pagando aluguel e, pela angústia, já tava bebendo todo dia. Chegava de ressaca e tinha que ficar o dia inteiro parado naquela merda de lugar.

Mas tinha gente bem mais na merda ali. E nesse dia que eu tava puto, o Amigo saiu do banheiro chorando. Quase todo mundo chamava ele assim porque o nome era difícil e a ninguém importava lembrar. Ele trabalhava nos serviços gerais e sempre que ia limpar ou desentupir o banheiro e eu estava no setor, passava lá pra trocar ideia; rapidinho, porque logo o pessoal do CFTV já me dava bronca e mandava parar de conversar. Ele tinha uma filhinha de dois anos que dizia ser “especial”. Estava sempre sem grana. A galera ajudava-o na passagem ou pra comer. Gente boa demais. Um grande coração e sempre falava coisas positivas para todo mundo.

Ele chegou perto de mim e disse que não merecia aquilo.

Nesse dia meu posto era entre uma loja de roupas e de colchões e ficava em frente a uma joalheria. Havia uma loja ao lado e logo depois o banheiro do setor. O Dono da joalheria, seu Ricardo sempre me foi muito agradável. Cumprimentava, perguntava se eu estava bem e por várias vezes me agradeceu por estar protegendo a loja dele. Antes mesmo do Amigo chegar chorando ele tinha ido até mim para desejar um bom trabalho.

Aconteceu que o Amigo foi chamado para desentupir um dos vasos que estava interditado. E lá foi ele sorridente, como sempre para cumprir sua missão. Pegou o desentupidor, o mops e os produtos para a limpeza pós desentupimento. Foi em direção ao vaso que estava lotado de bosta. Começou o processo; sem máscara e sem luva mesmo; não ligava para isso.

Seu Ricardo entrou no banheiro logo depois, e o Amigo, ali fazendo o trabalho sorrindo, desejou-lhe bom dia, como fazia com todas as pessoas. O empresário foi mijar na repartição ao lado onde estava o Amigo tentando fazer descer a merda, sorriu para ele e perguntou: “Por que você não come essa bosta aí”. Seu Ricardo mijou, lavou as mãos e saiu. O Amigo, em um primeiro momento, só focou no trabalho mesmo. Depois foi perceber que seu trabalho era para a bosta descer e não para comê-la. O que aquilo significava?

\*\*\*

Outro dia estava na hora do almoço e passei em frente a uma loja de livros, então, decidi entrar pra ver. Nunca a tinha visitado. Lembrei que no passado eu até lia e escrevia. Agora também eu poderia ter esse luxo de entrar na loja apenas para olhar os produtos porque ali todo mundo sabia que eu era vigilante, então ninguém iria ficar desconfiado achando que ia furtar alguma coisa. Eu nem lembrava a última vez que tinha lido. De escrever eu parei antes mesmo de começar a trabalhar no shopping.

Logo na entrada, um livro me chamou a atenção. A capa era meio cinza. Mas o que me fez pegar um exemplar para ver foi o título “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Quarto de despejo é um lugar onde se jogam tralhas. Mas pensando bem, o fato do “diário de uma favelada” me deu uma ideia do que poderia ser. Minha avó já havia morado em alguns lugares de despejos. Eu mesmo. Não na favela, mas em obras onde morei. O mais louco é que, pelo jeito, vendia bem; pensei nisso por causa da disposição dos livros logo à frente da loja, bem à vista. Não estava caro, mas eu não estava disposto a gastar dinheiro com livros no momento. Entretanto, a ideia de um diário de uma favelada ter sido publicada realmente mexeu comigo. O que tinha ali, nas palavras dela, que fizesse ela ter conseguido escrever um livro e ainda ser bem vendida.

Eu perguntei a uma vendedora. Ela não sabia muita coisa. Mas ele saia bem mesmo. “É um diário de uma mulher que era negra e morava na favela, depois foi publicado como livro”. Tudo isso eu já sabia, só não o fato de que ela era negra. Uma negra, da favela, como

foi minha avó, e ainda contando suas histórias em um diário; ter sido publicada. Ser famosa por um escrito. Lembrei da minha avó pois os sonhos delas sempre envolviam canetas - escrever, contar. O sonho de ser professora, as histórias que contava. Será que se tivesse tido oportunidades, também teria sido escritora. Tantas palavras lindas. Era quase um vício falar das histórias.

O tempo de almoço acabou e eu voltei a trabalhar, mas muita coisa se passava pela minha cabeça. Tanta coisa tinha/estava acontecendo. Eu estava tão infeliz. Mas uma dessas muitas coisas era imaginar um livro com um título qualquer, mas “escrito por Nali ou Edir”.

### **Quando li.**

Um tempo depois eu o comprei. Estava trabalhando no regime de 12/36, e num dia de folga que não me chamaram para cobrir ninguém pensei em começar a ler aquele livro. Mas tinha muita coisa pra arrumar em casa. Estava o caos. Tinha que fazer compras e pagar a conta de luz também. E levantar cedo dia de folga para ler é quase pecado. Principalmente com tanta coisa pra fazer. Naquele dia levantei as oito, puto da vida pois já teria que arrumar a casa e lavar as roupas. As coisas que tinha que fazer na rua, dariam para ficar para a tarde. Minhas pernas latejavam. Eu até as coloquei pra cima apoiadas na parede para o sangue circular. Melhorava um pouco, mas o corpo inteiro doía.

Quando fui tirar a camisa do uniforme da mochila para lavá-la, peguei o livro, deixei tudo para lá e fui pra cama. Fiz sem pensar. Um ato completamente sem intenção. Abri e depois de tantos anos sem praticar, comecei a ler. Ele me chamou, e eu estava com saudade das palavras da minha avó. Do resto não me lembro.

Eu lia e conseguia entender tudo. A forma que tava escrito parecia muito com a forma que minha avó falava. As histórias também. Quando morou na favela, fazia escambo de comida. Fazia presente à mão para os filhos terem um til de felicidade no aniversário e no dia das crianças. Catar papel, latinha, ferro. Tudo aquilo eu já tinha ouvido, mas dessa vez escrito. Quando minha avó contou, já era aposentada, então a vida tava um pouco menos dura, por isso ela falava mais como um passado ultrapassado. Mas as lembranças do que ela contava se misturavam com o que a vó Carolina escrevia. E naquele momento não existia outra coisa. Apenas o mundo da minha avó falando. Esqueci das roupas, da casa, das compras, de tudo. Comi o que tinha ali e continue a ler. As fofocas das vizinhas; as tarde de papo atoa; as treta; o povo que se gaba da navalha. O povareu que ficava sempre junto pra contar da vida. Todo

aquele falatório.



Já havia tentado ler muitos livros. Não tinha terminado nenhum. Não somente porque não entendia o que estava escrito, mas porque as histórias eram distantes. Lembro de um dia ter começado a ler Clarice Lispector. Achei lindo, aquilo me deixou em êxtase total, havia me apaixonado por ela. Aquela pobre garota nordestina com seus sofrimentos no Rio. Mas com a leitura passando, percebi que aquela garota da narrativa estava distante, relatada por um homem narrador que havia sido criado pela escritora autora. Não há vivência, há apenas alguém que escrevia sobre algo que estava longe de sua vida e aquelas angústias e loucuras eram de alguém a quem faltava muito pouco do material, por isso buscava esses outros lugares do espírito. Macabéa era só uma pobre desculpa para suas façanhas com as palavras.

Eu estava preocupado com outra coisa. Dai a leitura ia desanimando, apesar de toda a minha devoção por aquelas lindas construções.

Com avó Carolina foi diferente. Minhas avós, meus pais, minha irmã, a maioria dos meus parentes, os vizinhos, meus companheiros de serviço ou de bar, o povo da rua, da boca, e mais um monte de gente estavam ali. Já haviam falado coisas daquele tipo. Não tinha alguém de fora botando palavras nas nossas bocas. E nem precisava de um intercessor para contar as histórias para que quem escreveu pudesse se isentar de sua culpa.

Num dia qualquer peguei o caderninho, o abri e vi que estava bem velho. Tirei-o da gaveta de entulho e o coloquei em um pequeno armário da casa. Resolvi comprar um novo e estava decidido a recomeçar a escrever. Não sabia como ia começar. Mas de uma vez só foi assim:

“Aquela senhora ali. Em frente à ribalta do palco da injustiça. À frente é a vida que jamais passa pois é tudo desde sempre em seu movimento. No corpo. Nas lembranças espalhadas entre os seus. Está ali, mas não com consciência. Permanecerá...(?) O que permanece? Nas palavras é que nunca morremos?”

### **DAS OBRAS, DUS CORPUS(...) da morte; questões sobre a vida**

Hoje recebi o recado que vovó Edir partiu. Nada nunca mais será o mesmo. Quero dizer. Era como borboletas. Sai do casulo. Uma eternidade em poucas horas. Lá está a partir. Vovó era simples. Nunca se prendeu a nada que não fosse buscar unir. Tinha uma vontade quase obsessiva de unir a nossa família.

Gostava de perambular, visitar gente. Tinha o prasteco que ela fazia, um lanche bem forte. A gente comia e enchia muito. Não vou falar a receita porque é segredo, mas, na família, ninguém jamais conseguiu fazer prastecos tão bons quanto os dela. Sempre quando ela estava com a gente, pedíamos pra fazer. Ela tinha orgulho disso. A última vez que a vi com saúde, tava com um machado lascando lenha para acender o forno.

Não gostava de tirar fotos, nem de assistir televisão. Não gostava de imagens. Nenhuma tecnologia, na verdade. Jamais perdeu sua subjetividade de indígena. Que ela nos perdoe.



Somos estranhos mesmo. Cada um com sua loucura. Fato é que a gente acabou cada um indo pra cantos diferentes na vida. Ela ensinou a reza do anjo protetor antes da primeira vez que dormi sozinho. Também aquela: “com deus me deito com deus me levanto. Divino espírito santo”. Hoje nem acredito em mais nada, mas me pego rezando de vez em quando. Rezo para as paredes, não pra algum ente transcendente. Elas me ouvem. Eu posso chorar perto delas e elas não vão me julgar. Posso socá-las e elas não vão sentir. Na verdade eu rezo para repetir o que ela me ensinou.

Nos perguntamos porque foi tão leve se a vida foi tão pesada.

Começou a chover. Loguinho a senhora será enterrada, né. A morte tem vários momentos, mesmo antes de morrer. A questão é o velório e as primeiras pazadas de terra... Não sabemos o que dizer. Rezamos, mesmo sem ter fé em nada, que a senhora possa seguir bem. Sei lá. Não sabemos se vai pra algum lugar ou não. Mas isso agora pouco importa porque a dor é na carne. Se fez carne. Não carne como corruptível, mas carne enquanto superfície. Nenhuma dor é profunda. É sempre na superfície. Se fosse profundo como dizem alguns, realmente poderíamos tentar buscá-las como os arqueólogos fazem. Mas a superfície está à mostra. No luto não perdemos algum objeto de afecto que não mais estará. É o corpo que sente na pele. A perda passa a existir. Em lugares profundos as coisas podem se perder e podemos recuperá-las se buscamos bem, mas na superfície não há nada para buscar. Então é

só dor, que se mostra. Escrever sobre o luto, não o fazemos para elaborá-lo, mas para inscrevê-lo, pois enquanto dizem que a morte é a parte mais profunda da vida, dizemos que a vida é só (e tudo) superfície e a morte é parte dela. Vó não morreu, como escrevo aqui; virou sol, virou lua, árvore, rio, borboleta, vento, rio.

“(…) pouco me importa saber se Deus existe ou não; mas o que sei e o que saberei até o fim é que ele não deveria ter criado ao mesmo tempo o amor e a morte.” (33)

Talvez nosso maior trauma seja ter chegado à conclusão sobre quantas histórias que a senhora nunca contou. Podia ter contado. Contou muitas. Mas tinha vergonha de falar porque não sabia como fazer direito. Tinha vergonha dos outros debocharem por não saber achar as palavras certas, às vezes. Lembro quando a senhora disse que viu um monstro voador no céu pela primeira vez, lá na roça colhendo café. Uma prima fez até um poema mostrando que era a primeira vez que a senhora viu um avião. De qualquer forma rezo, desacreditado, que a senhora encontrará a paz. Não digo a paz prometida, mas a paz de voltar a poder flutuar. A biologia segura a gente, faz a gente parar. Qualquer escrito de luto é diário de vida. E sempre é importante que falemos da vida, mesmo que seja para dizer sobre a morte.

Que toda vida seja leve, sabemos que não é nem será. Que todos queiram unir os seus, quase ninguém o faz ou fará. Que todos ensinem a rezar, mesmo sabendo que não há deus ou qualquer outro ser ouvindo. Que todos amem os próximos e os de longe, como a senhora amou. Em nome de Avó Edir, amém.

\*\*\*

Sô Nelson Manuel vazou por aí. Pois é. Como ficam os filhos. A mãe já tinha tantos. Como que pode... cuidar de tanto menino? Vai ter que arrumar um jeito. Dimilso é o mais moço. Apronta que só. Benza deus não se enfiar com malandragem. Os irmão vão ter que cuidar.



Dona Nali sai antes do sol pra levar o pão e nem sempre dá. É história parecida. Foi comprar cigarro e nunca mais voltou. Uma pena. O povo sempre arruma um jeito. Ela teve um filho que nasceu morto. Tristeza demais. Passou por poucas. Outra morreu atropelada. Dias depois da perda teve que trabalhar. Passou o luto na luta. O que será desses moleques.

- Dimilso, cê tá doido. Achei que era maribondo.

- Nasceu! Meu fi nasceu!



- Ai é bom demais.

- Neguim tem pesão, veja! Só pode ser este. Neguim de nariz de chapoca. Igual o pai.  
Ó o bocão também

É... Como o tempo passa. Já tá grandinho.

- Eita Neguim. Apronta igual você. Só traz aborrecimento pra vó.

- Que nada. Trouxe é outra razão pra viver. Até a pressão melhorou. Olha que a família inteira tem problema de coração.

- Te falar que é bom demais ter filho. Deve ser bom também ter pai. Vi uma vez. Pedi bença e nunca mais.

- Morreu de quê?

- Foi atropelado. Só soube meses depois.

- Sinto muito.

- Fez falta, mas mamãe foi tudo. Acho até que foi melhor do que se fosse outra forma.

\*\*\*

E o céu cinza como a maioria daqueles de inverno. Numa manhã chama meu nome para o que seria o nosso último encontro. A gente correu. A gente fez o que podia. Levei-o ao banheiro para dar sua última cagada. Fiquei com ele lá e até ajudei a limpar.

Tudo o que tem um começo de dia como todos os outros. Sempre é bom falar. Foi eu que o coloquei na cama que foi seu último leito. Este dia escondia a sombra do silêncio. Um silêncio após um coração tanto bater. Bater forte para respirar. Porque não se quis desistir da vida. Que passagem esta que fazendo tanta questão de ficar. A morte, pavorosa. Um sopro injusto nos leves humanos. A mãe de toda dor. Que não existe por si, mas mais real que qualquer razão para existir. Movimento, o tempo, o que é primeiro? Num tempo os átomos se juntam, noutro tempo eles se separam, e isso se repete.

Um buraco de uma sepultura nos diz que não importa.

Se me proteges. Um ancestral.

- Pai. Como foi seu pai?

- Não sei, meu filho.

- Pai porque tá indo embora. Tem mesmo que ir?

- Vivi bem. Fiz coisa bastante. Cinquenta e três anos bem vividos. Nem tanto. Faltou

muita coisa, mas também não foi ruim. Só deixei de falar muita coisa.

Nessas horas a gente tem que fingir que a vida foi boa. Pra dizer que valeu à pena. Nasceu num morro no Rio; não consigo me lembrar qual. Até a adolescência passou lá. Não tenho recordações das histórias desse período da vida dele. Não sei se eu esqueci ou ele não me contou. Sei que não foi coisa boa. O que sei foi que catou latinha, trabalhou de engraxate, foi artesão de piteiras e pipes de fumo. Foi chapeiro. Estofador. Vendedor de ovos. Cuidador de idosos. Padeiro. Servente de pedreiro. Auxiliar de salgadeira. Vigia. Mecânico. Vendedor de salgado, de suquinho natural, de perfume. Auxiliar de apicultor e mais um monte de coisa que não vou continuar escrevendo pra conseguir parar de chorar; escrever e viver tem dessas coisas (...); e o povo ainda chamava de neguinho vagabundo.

\*\*\*

Eu ia com ela. Nós entrávamos em uma quadra lotada de gente, com fila quilométrica. Dai a gente pegava a senha e esperava nossa vez de pegar a cesta básica. Todo mês era assim. Eu ficava com vergonha de andar com aquela cesta na rua; acho que vovó não se envergonha, não tinha outro jeito e era acostumada desde sempre. De que adianta pensar em outra vida que não essa que a gente precisa disso. Era aquilo ou ficar sem comer. As pessoas não sabem como fome dói. Não só o estômago, mas tudo o resto. A caridade sacia mais a quem doa; bondosos, religiosos; que a quem tem fome. Eles dão e sentem-se completos, cheios. A gente recebe, se envergonha e logo tudo acaba, depois tudo volta a ficar vazio. Melhor seria se ninguém tivesse que pedir. Mas aí o povo de bem também não teria como impressionar seus deuses.

\*\*\*

Antes de ontem passei o dia inteiro ansioso preocupado com esta escrita. Deu duas horas da madrugada e eu ainda estava acordado, tremendo e com o coração palpitando. Depois de fumar uns becks e tomar rivotril, consegui dormir. Quando foi 5 da madrugada eu acordo suado e desesperado, mas não era um desespero ansioso; na verdade tinha até algo de alívio. Por mais que eu tentasse, nos primeiros instantes não consegui recuperar a memória do sonho. Mas havia mexido muito comigo. Por isso, mesmo tremendo e desorientado, tentei forçar a lembrar. Levantei, cai, levantei e fui ao banheiro. Quando estava saindo e fechando a porta, tive um assombro. O corpo tremeu e eu me afastei da porta. Há muito tempo vejo essa porta, todos os dias que morei aqui, o que era diferente agora é que havia ali meu pai. E dai as

coisas começaram a se clarear. Não foi uma lembrança do sonho que vi, foram as imagens, na minha frente, como se aquilo que era sonho na verdade fosse aquele momento. Eu juro que estava acordado. Mas digo sonho para não me chamarem de louco e dizerem que vi gente morta.

No “sonho”, que não era sonho, eu não me lembrava que meu pai havia falecido, então somente sorri ao vê-lo e ele sorriu de volta. Ele disse que a partir daquele momento, cuidaria da minha avó e eu prontamente disse que ajudaria. Nós dois conseguiríamos. Arrumaríamos um jeito. Um alívio, pois minha avó estava definhando no asilo. Nem comia mais. Quando ele cuidava, ela tava melhor que a gente que tava novo. Ele deu outro sorriso, dessa vez com mais afeto. Apenas entrou pela porta e a fechou.

Minha alegria perdeu o fôlego quando, num instante de lucidez, percebi que ele já não estava vivo. Antes de falecer foi ele que cuidou da minha avó por oito anos. Só depois que ele morreu ela foi pro asilo. Bom. Essa imagem me fez chorar, mas eu jamais imaginaria o que estava por vir.

No mesmo dia...

No dia seguinte...

E no outro dia...

Demais dias...

Viver eternamente seria horrível.

O sol brilhava forte e o céu era só azul, mas não era o mesmo sol, tampouco o mesmo céu. Parece óbvio, tudo muda quando a gente lembra. Olhe para o céu, veja! Não é o mesmo de ontem, mas nos habituamos a acreditar que é. Sempre foi assim, mas hoje não. Não que perdesse a cor. Não que o hábito de tornar tudo ordinário e eterno perdesse a gravidade que sempre exerceu em mim. Agora escrevendo, sinto como se estivesse em outro mundo, completamente diferente daquele de ontem. O que escrevo hoje, jamais escreveria ontem. E como tantas vezes nesta escrita, não consegui seguir um caminho que levasse a uma unidade narrativa. Isso me faz pensar que de tudo que sou somos, e nem meu nome eu posso garantir. Ao mesmo tempo que meu desejo é nunca mais ter que escrever, me lembro agora da minha avó falando que queria me ver segurando a caneta. Palavras repetidas nestes escritos. Não queremos escrever isso.

Descanse o que não descansou aqui. Sofreu demais.

Ela sempre falava com muito orgulho que tinha pegado com três dias de nascido do hospital. Já tinha sessenta anos. Os pais não tinham condições financeiras. Dai ela tomou as

vezes. Ela foi incrível. Se deus fosse uma avó negra ninguém passaria dificuldade. Mas como é homem, decidiu morrer como um herói pro mundo idolatrá-lo e devê-lo eternamente.

\*\*\*

- Vó. Eu prometo que vou realizar seu sonho de ter uma casa.
- Vai mesmo, meu filho. Tenho certeza.
- A senhora nunca mais vai precisar passar dificuldade.
- Meu sonho é ver você trabalhando na sombra.

Pois é, vó. Nunca conseguiu. Agora a senhora se foi.

Viu muitos conhecidos; viu muitos vídeos de gente conhecida; gente que veio do pouco também, dando presentes para as mães e as avós pobres. Elas sempre choravam e abraçavam o neto ou os filhos. É uma imagem que gente como nós sonhamos. Estudar, ter um bom emprego para que elas tenham vida de rainhas. Um dia, chegar com um carro e chamá-la para passear um pouco. Parar em frente a uma bela casa e dizer: é sua.

Pois é. Ele não conseguiu. E não vale a pena tentar explicar. Também não dá pra culpar ninguém. Só tolo acredita na justiça da vida. Ela confiou nele, mas sei que ela entendeu. Não é tão fácil assim. Não é só porque alguns conseguem que será realidade para todos.

\*\*\*

Ele não importa que pensem que é excesso de drama ou de vitimismo. Vocês não sabem o que é isso e provavelmente nunca saberão e ele quer que se fodam. É isso mesmo. Agora que já não tem mais uma promessa a cumprir, virou a cara. E se acharem que o que ele escreve é porcaria, que joguem fora e ele não se importará. Até tentou entrar nesse mundo, mas já deu por si que é lugar distante. Ele não consegue fazer melhor. Por isso, só quer dizer que vocês podem ficar com suas aureas, discursos, referências e bons salários. Isso é outro mundo. Melhor voltar a roçar pasto, ou virar massa, ou sei lá. Ele disse que lutava até hoje para tentar dar uma vida melhor para as suas avós. Agora elas se foram, vai continuar vivendo como se isso não fosse um completo absurdo. Ninguém quis ouvir o que elas disseram.

Sem homenagens, nem honrarias, apenas mais umas que se foram. A vida é assim. O que se vale? O que permanece dessas histórias? E na realidade, pensando bem, o que importa?

\*\*\*



Num banheiro bem pequeno, sem divisão de box, sem tampa no vaso. Lá estão o filho e o pai dando banho na vó. Ela não conseguia ficar em pé e já havia perdido a noção de realidade. O pai vira para o filho suspirando forte pelo coração já nas últimas e diz: Ela deu banho em mim, depois deu banho em você e agora estamos os dois dando banho nela. Foi o último banho.

\*\*\*

Cubatão se foi. Maria você pode cuidar dela?

- Não meu filho, tô sozinha e doente.
- Tia Selma, a senhora pode?
- Meu filho, não aguento nem comigo.
- Tio Valdo?
- Eu amo, mas não dá.
- Tudo bem. Eu também não tenho nada. Vamos ver o que vai dar.

Mês bom, passei todo dia te abraçando, te beijando e dizendo que te amo, mas agora tenho que voltar. Já não dá pra cuidar da senhora sozinho. Não temos condições. Fiz até amizade com os outros.

Já disse muita coisa, né. Hora de silêncio; silêncio que sempre existiu, mas enfeitava as palavras com flocos. Quase ninguém ouvia; muitos que ouviram ou esqueceram ou já morreram. A demência mais profunda é aquela hora quando a gente já não precisa sentir saudade de ser criança, de ter se separado da mãe ou da avó. Existir como tudo que foi e não saber mais ser. A voz está ali, mas as palavras já perderam seu poder de dar sentido.

Alguns dizeres se tornam monumentos. E depois falam sobre eles. Teorias. Biografias de quem fez. Tantos departamentos acadêmicos para ouvir o que nos dizem os grandes construtores dos monumentos. Mas há aqueles dizeres que são ruínas de bibliotecas de vida

incineradas.

“Quem tem ouvidos ouça o que diz...”

Como a senhora está? Lembra do zé baixinho? As palmas... ah, é tão bonito isso. Lembra como a vida passou? A senhora sempre falava do Norberto, a gente nunca vai saber. A vida pesa, né. Já ouvimos demais. Se não fossem todas essas palavras dizendo como o mundo deve ser e como nos portar, e repetir essas mesmas palavras, talvez a gente teria mais tempo para conversar sobre a vida e eu poderia ter ouvido mais o que tinha a dizer. Deveríamos ter passado todo tempo juntos falando da vida. Qual dentre todas as vozes que nos dizem o que fazer é mais importante, mais verdadeira? Não importa, só quero ouvir sua voz; as palavras eu já não entendo:

Leva.

Jesus kommt, make me from, thes ieyns the hymin an come. Amém

Jesus kommt, make me from, thes ieyns the hymi an come. Amém

Vamos nós.

Jesus kommt, make me from, thes ieyns the hymi an come. Amém.

Silêncio, Não há mais palavras.



Interessante, na maior de todas as dores. Quando irreversivelmente o existir biológico se vai. Todo o resto que dói se torna menos. Sofrer a maior dor de todas faz o mundo virar nada, e nada não tem peso.

A partir desse momento, não consigo mais escrever, mas minhas avós seguram a minha mão e mesmo não sabendo formar os caracteres, elas empurram meus dedos que já não tinham mais forças para apertar as teclas. Elas vão levando até encontrar o caractere que devo apertar para escrever. Eu não sei o que estou escrevendo, nem o que quero escrever, elas não sabem escrever, então quem está dizendo isso que está sendo expresso? Esse texto não é sintoma de doença, é que a vida não pode parar.

\*\*\*

- Qual o laudo?
- Velhice
- Na verdade ninguém sabe. Tiraram a dentadura e ela passou a não comer mais nada.
- Tentaram fazer papinha?
- Não sei.
- Nesse caso tem que colocar sonda.
- Ela morreu por descuido
- Não importa, você não pode dizer. Suas palavras não têm poder para desdizê-los.

Cale-se!

Ninguém se importa com essas histórias trancafiadas nos asilos. Idosos já fizeram, mas agora são outros que engrenam a roda. Morre uns a cada mês. Cada um com sua história, com uma vida, mas nada importa.

Essa gente diz que se importa. Eu conheço ao menos 20 idosos que morreram com suas histórias perdidas e ninguém deu a mínima. A família não ia visitar. Os líderes religiosos só pra limpar a consciência com deus, e se mostrarem virtuosos, dando santa ceia e fazendo culto. Os políticos pra tirar foto. Às vezes os membros da igreja vão, mas a gente sabe que é medo do inferno porque em algumas partes Jesus mandava ser caridoso. Nossa avó contaria a isso também. Mas juramos que vamos tentar fazer permanecer. Ao menos o que lembrarmos. Porque realmente, esquecer é melhor, foda é que o afeto já furou.

Monumento é só essa coisa que vai pra lembrar? Para permanecer na marra. Todo mundo lembra das grandes obras, dos grandes nomes. Alguns dizem que são os afetos que ficam. O que significa Helena ou Jesus. De qualquer forma, minha avó morreu, foi mais gloriosa que o próprio Jesus, e ninguém vai lembrar. E eu sei que jamais lembrarão. Não são todas as palavras que permanecem. Precisaria de Aunsten, Virginia Wolf, Clarice Lispector. Isso sendo gentil. Na verdade precisaria mesmo de um homem branco, intelectual e abastado pra dizer o que ela disse e ser lembrada. Ah, se Guirmarães ou Joyce tivessem falado. Ou se Quincy Jones tivesse ouvido o contralto e as composições. Aí sim, seria lembrada pra sempre. Cada palavra dita. Entrevistas que ficariam gravadas. Foda é que de tudo que li, nada se compara a grandiosidade das palavras das minhas avós. Mas como já disse, elas nunca gostaram de topo, só de planícies.

**TUDO CULPA DO SISTEMA V QUEM PODE FALAR?**

Quantas palavras de vó se perderam. Essas “Avózes” (34). Quando vamos desabafar sobre isso sempre temos alguém para falar sobre o motivo da própria luta, baseado em teóricos, claro. Não diferencio a voz de um pastor a falar sobre o céu a um intelectual a falar sobre o futuro.

De que adianta nos falarem hoje sobre materialismo dialético histórico, anticapitalismo, revoluções ou qualquer outra teleologia se a gente sofre hoje e já sofreremos muito por todo tempo. Também disseram que a transformação do mundo e o aperfeiçoamento da democracia começou quando aqueles que não tinham tempo para escrever, decidiram o fazer e contestar o sistema. Na noite, os proletariados (35) escreviam para se vingar das palavras-ordens burguesas dos encarregados nas horas diurnas. O filho da puta se mata de trabalhar de dia e a noite, que no curso natural da ordinariedade deveria descansar, se perturba em escrever. Isso tudo importa, é claro. É o que queremos. Estamos em uma guerra. Neste último caso há realmente potência: quando todos puderem falar haverá um mundo mais suportável. Mas, com um adendo, quando todos puderem fazê-lo de igual para igual. A alegria do mundo está nas muitas vozes.

Que um filósofo tenha buscado esses discursos para defender o dissenso e a desautoridade das palavras, é maravilhoso. A linda obra “A noite dos proletariados”. Outro fez algo parecido em sua fase final, dizendo que só importava com os discursos breves vindos dos infames (36). Aqueles seres desimportantes que em algum momento tiveram seu nome escrito em algum arquivo de poder por infâmia. Até buscou escrever um livro sobre isso. Arquivos das instituições, denúncias, queixas, relatórios, cartas de acusações, diários de presidiários, dentre outros. Tudo aquilo que era instituído literatura não era tão revolucionário quanto aqueles escritos, dizia ele (37). E, o último que citamos agora, talvez um dos mais audaciosos, foi um decidiu largar o eu intelectual e seus privilégios para se encontrar no emaranhamento das teias da a-significação, junto com os autistas e assim criar um acorde (corda, coração) (38) e uma vida possível em comum. São nossos amigos, os admiramos, mas ainda são intelectuais a representar vidas; sejam elas dos proletários, dos loucos, dos prisioneiros; dos LGBTQIA+; dos infames no geral; ou das pessoas autistas. Seja do século XVII, XVIII, XIX, XX, XXI.

Tudo isso é parte de um devir revolucionário, compreendemos, mas quem disse não foram nossas avózes. Elas não ouviram falar sobre isso. Então não vamos poder nos aprofundar nisso. A questão é que elas falavam da vida vivida antes das abstrações das letras. Antes de toda teoria e mesmo antes do objeto que essa busca analisar, elaborar, criticar (no

sentido latu), existem palavras ditas e jamais ouvidas e talvez essa seja a grande separação.

A ideia de massas só faz sentido quando vista de um lugar privilegiado. Ao redor da vida e de suas coisas não existe concórdia. E que não me venham com mais citações. Se a amarga vida de alguém que mal sabia ler e escrever não conta em sua revolução, ela não é pra nós. Ah, mais é o método. A estratégia. O determinismo histórico que nos livrará das mãos da exploração. O fim da propriedade privada. O dissenso; a deseraquisação do poder de falar. E mesmo a busca de “acordar” (devir) com quem não é domesticado pelos símbolos como nós. Ou, antes disso, já havia até esquecido, o espírito da ciência, da arte, da justiça que levará ao absoluto. Que inclusive já vi pastor falar que é o mesmo Deus da Bíblia. Ai nem existirá esse negócio de quem poderá escrever, não é mesmo?

O capitalismo precisa acabar porque existem pessoas que nem sonham poder comer todo dia, não tem moradia, nem sabem o que é dignidade, e não porque você que é dotado de fontes e simpatia concluiu que isso é o necessário, e ainda de qual maneira devemos fazer, do seu lugar de poder escrever. Como se o fim da propriedade privada, do Estado burguês, ou de qualquer instituição ocidental fosse realmente resolver todos os nossos problemas. Uns dizem que devemos ver essas outras injustiças após uma dita revolução. Outros que esses lugares de classes desfavorecidas não são tão importantes quanto as questões das “identidades” oprimidas na atualidade. Há muito além para se lutar.

O capitalismo, os microfascismos dentro de cada um de nós; a moralidade ocidental, as opressões, as hierarquias, o poder, as monoculturas, as intolerâncias e muitas outras; mas também, o que cremos ser o fundamental, o pensar que somos separados dos outros seres e da natureza, no geral, e por isso o que nos fere não lhes causa dor. Sou um “eu”, pertenço a uma “identidade”, moro no “meu lar”, tenho “minha família e amigos”, tenho “meu emprego”. Eu como bem, moro em uma casa, então posso esperar um pouco mais a revolução.

Vou lá onde eles estão, vejo como vivem e escrevo um livro. Apareço nos congressos falando sobre essas questões. Mas, a maior parte, na solidão de suas vidas não profissionais, só enxergam os seus reflexos. Se suas teorias não chegam em ações e práticas nos asilos, nas prisões, nas casas feitas de papelão nas ruas, não sei porque estamos falando disso. Iconoclastas que apenas esperam erigir novos ídolos quando os monumentos passados forem julgados demodê. Quem serão os novos grandes nomes do pensamento, das escritas e das artes em nossas próximas gerações? Os mesmos iludidos ou inocentes que creem que deus morreu, sabem muito bem que ele sempre usou várias máscaras.

\*\*\*

Dona Izaura não sabia de tal revolução, apenas precisava de um gás pra fazer comida; o Muga, um dos próximos ao chefe do tráfico, quando ficou sabendo, se compadeceu da senhora e comprou um gás para ela. Não elogia o mano porque ela disse que ele era cruel, mas naquele momento fez alguma coisa boa.

\*\*\*

- Porque o método importa e você não entende o que queremos dizer. No dia que compreender como nós...

Cara, no fim, como diria Rita Lee; “tudo vira bosta”.

\*\*\*

Me pergunto: até quando essa felação? A gente se submete a isso para não passar fome ou para ter alguma dignidade de voz. O foda é que nos transformamos em fetiche para masturbar o ego das grandes referências.

As palavras importam muito, né. Por isso ninguém se cala. Tão lindo ler Carolina Maria de Jesus vendendo papel pra comer. Tão lindo ver um negro que saiu da periferia e conquistou o mundo com sua escrita. Tão lindo ver Elza, Milton, Conceição Evaristo. Parece até que tá tudo resolvido. Enquanto houver referências, haverão dedos apontados e pessoas apontadas e outras desapontadas.

Saiam de suas poltronas confortáveis e vejam os bares lotados de alcoólatras que bebem porque é a única coisa que os afasta da dita realidade; e aqui eu tô falando do real, real mesmo (o mundo que se apresenta e tudo que mais resta escondido, em potência, em afeto. o que se pode ou não ser, acontecer). Não nos interpele com as várias camadas de conceito do que isso significa. Vocês não sabem o que estamos falando. Cada um com seu real. Não era este o papel da arte; tornar a realidade menos insuportável, que vocês tanto falavam. Vejam esses que moram na rua e saibam que passa longe de opção. Aí você me diz que a arte serve pra nada. Então vamos fazer alguma coisa que tenha a possibilidade de fazer.

Seria bom ir em uma distribuição de cestas básicas para pessoas carentes. Não é confortável a gente sair pela rua com um saco de comida na mão. A caridade é importante, mas deus abençoa os caridosos, não os carentes. Da mesma forma, as instituições vangloriam os que nos representam ou fazem algo por nós. Como sempre, nunca os carentes, os “objetos”, os “apresentados”.

Vocês falam de nós, das nossas dores e buscam a empatia (que sabemos impossível). É assim que deve ser. Todos aqueles que são contra as aberrações da intolerância devem gritar

com a gente. Mas por favor, visitem meus tios na roça. Vocês precisam ver um mundo diferente. Não podem ficar apenas indignados a partir das suas escritas, Literaturas, das narrativas cinematográficas, dos dramas. Não nos tratem como fetiche, não nos vejam como insight para uma grande pesquisa ou para qualquer obra de arte ou literária. Em todo lugar tem gente que precisa ser ouvida. Mas esse “ser ouvido” não está relacionado aos transcritos em suas páginas que depois viram parte de suas obras. Eles precisam ser ouvidos como falantes, assim como os “grandes”, os “mestres”; os quais todas as palavras e silêncio viram obra.

Que nossa vida não seja apenas um objeto de pesquisa de suas grandes façanhas. Façam alguma coisa. Ninguém pode mudar o mundo, mas sempre dá pra mudar alguma coisa.

Não aguentamos mais. Se estou aqui escrevendo é porque tive alguma sorte, ao menos por enquanto, mas os meus: alguns tão no sol, outros nas ruas, outros morreram, outros estão presos, alguns passando fome, e por ai vai; também nem sei também onde estarei amanhã. Todos falaram, mas somente algumas imagens ficam. Vocês vivem bem sabendo disso?

Não há culpa - ela é a desgraça da humanidade; por deus, que uma dia a culpa desapareça - só há possibilidade de fazer alguma coisa. Ou vocês querem que nós - afônicos-façamos? Vocês suportam o fogo?

\*\*\*

E o que a gente quer dizer?

Estou aqui por uma causalidade, mas não posso deixar de dizer, mesmo sabendo que nada poderão fazer. Um dos velhos binarismos entre as palavras e as ações. Não podemos voltar aos gregos, mas é necessário haver ação nas palavras.

Falamos várias vezes aqui que odiamos escrever, mas sempre o faremos. Também sabemos que não seremos ouvidos com tanta facilidade e o que escrevemos, provavelmente, irá para algum canto até ser esquecido. Sei que não é vingança, mas é que não escrevemos como vocês. Mas saibam que os gritos vêm antes das palavras. Aos poucos nos levantamos e mostramos aquelas palavras que vocês só conhecem pelo léxico. Não das belas-letas, não do além horizonte, mas desta Terra e do barco furado. Desconhecem porque pensam que o que pode se dizer já foi dito e o resto deve ser repetido como uma nova escrita. No fim, acabarão escrevendo só por neologismos.

É claro, Só conseguem ouvir suas próprias palavras. Na verdade nem conseguem ouvir, porque ouvindo esquecem; precisam escrever e foi assim também que foi criado o Estado, a Lei a Moral, Deus e tudo mais de ordem ao mundo. Só suportam o vosso próprio

mundo. Fracos! E claro, vocês têm medo. Escrevendo como o mundo deve ser tudo fica certo. Assim, só há valor na memória como celebração do tempo e indução de um futuro com todas as coisas se acertando de acordo com os desvelamentos do universo. O presente - que para vocês só se suporta nas ficções -, e que vos refere em seus postos, é esse também que só sabe se representar e mandar, inibir, interpretar. Em defesa, vocês defendem satirizar, desordenar a lógica resultando no nonsense, no estranho, ou sabe lá mais o que, mas é tudo dentro do que puderam pensar. Tanto que só existe o fora porque criaram o dentro. E por isso, a literatura é repetir de algum modo a atitude de transgressão do próprio ser da obra. No entanto, já não transgredir nada. Escrevam para alguma coisa falar de algumas coisas: não.

Eu não escrevo bem. Porque vim de outro lugar. Eu gosto de falar de qualquer jeito, de chorar, de sorrir, de sentir, mas percebi se se quisesse ter alguma chance de ter uma vida melhor, precisaria aprender a escrever como um pleiteador de alguém que pode trabalhar com o privilégio da escrita. Ainda tento, mas somente por necessidade de saber que mês que vem terei teto.

\*\*\*

Até que depois de muito esforço conseguiu se formar em um curso superior. Mas acho que não conseguiu trabalho na área. Foi fazer qualquer outra coisa por lá. Ninguém sabia. Quando conversava com sua família daqui, tenho certeza que mentia quando dizia que tava dando aula. Tava nada! A mãe falava para todo mundo orgulhosa, coitada. Eles acharam egoísta da parte dele por nunca tê-los ajudado, mesmo quando a mãe, a avó ou as sobrinhas precisavam de remédio, ele dizia que não tinha como mandar, mas, assim que tudo melhorasse, eles teriam vida de reis. Ou tava bem, ou não. Pra que estudar se não vai dar dinheiro?

Também não os chamava para ir visitá-lo no litoral; para passar um tempo na praia. Dizia que a casa era pequena e precária demais, mas todo mundo sabe que com salário de professor dá pra alugar ao menos alguma coisa de três cômodos. Respondia pouca coisa. A cidade era cara, o salário era baixo e nunca falava quanto era. Só saía de casa pra trabalhar e comprar coisas. Até tava tentando ver se conseguia algo melhor. Na cabeça de alguns era muita ingratidão, o povo morrendo lá, doente passando falta, e ele como sendo o único que conseguiu fazer faculdade e um empregos melhor agora não colabora. Depois que cresceu na vida, esqueceu dos seus. Deu certo na cidade grande e ficou metido a besta”

Da última vez que veio aqui até disse que está escrevendo coisa. Não sei se era livro,

mas quando alguém perguntava sobre o que era ele nunca sabia falar direito. Ficava enrolando com um monte de lero. Todo mundo sabia que era mal falado. Por isso até que foi embora. Dai veio com essa que tava estudando; que tava conseguindo as coisa; que ia ajudar a família. Até agora ninguém viu nada. Só deu trabalho mesmo. Fez nada por ninguém. Só deus sabe o que tá fazendo da vida mesmo. Porque esse papo todo, sei que tá mais pra mentira.

Se tivesse ficado trabalhando na roça ou nem alguma obra, poderia até ter conseguido alguma coisa melhor por aqui, perto dos seus. Foi besta a metido de querer ir pra cidade grande tentar alguma coisa. Aqui, todo mundo que trabalha bem tem até um motinha ou um carro. O cara sai de casa com uma merreca; a família toda na merda; e ele não pensa em ficar pra ajudar. Com um pouco de cada um as dificuldades diminuem, né. Mas se sentiu melhor que os outros. Acho que foi influência de uns colegas que teve, que foram estudar fora. Mas todos eles, os pais tinham condições de ajudar. Povo se ilude demais. Eles sim, todo mundo vê que tão ganhando bem. Só com carrão, viajando, comendo em lugares chiques.

- Verdade. Com o tempo, guardando uma grana, dava até pra fazer um curso técnico aqui e ficar de boa. Não vê Geovane. Tava na mesma situação. Família toda pobre. Trabalhou na oficina, juntou dinheiro e fez um curso técnico de eletricista. Tá ganhando bem agora.

- É que tem gente que é muito iludida. Todo mundo via que era problemático. Provavelmente não conseguiria nada aqui também. Lembra que o apelido era até sono de tão sonso que era. Mas fico curioso com o que ele tá fazendo. Será que tá vendendo coisa errada? Sempre foi maluco.

- Não sei, mas nem com professor, nem com qualquer outro emprego de curso superior ele está. Isso eu tenho certeza. Ou tá guardando o ouro. Mas acho que não. Ficou com vergonha mesmo. Prometeu mundos e fundos pra família. Já tá com trinta e poucos. Se ele voltasse seria de cabeça baixa.

- Ao menos não mentiu por mal.

- Nem por bem.

## **AS VÁRIAS CABEÇAS SÃO O CORPO ABERTO**

Parece que tenho várias cabeças. Uma que quer matar, uma que quer morrer, uma que quer viver tudo de uma vez, uma que quer esquecer e outra busca lembrar. Fugir, voltar, se

entregar. A agonia de ser vários. Antes da pele negra, alvo da perseguição e dos maus olhares, sou várias coisas. Antes das poucas roupas velhas e da fome, sou inúmeros outros. Digo cabeças pois pra vocês é onde está tudo. Antes de não ter nada, apenas desejo; me faço vários para passar sem ninguém desconfiar. Não é loucura, é necessidade. Por isso não morri de fome. Por isso fui abrigado em tantos cantos. Por isso aprendi tanto de tanta coisa. Por isso o pior nunca aconteceu. Também por isso ainda não me matei, porque não preciso ser uma coisa só.

Hoje entendo porque minha mãe conseguiu ser criança e empregada doméstica enquanto ajudava a vovó levar sustento pra casa, pros irmãos - onze anos, quatro irmãos. O vô trabalhava e gastava tudo com cachaça e outras mulheres. Lembrei disso agora. Engraçado. A gente que é pobre gosta de contar história. Elas contavam muito sobre o sofrimento de antigamente. Tinha muita história maluca. A gente quando conta meio que disputa quem teve a vida mais fodida. A gente precisa transformar essas desgraças todas em história porque daí parece que é apenas um roteiro sofrido. Nada demais, apenas uma história. Mostramos alguma coisa. No caso, o final feliz de quem não tem nada é o céu, né. O sofrimento começou quando elas eram mais novas.

\*\*\*

Termina? O mundo é muito injusto. O mundo são as gentes. Ninguém se importa, eles não terão o gostinho de me prender. Elas sempre falavam para eu me apegar a deus porque só conseguiram sobreviver pela ajuda dele. Em mim teve o efeito contrário. Ao ouvir tanto sobre miséria, a viver tanto na miséria, desacreditei que poderia haver deus bom. Ao menos não aquele que eu ouvia na igreja. Sei que pode ser culpa dos homens, mas se eu fosse deus iria querer dar ao menos a mesma oportunidade para todo mundo, nem que na marra. Sei lá. Esse negócio de livre arbítrio nunca me caiu muito bem. Você é livre pra escolher um caminho, eles dizem, mesmo sem saber onde ele começou. E se começou no inferno, como encontrar o céu? De qualquer forma gostava das histórias da bíblia. Eu gostava de ouvir. De ler não, mas quando o aprendi, também fazia. Como história mesmo. Eu nunca entendi muito bem uma coisa; têm muitas versões do mesmo deus. Ele também deve ter várias cabeças, né. Penso muito nessas coisas porque...

\*\*\*

**Bem-aventurados os injustiçados porque eles verão...**

Uma bala pega de raspão sua coxa; mas a adrenalina produzida pela fuga anestesia a dor em prol do esforço desprendido. Chicoteiam-no galhos espinhentos, no entanto não pode parar. Os da lei, após perseguirem-no por tempos afínco, desistem; já estava escurecendo e a mata é fechada. O despreparo físico impede-os de conseguirem continuar. Após retomarem a respiração, elogiam-se uns aos outros. Por hoje a missão estaria cumprida. Os valorosos guerreiros enchem-se de orgulho pela profissão. Schenerocke envaidece-se pelo tiro que fora quase exitoso. “Porra, dessa vez foi quase, mas da próxima eu acerto”. Rumina um pouco e logo já começa a desprender palavras de forma mais enérgica. Aos poucos o ódio cresce. A ira doma seus corações e por isso praguejam o crioulo como se o fugitivo não fosse gente como eles.

Muito à frente, Nego continua correndo despercebido que corre só; por enquanto, venceu seus perseguidores. Só vai parar de correr... desesperadamente... quando suas forças se esgotarem e o corpo parar de responder instintivamente ao perigo - agora distante, distante, distante sente o corpo caindo pesado... apaga.

Indiferente ao tempo que ficou desacordado como morto, vai retomando o espírito, tudo ainda é escuro. Bem distante reverbera o som de tambores. Por um instante pensou estar no carnaval, mas não. Está longe. A alma rasteja em direção às vibrações. Parece voar. Aos poucos o corpo se acalma e a dor aparece aterradora, apavorante, tão pungente que acaba por fim apagando a consciência novamente. Desmaia despedaçado, entre raízes e galhos o corpo estirado espera o tempo passar.

Ao abrir os olhos sente-se aliviado; a dor só físga os nervos, nada demais. Uma folha enrolada na ferida. Um mistura gélida amortecendo a dor e estancando o sangue. O medo de ser achado. Uma mão toca seu ombro e após um susto, acalma a ansiedade. “Tá tudo bem”. Sons rítmicos de tambores e uma melodia dissonante repetitiva de vozes uníssonas alegam Nego que se levanta vagarosamente e agradece à senhora que era incrivelmente parecida com sua avó. A pele negra. Os lábios que ficavam roxos no frio... “tá tão frio aqui”.

Não se preocupe, diz a mulher afagando o espírito do jovem. Vamos para perto da fogueira, a ferida está cuidada. Dois jovens seguem ao seu lado apoiando o andar para que não vacilasse as pernas. Aproximando-se do grupo sente que nenhum dos que ali estavam demonstraram interesse pela sua chegada, apenas sorriam para ele como que dizendo: seja bem-vindo. Dançavam, cantavam e tocavam para algum tipo divinal.

- É desconhecido. Sem palavras, só tem voz.

“Quer participar com a gente”, disse a caridosa com um sorriso no rosto. A vó não questiona-o de onde veio ou pra onde iria. Porque fora ferido. Porque estava tão sujo e esgotado. Nego apenas aceitou sem perguntar ou saber o que iria acontecer. Se sente em casa.

Toma uma dose e se junta àqueles que ali estavam a louvar o inacessível. A coisa mais amarga que já havia colocado na boca. Por pouco gorfou. Uma queimação terrível no estômago.

Apenas olha ao derredor e vê um tronco de árvore no canto. Caminha em direção a ele e senta-se segurando a barriga. Em pouco tempo a dor para. Levanta os olhos. Todos ali estavam em um tipo de transe. Os movimentos são livres e o corpo parece feliz. Feliz por não entender, feliz por saber que em algum lugar não é preciso entender. Os sons, as cores, o calor entre todos naquele frio de rachar. E tudo se intensifica. Apenas chora. Não por tristeza, nem por alegria. Chora sem ao menos pensar haver motivo para tal expressão. O choro vem livre, desmotivado, sai pelos olhos, mas também pelos poros da pele. Sente o mundo entrando, deslizando pelas camadas da pele... se torna mundo. Sente a dor saindo se torna dor. Faz parte da superfície.

- Incrível como essa senhora parece a vó. Pensa assim sem saber se só pela aparência física ou também pela arte do cuidado.

Esse foi o último pensamento que conseguiu ter com palavras. Elas já não eram mais acessíveis. Ventam as folhas, os galhos, as flores, os matos e tudo o que é leve, inclusive gente. Ventam como que dançantes. Dançam como ventania. Como se brisa fosse música. Em frente ele fixa o olhar e vê três galhos secos movendo-se ao som da melodia. O vento já sopra mais intenso. Sente tudo vibrar. Aos poucos os galhos vão perdendo a forma. Outra coisa parece querer habitar aqueles ramos cadavéricos. Raízes como que serpentes metamorfoseando cores indecifráveis. Vive o corpo em seus mínimos poros. Mundo entra e sai, mas sempre na pele. Não há profundo. Não está mais só. Sentindo, percebe que tudo ao seu redor faz parte do movimento divino. O divino foi possível porque não haviam mais palavras. Só vozes. A vibração. Tudo está ali, mas as palavras que denotavam as coisas já não mais existiam. O corpo se abre; perde todos os sentidos; só consegue sentir o movimento das coisas indecifráveis que tomavam, não apenas o lugar, mas o universo.

D e u s

é  
tudo  
que  
move?

Levanta-se energicamente. Sem compreensão ou intenção, porque é só movimentos. Os tambores e o canto melódico parecem cada vez mais próximos, vão se achegando até tornarem-se uma coisa só, indistinta. O som o faz equilibrar, mostra uma direção; direção que indica lugar nenhum. Fora isso, a consciência, o corpo, e todo o mais se tornaram dança. Aos poucos as micropartículas da realidade se desmancham e a eterna vibração vital da realidade aparecem em sua essência - como movimento relacionando o caos. Antes de tudo, tudo pulsa e é pulso e não estamos separados de nada. Então a morte não existe? Então o que chamamos de vida é tudo e não apenas uma? Percebeu que já estava voltando a ser, e as palavras iam aparecendo e denotando as coisas e os sentimentos. Ficou triste. Foi a fuga que sempre buscou.

Nesse momento, em meio àquela eternidade, vê a imagem de seu amigo sorrindo. Ele se aproxima e ainda em dança se abraçam fortemente. Um choro mais tranquilo toma o espírito. Já estava com saudade. Mais uma vez aquelas palavras ressoam: “você devia escrever”. Apertam o abraço ainda. Já conseguia pensar bem e lembrar de tudo.

De repente, aquelas imagens se desfazem e ele se encontra em frente a uma bela casa. Aproximando-se e adentrando o lugar, vê o sargento Schenerocke em casa, inda irado pelo tiro mal dado. Não conseguia pensar em outra coisa. Vultos de sombras rondavam seu corpo. Sua filha estava em seu quarto deslizando o polegar pelo celular com lágrimas tímidas escorrendo pelo seu rosto. Sua esposa, dormindo profundamente ao seu lado. E ele procurando sono vendo notícias do dia pelo seu smartphone. Em um momento, Nego ouve-o dizer em sua alma: “Na próxima não erro!” – obcecado ressentia. Depois, lá pelas tantas horas adormece.

Nome completo! Não me faça de idiota. Você está sem documento. É um indigente. Como faz pra sobreviver? Furta? Assalta? Você está me irritando; vai se arrepender. Responda! Qual seu delito? Porque está fugindo?

- Diga você.

- Vai se arrepender.

Acorda suado com sua esposa assustada ao seu lado.

Nesse mesmo instante, novamente na floresta, com seu panteão, Nego está apenas a dançar. No entanto, seu amigo já não estava lá.

Quis sentar-se novamente. Precisava respirar pois dava pra ouvir a toda altura as batidas do coração. Não queria morrer ali. Em um banco inclinou o corpo e lhe veio a culpa. Por tudo sentia culpa. Na infância, sentia culpa ao se olhar no espelho. Sentia culpa pelo trabalho que dava pra família. Culpava-se por sentir o próprio corpo. Por pensar impuro com as pessoas. Por não amar a deus. Por ser pobre. Por desejar independente do gênero. Por sorrir em inconveniências. Por ser indiferente a muitas coisas. Pelas promessas não cumpridas. Não sei quando começou nem o porquê. Em tudo havia culpa. Quis voltar a não ser, mas aquela experiência já havia passado e a cada momento estava mais perto de si mesmo.

Mas aos poucos foi se transformando em outros sentimentos. Sentia o estranho desejo de ser aprovado. Que as pessoas “pensassem bem”. Não queria aparecer. O que queria é que toda gente visse com olhar indiferente. Vissem como alguém que não poderiam odiar, desprezar ou desejar. Digno de toda insuspeita. Alguém que não pudessem criminalizar.

Fragmentar para se encaixar em todo mundo em todo canto. Quando precisou fugir sentiu culpa perante o tribunal humano, mesmo com a consciência limpa. Por que sentir culpa? Por que sem motivos ressentir a ponto de deixar passar a vida numa obsessão. Talvez a culpa fosse porque muita gente olhava estranho. Por que queria tanto agradar? Agora sem motivos perseguem como criminoso e tudo aquilo foi em vão. Vai continuar? Em sua mente veio a imagem da avó. Viu que era a senhora que lhe curou. Começou a chorar feito criança, abraçado na idosa.

\*\*\*

Não tenho lar. Minha casa é qualquer lugar.

Onde o coração descansa, ali é pra morar, mas não ficar

Eu realmente não posso estar

Minha alma jamais se tranquiliza

Meu corpo sempre dói

Meu olhos sempre lacrimejam

Onde poderia ficar?

Se vou para o norte o calor me escalda

Se vou para o sul o frio e a frieza me perturbam

No centro, todo mundo se acha centro

No interior há muito silêncio

Na metrópole o barulho não deixa dormir

Não tenho lar. Minha casa é qualquer lugar.

Poderia morar num coração

Mas creio que todo coração esteja ocupado

Lar eterno e futuro: o inferno e céu não são lugares; não pra mim

Poderia morar dentro de mim

Mas não existe dentro; E na verdade, mesmo se existisse, também não quero solidão. Sou de bando.

Minha mente é somente fagulha numa fogueira que tem a eternidade como lugar

Como morar na eternidade se não sou eterno

Morar na cidade sem ser cidadão

Não tenho lar. Minha casa é qualquer lugar.

Se algum dia surgir, em meio aos destroços da existência, um canto para o espírito descansar, onde se digam outras palavras

Ali irei ficar, mesmo que por pouco tempo, mas não mais serei. Apenas estou em fuga.

Fugindo de noite em noite. Viela em viela. Em veredas. Veias. Pelas beiras. Pelas roças, ribanceiras. Matos. Corgos. Existência desprovida de destino. Caminha como o rio que haverá de desaguar em monte d'água maior. Não quer estar com os crucificadores, nem com os crucificados. Não teme a morte, muito menos a vida.

\*\*\*

Sentiu sede. Entrou sorrateiramente na igreja pra beber água limpa. Uma capela antiga que outrora havia sido uma templo para os escravizados. Por isso, um pouco distante da matriz da cidade. No agora usada mais para curiosidade de visitantes que para missa. Havia quase ninguém. Parecia segura. Saciou a sede, mas a curiosidade também precisou ser saciada. Um lugar colorido. Várias imagens a aguçar a imaginação de Nego. A satisfação que

aquelas cores... O teto se fechava como concha. Parecia querer estar longe. Nos desenhos coloridos aparecia um Jesus branco, envolto de anjos brancos, com uma glória luz envolta. O Jesus juiz. O que voltaria. Foi seguindo a imagem. E tinha Jesus subindo aos céus. Também tinha ele andando no mar. Na manjedoura. Criança com sua mamãe. No fim, a cabeça reta em frente. Os olhos levam atenção para uma imagem que lhe traz angústia.

O estômago queima e o ar por pouco lhe falta. Uma cruz, e nela um homem pendurado pelos pulsos com dois pregos como sustentação, um de cada lado. Ao lado tem uma ferida e parece jorrar sangue. Um condenado, assim como ele. Só que aquele não quis fugir. Se entregou como ovelha. Aquela imagem sempre causava mal estar. Desde pequeno quando frequentava a igreja com a vóinha. Nego nunca entendeu o gosto que o povo tem de ver essas coisas. Um deus pendurado como bandido. Sacrifício, assassinato, redenção, atrocidade; a culpa é de todos. A salvação é injustiça. Parece que eles idolatram a cruz, não o deus marginal crucificado. São as palavras sagradas e a cruz, não Jesus.

Pai, por que me abandonaste?

Olhando a lua sobre o barraco sem reboco, no alto do morro, o céu era lindo. À memória vinham redemoinhos de emoções. Uma girafa de pelúcia que sua avó havia achado no lixo e depois costurou - cheia com bolinhas de isopor. Alguns amigos que após crescer nunca mais viu, não se lembrava do rosto, nem da voz, muito menos dos nomes. Amava a vó, a mãe, as balas de iogurte de três por dez centavos. As goiabas que roubava no quintal do seu Sérgio. O pôr do sol sobre os montes verdes. As pedrinhas disformes. Amava tanta coisa, mas nunca aprendeu a amar deus. Ame e obedeça a deus! Vá ao castelo agrimensar! Tudo se lê do mesmo alfabeto. Não que odiasse ou ressentisse. Até tentou, mas amor jamais se força. Acontece que agora parecia talvez não amasse nada. Voltamos naquele papo: para amar alguma coisa, antes de tudo é preciso amar a amar, mas é possível também desaprender.

A dor desapareceu nas lembranças de outras dores. Estava meio escuro lá dentro. De seu devaneio foi liberto ao ouvir o barulho do portal se abrir. Foi ao compartimento ao lado onde ficava o bebedouro, saciou a sede e saiu apressadamente. Tentou correr, mas o corpo anestesiou-se, não aguentou. Se jogou na marquise ao lado da igreja.

Encostado na parede olha pra cima. Entardecia e o alaranjar do céu trazia uma tristeza sozinha. Já não bastasse o corpo acostumado com a dor e o desconforto que a tarde alma

aumentava; era angústia. Tristeza de quase noite - viver é (ou era) quase noite. Chorando torrentes doídas; quase como sangue, as lágrimas saíam e com ela vinha vontade de partir. De encontrar-se com quem dava colo nas tardes. Com quem solidão rarefazia. Não acreditava em vida depois. Ao menos aquela que pensamos consciente de si. Uma só já basta. Sabia que sua partida não iria demorar. Seria morto ou o corpo desistiria de tentar. Realmente não conseguiria mais fugir.

A fome, o desgosto, o cansaço, a falta de motivos, o inchaço e dormência nos pés. Não dava pra levantar naquele momento, mas nem tentava mais. Apressar o fim. Talvez aquele próprio choro o mataria antes de o acharem. Viver vale a pena - depende. Por causa do choro descontrolado que já escurecia os olhos, e a cabeça que se baixou de tanto peso, não viu a mulher em sua frente olhando curiosa para ele. Ouviu a presença e ergueu os olhos pra ver. Era uma senhora de cabelos escuros. Se vestia bem. Poucas rugas cobriam o rosto. Acabara de sair da igreja. Depois de se apresentar, disse que costumava todo dia às seis da tarde rezar o seu terço; por isso estava ali. Esse era o horário no qual a pequena cidade em sua plenitude ouvia alguns minutos de avê maria. A música saía de um chalé que ficava em um morro, bem em cima da igreja matriz que apresentava umas centenas de anos. Reverberava em toda a cidadezinha. Nego só foi perceber que a música quando a senhora disse que amava quando ela tocava. Abençoava a cidade.

“Em VERDADE vos digo: quando fizerem a um destes meus pequeninos irmãos, a mim fará”

Dona dolores perguntou porque estava ali, daquele jeito. Ele não quis responder, mas mesmo assim a senhora se compadeceu do jovem jogado às traças. Então decidiu chamar um taxi que se encontrava ali perto para levá-lo para casa. Nego se atormentou pois sabia dos riscos que corria, de ser encontrado, mas já não aguentava mais se esconder. O que tiver que ser, será.

Era uma casa grande com vários quartos e um bar que ficava ao lado esquerdo da entrada. Percebeu as muitas luzes e cores. Havia algumas garotas e senhoras que trabalhavam ali à noite.

- Sabe. Tempo atrás chegou um jovem aqui que vendia uns livros de saúde e coisas de religião. O Moama. Veio de Moçambique para estudar na Universidade Religiosa da cidade

aqui do lado. Ele fazia direito. Ele vendia os livros para sobreviver e pagar os estudos, mas não levava muito jeito. Eu meio que adotei por um tempo. Ficou trabalhando como segurança aqui. Era todo musculoso, ninguém tirava marra. Depois que ele começou a trabalhar ali as meninas até ficaram mais tranquilas. Porque alguns clientes são gentis, mas já teve uns que fizeram mó zorra aqui. Lembro que quando ele chegou, eu dei um prato de macarrão com carne moída, ele amou; ficou todo feliz e agradecido.

\*\*\*

Corre! Corre! Corre! E ao sair do beco vê o céu limpo. Corre! Tá calor; ouve estrondos. Sente que em seu coração a disritmia se organiza. Corre! E o som de um tambor. O que significa isso. “Eles tão longe, mas já vão me encontrar”. Corre! Tem mais gente correndo. Não é isso, estão dançando. É alegria. A música ganha corpo. Já ouviu aquilo. Parece Jorge ben Jor. Lá na frente tem um Caminhão com os músicos tocando. Tem muita gente aqui. Um bom esconderijo – o meio do povo. Fugir no meio do povo. Todo mundo fantasiado. Inda bem, era carnaval.

\*\*\*

- Cara, acredita que o Brasil perdeu por sete a um?  
- Como assim, o que aconteceu. Como foi?  
- Ah, isso te falo outra hora... Como você está?  
- Não sei. Quanto tempo tô aqui?  
- Mano, não sei o que aconteceu, mas tem nove dias.  
- É estranho, não consigo lembrar muito bem de nada.  
- Tá tudo bem. Ainda bem que você não conseguiu. Valdir chegou a tempo, a ambulância veio rápido, mas não vamos falar disso agora. O jogo foi...

\*\*\*

Na cozinha Dona Lola era uma das melhores tias. Uma mulher de muita fé. Nunca vi falando besteira. Se preocupava com todo mundo. Era só a gente aparecer com a face um pouco mais triste e ela ia lá pra dar um abraço. Muito pouco sabemos da vida dela. Na cozinha a gente falava mais sobre coisa de deus e do trabalho. Ela também sempre elogiava a filha adolescente que tinha. Às vezes ela ia lá visitar a mãe e era gentil com todos. Realmente puxou a mãe. Apenas começamos a conversar mais profundamente depois de um tempo, quando nos encontrávamos à espera da consulta com o psiquiatra. Sempre era marcada na

mesma data para que fosse mais fácil para o motorista da faculdade levar os dois ao mesmo tempo.

Era um restaurante, ficava em uma faculdade religiosa que tinha internato. Eram quase dois mil internos. O trabalho era horrível. A gente fazia mil coisas ao mesmo tempo. Era barulho o tempo todo. Gente gritando. Expediente de trabalho exaustivo e as horas extras na maioria iam pros bancos de horas que a gente nunca conseguia tirar porque sempre tinha muito serviço e não podia ter desfalques. Interno que pagava integral humilhando funcionários. Mas se formos falar de tudo dessa época precisaríamos de mais tempo.

Certo dia eu estava no lavatório dos panelões e apenas ouvi uma gritaria maior que a costureira. Fui ver o que era e a irmã Lola tinha perdido três dedos na máquina de cortar alimentos. Era sangue para todo lado. Levaram-na rapidamente para a enfermaria do colégio e eu mais um amigo tivemos que lavar aquele lugar cheio de sangue misturado com verdura e alguns pedaços de corpo triturados.

Era uma máquina nova. As instruções eram em chinês e ninguém da chefia se importou em treinar os funcionários. Apenas aperte este botão e vai ligar. Esta forma é pra cortar mais fina, esta, quadrangular, esta, mais grossa, esta, para fatiar, etc. Depois é só colocar o alimento e a forma que quiser nesta entrada aqui e sairá cortado da jeito que desejar. Se não me engano tinham umas vintes forminhas com cortes diferentes, para alimentos específicos também. Aqui desliga. Cuidado porque é perigoso.

O incidente aconteceu uns vinte dias após a máquina ter chegado. No dia do ocorrido, tivemos uma reunião e nos pediram para não sair contando para não sujar o nome do colégio e principalmente da igreja que o mantém. Assim que conseguissem, iriam contratar profissionais para dar treinamento a todos sobre as máquinas do restaurante, não só aquela, porque tinham outras perigosas também. Fiquei mais dois anos lá e nunca recebemos treinamento. E as pessoas continuaram usando as máquinas como se nada tivesse acontecido. Inclusive, após termos limpado o sangue, outra tia da cozinha foi cortar outros alimentos alguns minutos depois porque tínhamos que alimentar quase duas mil pessoas no almoço e o processo não poderia parar.

Mas aqui o que nos interessa foram algumas conversas que tivemos com dona Lola à espera pelo psiquiatra. Ela disse que os pastores mais poderosos da igreja foram até sua casa pra fazer um culto para abençoá-la e curá-la do trauma. E entre sermões, cânticos e devoções

veio o pedido para que ela não os denunciasse. Para que deixasse aquilo baixo. Dariam alguns meses de folga e depois poderia voltar a trabalhar tranquilamente. Aquilo poderia prejudicar a igreja. Seria um mau testemunho. E se fosse possível, dissesse que foi apenas um descuido. Por medo do inferno ou obediência a deus, ela aceitou. A filha achou um absurdo e insistiu para a mãe denunciar. Que aquilo não tava certo. Que iria ajudá-la com o processo. Mas entre as palavras da filha adolescente e dos mestres da fé, aqueles que estão mais próximos de deus, ela escolheu a destes.

Ela me disse isso chorando copiosamente. Eu a abracei como tantas vezes ela fizera comigo, mas nesse momento comecei a pensar sobre como nós obedecemos as palavras daqueles pastores que quase idolatrávamos. Se eles nos mandassem pular de um penhasco, provavelmente faríamos por confiar que eram servos de Jesus; aquele que se fez carne e sua carne estava representada como verdade nos símbolos sagrados das escrituras. Esses pastores eram as autoridades máximas das interpretações dessas palavras que significam a própria palavra de deus. Quem ousa contestar? A expiação que outrora se fazia em sacrifício, foi absolvida pelo cordeiro de deus. Esse que é o verbo encarnado. Depois que ele se foi. Pedro, a pedra que erigiu, e sobre aquela pedra... sempre as pedras... a obra continua. Depois Paulo, o asceta. Tantos obreiros de deus desde então. Disseram que não haveria intercessor entre deus e o homem e os seres seriam justificados pela fé, mas quem ensinaria o que era fé e a justiça seriam apenas novas pedras levantadas sobre a pedra angular. Pouco importam as escrituras, e sim quem fala.

Ela aceitou, mas nunca mais foi a mesma. Achamos que antes era amiga próxima de deus, mas agora percebeu que ele escolhe muito mal quem fica mais perto dele, dessa verdade escondida na Bíblia. Mas ainda era deus. Ela continuou com a fé; porque fé é inabalável, não se explica. Sua filha saiu da igreja. E Dona Lola sempre pedia orações para ela voltar pra Jesus. Nunca mais vimos a filha dela, prometeu que jamais tocaria os pés naquele lugar novamente, mas suas palavras não foram em vão. Também nunca mais tivemos contato com a Dona Lola, mas esperamos que da próxima vez ouça as palavras da filha e não dos representantes de deus na Terra.

\*\*\*

Então. Tava passando carro pra caralho e a senhora, que já estava ventada em plena meia tarde. Sempre a via nos botequins da região. Ela já até me pagou cerveja uma vez do nada. Disse que o filho era traficante e ela gostava de dar um peteleco. Até me ofereceu, mas

eu disse que não curtia. Em plena Terça-feira e o caos de um dia útil. Aquele sol rachando. Ela ficou completamente puta, saiu do bar e foi pra pista, entrou na frente da viatura que estava passando no momento e mandou parar. “Para que eu vou passar, porra!” Como a viatura parou, os carros dos dois lados da pista fizeram o mesmo. E tortamente ela chegou ao outro lado da pista. Dava pra sentir a confusão na cara dos home e de todo mundo. O sinal estava aberto. De onde veio a autoridade daquelas palavras?

\*\*\*

- Se falar

todo mundo junto,  
ninguém ouve.

- Foda-se!

\*\*\*

Hoje mais um negro morre e como de costume foi mais um triste caso isolado. “À noite, na margem, um guarda-chuvas se parece com um fuzil”.

Mais uma vez as ruas enegrecem. Gente do morro, do centro, do interior, de todos os lados. Naquela mancha preta transpassada por tons escuros dos mais vários, Nego acompanha no meio. Eles veem todos iguais, jamais acharão o fugitivo. Se esconde na fumaça do gás lacrimogêneo, se movimenta nas vultosas dispersões suscitadas pelas balas de borracha. Corre. Grita por liberdade. Os chama de vermes, porcos, cães de guarda, malditos. Poderia ser ele. Poderia ser qualquer um. Quem eles pensam que são?! No meio de nós, Nego é indiscernível.

\*\*\*

Interessante que quando o conheci, sô Davi sempre se vestia bem. O horário de encerramento das visitas era às dezoito, mas eles sempre deixavam eu ficar conversando com eles um tempo a mais. Fiz amizade com os idosos, as cuidadoras e enfermeiras também. Só não gostava do maldito diretor do lugar. (É literatura tá). Uns dias uns, uns dias outros, mas sô Davi e Dona Luiz sempre estavam perto pra prosear. Eles gostavam demais de falar e eu de escutar. Usava sempre camisa e calça sociais, sapato, cabelo bem penteado.

Era amigo do tio Bastião, que tava no xadrez. É outra longa história, ele já foi parar lá três vezes; praticamente a vida inteira, considerando a pena para os crimes. Ele falava que o meu tio era gente boa demais. No passado, o chamavam de tião canário porque assobiava perfeitamente igual. Agora na prisão o chamam de pajé; essa informação foi eu que dei a ele.

Achou engraçado, porque parecia mesmo. É descendente de indígenas. Não sabemos bem de qual porque vovó foi levada pra trabalhar pros brancos muito cedo, então dessa época ela não lembrava de nada

Sô Davi conhecia a minha família inteira pelo visto. Ele trabalhou a vida toda na roça, apesar de que, pelas roupas que usava ali, parecia mais que fora empresário ou coisa do tipo. A maior parte da minha família também foi da roça, então até fazia sentido. Ele chegou a contar coisas sobre nós que nem eu sabia.

Contou com detalhes sobre os dois primeiros assassinatos do meu tio. Era muito amigo mesmo. Disse que do último não sabia porque não teve contato com ele após ter sido preso. O segundo foi pra se defender mesmo. Tavam num bar jogando bisca tudo cachaçado e o cara perdeu. Não aceitou a derrota e foi pra cima do ti Canário, que sempre andava com uma peixeira na cintura, ai já viu. Rasgou sem dó. Outras pessoas contam outras histórias, mas essa é a versão do sô Davi. A primeira foi porque pegou a ex mulher com um companheiro de enxada na cama. Não pensou duas vezes. Pegou o facão e picotou o cara. Mas picotou mesmo, até o ossos vez questão de quebrar. Depois jogou num buraco. Com ela não fez nada, apenas se separaram.

- Você sabe o que foi essa última vez?

- Uns dizem que foi porque um cara foi matar o filho dele e ele foi defender, outros dizem que foi porque os T... (não é apropriado falar esse sobrenome) o pagaram para matar um cara por dívida. Mas nos papéis foi pra defender o filho mesmo. A gente não sabe direito e eu nem fui atrás pra entender também. Já é tanto problema na vida.

Sô Davi falou dos meu tios, da minha mãe, da minha avó, do meu avô (que inclusive trabalhou na roça com ele por vários anos). Da minha outra parte da família só conhecia meu pai. Eles frequentaram a mesma igreja por um tempo. Até chegou a consertar o sofá de uns conhecidos dele.

Sô Davi sempre esperava a visita da irmã e das sobrinhas, que era o que tinha sobrado de sua família. Mas nunca tinham ido lá, e já ia pra um ano que estava interno. Ele confessou que não esperava isso, porque sempre foram muito unidos. Mas entendia. Aquele lugar não era bom pra visitar. Ninguém gosta mesmo. De qualquer forma, era triste, porque amava muito a família

- Mas por que o senhor veio pra cá?

- Eu morava com minha irmã e a filha dela. As outras duas moravam perto. Foi só eu de homem na família mesmo. Nunca casei, nem tive filhos. Ela separou e fomos morar juntos,

eu ajudava ela em tudo na casa, mas depois que arrumou um outro namoradinho e se juntou, as coisas mudaram e eles quiseram ter um espaço só pra eles. A casa era muito pequena pra tanta gente. Na mesma época eu descobri a Leucemia e comecei a passar mal às vezes, mas era bem raro. Você tá vendo aqui. Tô cheio de saúde. Acho que também viram que dali pra frente eu poderia dar muito trabalho se a doença piorasse. Dai me sugeriram vim pra cá. Prometeram que me visitariam toda semana. A história de quase todo mundo aqui é igual, é só ver. Você vem aqui todo dia e nunca vê nenhum familiar visitar ninguém. Só prometem na hora de despejar. Eles até ligam pros parentes quando tem festa de aniversário ou de dia das mães ou dos pais, mas a maioria nem vem também. Depois vão ver no enterro.

Foi isso. Contou muito dos seus tempos de jovem, dos trabalhos, dos namoros, o porquê de nunca ter casado ou juntado com ninguém, da amizade com meu tio, que era a sua melhor; do meu avô, da minha avó; de causos da minha família que eu não sabia. E o papo ia.

Depois de alguns dias o papo foi reduzindo. Eu sempre ia onde ele estava, mas ele não tava de muito papo. Sempre respeitoso. Percebi que nos tornamos amigos, mas pelo que Dona Luzia disse, ele tava assim com todo mundo.

Depois de um tempo já não andava arrumado. Usava bermudas e camisas velhas e calçava chinelo. Não consegui perguntar o que estava acontecendo, mas ali era normal. Pra que se vestir bem? Fora que tinha poucos funcionários e era difícil separar a roupa de tanto idoso. Vai saber, né. Misturam as roupas.

Um tempo depois estava de cadeira de rodas e dias desses descobri que faleceu. Juro que na primeira vez que conversei com ele, imaginei que viveria ao menos uns trinta anos ainda. Tinha apenas sessenta e cinco. Eu só chorei. Em suas palavras, estava sempre cheio de saúde.

\*\*\*

Dona Luzia ainda jovem foi trabalhar de doméstica na casa deles. Foi o segundo e último trabalho da vida. O primeiro foi na roça. Quando entrou naquela casa, se sentia acuada porque era gente de condições. Mas fazia o máximo para o trabalho ficar bem feito. Com o tempo, Dona Glória se afeiçoou por Luzia e chamou-a para morar no quarto dos fundos com eles. Para ela isso foi a melhor coisa que poderia acontecer, porque o salário quase nem dava para pagar o aluguel onde morava antes. Ainda mais que estava sozinha naquele momento, não tinha com quem dividir as contas. Então foi assim que passou a vida inteira.

Ela dizia que as pessoas ali, quase todas, a consideravam da família. Só não a filha da Dona Glória que sempre foi esnobe. Foi até alívio quando saiu de casa para fazer medicina no

Rio. Mas sempre quando voltava pra visitar levava um monte de mala de roupa suja para ela lavar à mão porque dizia que máquina não limpava bem e ninguém sabia lavar roupa como Dona Luzia.

Um dia escorregou da escada e deslocou o ombro. Trabalhou com o ombro enfaixado. Depois melhorou, daí caiu e machucou as pernas; ficou uns dias de folga e voltou a trabalhar mancando. Mas era a única família dela. Nunca amou ninguém, até pensou em ter família, mas não saía de casa também. Era grande devota de nossa senhora, seu compromisso era com a santa, com a família e com deus.

O tempo passou e Dona Glória foi ficando cada vez mais doente pois a idade já ia apertando. Dai, além de doméstica, Luzia também fazia papel de cuidadora. Era com amor, pois dizia que sem aquela família, nem saberia o que seria do destino dela. Não sentiu falta de ter família sua porque não sabia como iria sustentar e homem sempre corre da raia. Não confiava.

A filha de Dona Glória é uma médica com boas referências em Minas Gerais. Ao ver que já não tinha como a mãe ficar sozinha, pois o pai já havia morrido há anos e só tinha uma cuidadora específica para alguns momentos e Luzia fazia todo o resto, decidiu levar a mãe para morar com ela. Uma atitude até admirável, porque é raro filhos fazerem isso. Mas foi isso. Dona Glória até pediu pra Luzia ir junto, mas a garota disse que não teria como as duas ficarem com ela. A outra sugestão é que deixassem o quarto onde ela ficava na casa pra ela já que não estavam pensando em alugá-la. A casa ficaria como lugar de férias, pra descansar. Luzia poderia cuidar da casa. Mas a garota também foi contra porque Luzia já não se aguentava sozinha também. Precisava até de muleta. O melhor seria levá-la pro asilo. Lá eles cuidariam bem.

Dona Luzia recebe visita às vezes, mas sente muita saudades de Dona Glória, pois apesar de rica, era uma pessoa de coração bom, dizia ela.

No asilo, ao menos nos primeiros meses, ela conseguia fazer tudo sozinha, não precisava da ajuda de ninguém. Nem para tomar banho, nem para comer. Fazia questão de lavar as próprias roupas para não trocaram as delas com outras, como era costumeiro ali. Ela também era muito vaidosa. Assim como o senhor Davi. Até conseguia ir à missa às vezes, mesmo de muleta e cheia de dores pelo corpo pelos tombos no trabalho antigo.

Foi assim até que num dia escorregou novamente e caiu. A partir dali precisou usar cadeira de rodas e da ajuda das cuidadoras. Não a vi depois disso. Mas o que ela ficava mais feliz em tudo, era não depender de ninguém.

\*\*\*

Dona Joana fala todo dia que os filhos só deixaram ela ali por um tempo e no final de semana vão buscá-la. Ela vai sair dali e levar Arminda com ela. Já até falou com a família. “Ela sempre me ajuda aqui, quando vocês vierem na semana que vem, ela vai ter que ir junto.” As duas sempre falavam animadas que só iriam ficar pouco tempo. Já vai pra anos que esse final de semana não vem.

\*\*\*

Dona Marta, se formos resumí-la em uma qualidade, seria doçura. Ela trabalhava na roça também, mas tinha um forno à lenha onde fazia os melhores pães e biscoitos para vender. Minha tia chegou a confirmar que eram deliciosos. Era receita de família.

Quando a conheci, também achei estranho ela estar ali pois estava muito lúcida e com o corpo ainda funcionando bem.

Seu Antônio era seu marido e há alguns anos havia sido diagnosticado com alzheimer. Eles moravam em uma casa colada com seu filho e sua nora. Tinha mais dois filhos casados que moravam por perto. Seu Antônio foi cada vez ficando pior e só tinha Dona Marta pra cuidar, pois todos os filhos trabalhavam e tinham suas famílias. Até ajudavam às vezes, mas a barra ficou muito pesada.

Em uma reunião os filhos decidiram que a única coisa que poderiam fazer era levá-lo pro asilo. Lá havia muitos cuidadores e seria mais fácil. Alí já não havia possibilidade dele ficar. Era perigoso. Tinham que ficar de olho o tempo todo para não sumir mato afora. Fora que tinha muitas crises agressivas. Batia nos outros. Ela poderia ficar morando ali ou com algum dos filhos, se se sentisse sozinha. O asilo ficava na cidade e eles tinham um carro. Dava para irem visitá-lo sempre.

O que Dona Marta mais amava fazer eram os seus pães e biscoitos. Parar de fazer aquilo seria a morte de sua alegria. Mas nos votos matrimoniais, ela prometeu estar com ele na saúde e na doença. Então ela bateu o pé e disse que se ele fosse, ela também iria. Os filhos até tentaram dissuadí-la, pois ela não precisava daquilo, ainda tinha boa saúde. Na saúde e na doença, até que a morte nos separe. Então ela também foi.

Os filhos aceitaram e prometeram visitá-la sempre. No máximo foram no dia dos pais, da mães, no natal, ou algum dia que não tivessem mais nada para fazer.

Lá ela cuidava dele o tempo inteiro, e todos viamos como era difícil. Ele se tornou cada vez mais agressivo. Mesmo sem muita coordenação motora insistia em ficar andando o tempo todo até o dia em que ele caiu e machucou a cabeça. Eu vi a ambulância chegando e o

levando. Ela chorava tanto. Todo mundo tentando confortar, mas não adiantava.

Não foi nessa vez que ele se foi, mas quando voltou, estava pior. Vivia na cama, tinha dificuldade para comer e quando saía do quarto era só em cadeira de rodas.

Mas era na saúde e na doença, até que a morte os separou. Então ela disse aos filhos que não queria mais ficar ali, ainda tinha boa saúde. Queria voltar pra casa e voltar a fazer seus pães e biscoitos tão famosos. Eles disseram que colocaram gente pra morar na casa para ajudar na roça e que não dava pra ela ficar na casa deles porque seria complicado. Imagine, daqui pra frente ela só iria perder a saúde. Eles não queriam passar pela dor de ter que levar alguém para lá novamente. Então seria melhor ela ficar ali. Já estava acostumada. Mesmo sem o esposo, ela já tinha feito amizades.

\*\*\*

Estava passando uns dias na cidade natal. Sua mãe chegava dezoito horas do trabalho. Alguns dias ela levava a também a neta para ajudá-la, e nesse dia isso tinha acontecido.

A sobrinha chegou, pediu benção e logo foi tomar banho e a mãe foi para a cozinha. Estava derramando lágrimas bem leves. Ele logo perguntou o que havia acontecido.

Ela estava trabalhando na casa e logo depois que os patrões almoçaram, ela e a neta também foram comer. Após se alimentarem, as duas foram lavar as louças, que eram muitas. A família gostava de dividir prato, talher e copo para cada alimento. Também gostavam de variedades. Principalmente porque os dois filhos que estavam fazendo faculdade fora da cidade estavam de visita. Depois de algum tempo com a mãe lavando as louças e a sobrinha secando, a patroa volta do soninho da tarde e diz:

Parabéns! É isso mesmo. Tem que ensinar sua família desde cedo a servir.

Não sei o nível de maldade das palavras, pode até não ter, mas a mãe ficou pensando. Os filhos da patroa estavam estudando, um pra ser engenheiro e tomar o lugar do pai na empresa, a outra seria médica. O que seria da neta dela? Duvidava que qualquer um daquela família já tenha lavado louça após almoçar.

Se foi por mal, não é surpresa; não espero nada dessa gente. Se fois em querer, tome cuidado com a porra das palavras que vocês falam com as pessoas. As palavras, que para vocês existem nas figuras, nas metáforas, ou em qualquer conotação, podem machucar alguém.

A patroa pôde falar e a empregada teve que chorar em casa. Parece algo bobo, normal. Mas é aquilo, o fora. Esse fora que eu tô falando não pertence a nenhuma de suas filosofias.

\*\*\*

Já estamos longe. Não acha melhor volta?

Não, bora continuar subindo.

Esse caminho nunca termina. E a gente nem tem onde chegar.

Acho melhor subir, a subida é exatamente onde precisamos chegar.

Daqui a pouco escurece. Vai ficar perigoso e difícil de voltar.

Sair do conforto é sempre perigoso.

Você está maluca.

Você está maluco. Chegamos até aqui. Por que voltar?

A gente só ia até a esquina e agora estamos aqui em cima. Isso é loucura. Você perdeu o juízo

Você perdeu o juízo.

Eu perdi tudo. O juízo é o de menos.

Para mim não. Eu ainda tenho alguma coisa.

Então volte. Eu continuarei subindo.

Não vou te deixar sozinha.

Não quer me deixar sozinha ou não quer descer sozinho?

Os dois.

Eu subirei com ou sem você. Sozinha ou acompanhada sigo o caminho. Não vim aqui para voltar.

\*\*\*

Eu morava pertinho. É verdade mesmo. Ele tinha as criação dele e plantava umas coisas. Mas do curral, tinha uma porco que nunca matava. Não lembro o nome, mas era o xodózinho. Muito bonito e limpo por sinal. Nem morava na mesma parte do curral que os outros. Sim, fiz serviço lá umas vezes, já trabalhava pro seu Floriano, daí só ia lá quando ele precisava de gente nos finais de semana.

Mas vou te falar. Que porco bonito era aquele. Era muito grande. Eles sempre dizia pra gente limpar ele e tratar bem porque era da família. Lembro uma vez que a gente foi matar uma porca, ele pediu pra levar o preferido pra longe para que não visse ou ouvisse ela morrer.

Todo mundo sabia do amor que ele tinha. E parece que o porco tinha amor por ele também. Vi os dois conversando em uma das vezes que fui lá. Sempre que chegava visita a primeira coisa que mostrava era o estimado dele. Disse que jamais iria participar de competição ou de leilão. Gostava por gostar.

O pessoal perguntava o motivo e nem ele sabia. Um dia, na hora de jogar a lavagem, olhou pra ele e viu que era diferente. Até chegou a pensar que era algum antepassado encarnado ou coisa do tipo, mas a ideia passou rápido. “Eu sou Luterano, graças a deus, não acredito nessas coisas”. Devia ser outra coisa mesmo.

Dona Maria foi lá em casa e avisou do acontecido. Acredita que tinham roubado o porco dele. Não sei como. Porque tinha cachorro lá, os outros bichos também iriam fazer algum barulho. Ele tinha a espingarda dele e atirava bem. Já tinha visto ele e os amigos atirando numas latinhas bem longe e acertando. Certeza que se visse alguém tentando roubar o seu preferido o tiro era certo. Ninguém entendeu como alguém conseguiu roubar um porco. Fora que o bicho era grande também. Foi no puro silêncio da noite.

O homem nunca mais foi mesmo, entrou numa depressão profunda. Quase não chamava mais pra trabalhar. Não saía de casa, nem queria papo com ninguém. E todo o povo ficou curioso como tudo isso aconteceu. Não tinha como o porco fugir também porque além de gostar muito do dono, a parte do chiqueiro onde ficava era toda fechada. Impossível sair. E mesmo se desse, ele ou as outras criações fariam baderna.

O povo mais supersticioso dizia que era o diabo que tinha roubado o porco. Ele era uma pessoa boa, mas já disseram que antes ele matou um monte. Dai a gente não sabe. Mas o papo virou esse. Era o caramunhão que roubou. E a partir dai surgiram vários outros fuxicos. Que ele ia na igreja pra disfarçar, mas já tinha feito pacto com o capeta. Que o porco foi roubado dum povo meio estranho que morava numa fazenda lá perto. Que ele comprou o porco de um dono que havia feito pacto com o bicho. Também surgiu história de ET ter levado. No fim, ninguém ficou sabendo. Até hoje

Depois daquilo eu nunca mais fui trabalhar com ele. Aquilo o deixou doente. A família já tava preocupada dele ficar morando sozinho. Meu neto, eu sei tudo isso de fofoca mesmo; morava pouca gente na redondeza, dai palavra vai igual rio. Ele quis continuar definhando em sua casa até que depois de um tempo morreu. Isso serviu pro povo inventar mais história ainda

Mas ai que vem a parte que eu te falei. Depois desse dia, os filhos venderam os bichos e deixaram a plantação de lado. O lugar ficou fechado, eles moravam na cidade e já tinham seus negócios. Povo não entendeu porque não deixaram alguém pra cuidar. Qualquer um quer ser colono. Mas eles preferiram fechar e deixar lá. Trancaram a porteira. E o povo ficou com medo das superstições, então por algum tempo ninguém passava nem perto.

O primeiro a contar foi seu Zé pardo. Ele disse que teve a curiosidade e não acreditava

em superstição. Foi lá e pulou a cerca. Nos primeiros passos adentro ele ouviu um grito terrível. Parecia de um demônio. E Depois a voz continuava gritando e repetindo: cadê meu porco, cadê meu porco, cadê meu porcô. Eu não. Nunca mais passei ali perto. Pegava as veredas ao lado, mas não passava ali na frente. E nem foi só Zé pardo que falava disso. Teve outro que nem lembro nome, ele disse que além de ouvir, ainda viu um homem correndo atrás do porco. Nó. Muita gente falou que viu ou ouviu. Eu nunca. Também não passei mais perto. Meu deus é forte, mas não pode ficar brincando com essas coisas.

Não faz mais isso. Você viu mesmo. Tinha a cruz preta e tudo? Menino toma jeito. E como era?

## AVÓSES

Escrevemos tão mal feito porque ela não está em nenhuma escala de função representativa com o real. Ela coabita com todas as coisas. Escrever é uma ação que tem seu fim em si mesmo. O que lhe impõem nos conteúdos é também parte de uma coisa que existe no mundo. Funcionando junto. Como uma máquina. Mas uma jamais estará em uma relação sintética com a outra. O mar que vejo em minha frente é apenas o mar, mas tudo que vovó disse sobre ele fez com que entre eu e o mar se encontrasse outra coisa. Outra coisa tão real quanto este momento. Eu vejo, eu sinto, eu respiro.

Lembrar às vezes dói, no nosso caso é na maioria delas. Mas não dói por trauma, dói porque ainda estamos vivendo elas. Nesse sentido, todo mundo que morre... também todo mundo não morre. Meu pai me ensinando a tocar violão está aqui, e meu pai senso enterrado também. Não há espaço vago. Deus existe; qualquer um deles, mas também não existe.

Vou no vaso dar uma cagada agora. Mas estou cagando no buraco na casa da vovó lá na roça também. O banheiro era uma repartição e tinha o buraco. Tinha umas folhas pra limpar. A gente cagava e depois jogava terra por cima. Eu tô cagando e agora dei descarga.

Nego existe. Em carne e osso, é real mesmo, mas ninguém pode vê-lo ou ouvi-lo. É impossível encontrá-lo. O possível é tão real quanto o impossível, e não são opostos. Os dois convivem juntos.

Obviamente que algumas coisas faltam. O mexidão que vovó fazia com os resto de almoço pra gente comer na janta eu nunca consigo fazer. Tentei uma vez, não deu certo, não tentei mais. O problema da falta é que a gente vai esquecendo o gosto, aos poucos. Na verdade a gente não esquece o gosto, mas se eu tentar fazer no mesmo horário que ela fazia e do mesmo jeito, vou sentir o gosto do que fiz. Tudo bem que duas e milhares de coisas podem

ocupar o mesmo lugar, mas o problema é que outro fato da realidade vem. Vovó não está mais aqui, mesmo estando. Antes ela estava e estava. As palavras que escrevemos agora também trazem a realidade que tal como a vida dela existe agora, também há o enterro.

E como a cada encontro o universo muda, o encontro do mexido da vovó, do meu mexido e da falta criam um novo espaço. As lágrimas que derramo agora enquanto digito é porque a falta existe.

Ouvi falar de nego quando estava com ódio sobrando, quando só conseguia ver injustiça na vida. Meu pai tinha dois apelidos, cubatão e neguinho. Cubatão porque gostava de soltar muita fumaça, então os que o chamavam assim eram os amigos dos rocks. Neguinho, chamavam quem ajudava com a comida, com o trabalho, com as dores. Quando criança me chamavam de neguinho também, no começo da adolescência negão porque eu estava crescendo além da conta, mas depois virou sono porque diziam que eu era muito sonso, no fim, só o nome. Com tudo isso, quando ouvi falar sobre o Nego fugitivo, me interessei por ele. Fiquei curioso porque compartilhávamos de derivações do mesmo apelido. Mas só se podia falar dele, ele nunca estava. Tentei muito encontrá-lo, então o que existe é a sua ausência e o que se pode dizer sobre.

Quando vi ser impossível fazer outra coisa a não ser falar dele, deixei de lado. Por que raios eu iria falar de algo que só podia falar de. Já tinha tentado escrever ficções, mas eu tentava inventar personagens, elas existiam de outra forma, com identidade, com lugar, com suas características, ações, era possível dar forma a elas. Nego, além de existir, só se podia falar de... Uma coisa diferente.

Vó Carolina Maria de Jesus, vó Nali e vó Edir tomaram o lugar. Vidas de deusas que existiram e existem. Vivemos muitas coisas, que ainda estão vivas. Depois de tanto tempo eu li muita coisa. Sou o de antes mais o que virei agora. No momento, talvez o que eu mais seja é a saudade da minha avó que me pegou com três dias no hospital e me criou até eu sair de casa. Mas não é só isso. E é um luto que sabe que a pessoa morreu e não morreu. Então a gente chora, talvez, não em consequência da pior das dores, mas porque o choro existe e precisa sair. O desabafo que vem depois não é consequência do choro, é outra parte da vida que também aparece.

O tempo conológico só existe porque a humanidade precisa de sentido, mas o que vivemos é outra coisa.

\*\*\*

Já idosa, a vó decidiu que ia voltar a estudar. A escola ficava perto de casa e tinha um

projeto de alfabetização de idosos. Ela até comprou um caderninho, um lápis, uma borracha, e duas canetas: azul e vermelha. Ela frequentou as aulas por alguns meses, eu não sei porque depois parou. Estava tão animada. Sempre que chegava em casa me contava o que tinha aprendido. Mas ela também estudou, se formou, fez licenciatura e se tornou professora e escritora. Uma das melhores. O que escrevo mostra que isso aconteceu.

Nego foge porque a fuga é tão real quanto a justiça que o persegue. Não há crime, mas há a fuga. Eis a questão, falamos de tanta coisa que existe e ao mesmo tempo não existe, mas, neste caso, em específico, não há crime, não há nada na lei que proíba alguém de fugir sem dever. Provavelmente não conseguirão criar um crime contra a fuga, mas esta, em si, necessita de perseguição. Então por isso o perseguem, há a fuga, então há a perseguição.

E o problema piora porque é a fuga de todas as suas palavras. O que aqui foi escrito sobre Nego ou o que ele disse foi falar de algo que aconteceu, mas não vimos, não ouvimos, nem ninguém nos disse. Nós não inventamos. Realmente aconteceu. Nego existe.

Nego não representa fugitivos, infratores, negros vítimas de racismo e da pobreza, alvos do Estado. Ele apenas existe. Com sua fuga das palavras que venham de qualquer ser que tenha poder, por menor que seja. Mesmo que seja um pai dizendo para a filha se sentar direito. Ele abomina as palavras que possuam valor e as autoridades que as representam. Ele se daria bem com minha avó que queria o mundo em horizonte.

Palavras domesticam. Dizem o que é, quem é, como deve ser, o que fazer ou não, o que pode ou não, quem pode ou não; nesse adestramento a humanidade chegou ao nível que encontra. Nego não só nega essas palavras, ele foge delas. um bicho humano não domesticável. Se fez algo contra a lei, provavelmente foi um daqueles delitos leves pra sobrevivência, mas acho que nem isso. Na verdade foi só um pensamento falso, ele realmente não fez nada. Sempre sobreviveu com a ajuda do seu bando. Deles, também nada se sabe.

Dizemos Nego para nos referirmos a ele, mas ele sempre esta em bando. Nunca sozinho. Se sentiu alguma solidão na vida, foi aquela do vazio que todos nós sentimos. Por isso também que a fuga de Nego não representa os oprimidos, os indigentes, as minorias; porque estão todos juntos em bando. E é assim que ele consegue sobreviver em sua fuga. Melhor! porque ele consegue viver em fuga.

\*\*\*

Nego honra a memória da vó Edir, da vó Nali, e de todas as avós que tive na vida e que queriam mundo em horizontes. E foram muitas.

\*\*\*

Na época que vendia livros, fui dar oferta para uma senhora, era ex-professora, já tinha se aposentado. A casa era bonita. Naquele dia eu tinha recebido muitas portadas na cara e até ofensas. Estava no começo da tarde. Ela abriu as portas. Pediu-me para sentar e preparou um café, comprou um bolo, uns docinhos e começamos a conversar. No treinamento de vendedor eles sempre diziam para sermos objetivos e não nos demorarmos muito nas ofertas. Mas eu fiquei ali. O papo começou com ela falando de como era difícil no tempo dela para uma mulher negra se formar. Ela foi exceção. Depois contou da época como professora. Que todos os alunos a adoravam. Pediu licença e foi a um cômodo pegar o que parecia ser um álbum de fotografias. No primeiro momento ela o deixou no colo e perguntou sobre minha vida. Eu tentava resumir o máximo possível a minha história, mas ela insistia para que eu me aprofundasse.

Num estalo, ela perguntou se eu já tinha almoçado. Eu disse que não.

- Desculpa, meu neto. Pela hora eu achei que já tivesse almoçado, por isso ofereci um lanche da tarde. Bolo não enche nada. Vou lá fazer um prato de comida pra você.

Eu disse que não precisava porque tinha enchido com o bolo.

- Então você vai jantar comigo. Sei que você tem meta de casas passadas por dia, mas a gente pode marcar um horário e você vim. Ou você mente pros seus chefes também. Pode deixar que eu vou comprar a coleção inteira. Nem quero ver os livros. Dai você cumpre sua meta de hoje e fica livre para passar o resto do dia aqui conversando. Gostei de você. Muito educado, gentil.

A alegria tomou meu coração porque não tinha vendido nada nos últimos três dias. E uma coleção completa compensaria os dias que não vendi. Não lembro ao certo, mas dava mais de mil reais. Eu, como não sou bobo, prontamente aceitei, mas falei que não sairia barato. Se esse dinheiro não iria lhe fazer falta. Ela disse que tinha o dinheiro; além de aposentada tinha pensão. Vivia bem. Depois iria fazer o cheque, mas ele teria que ficar ali pelo resto do dia mesmo. Ainda disse que enquanto a minha área de vendas fosse por ali perto era para eu ir todos os dias para fazer todas as refeições lá.

Tinha dia que eu só fazia uma refeição porque não conseguia vender nada e agora, pelo menos pelos próximos dias, teria todas as refeições. Era tímido, mas peguei intimidade com a senhora já naqueles primeiros momentos e aceitei.

Logo depois de ficar um pouco mais feliz por saber que ainda existiam pessoas generosas no mundo, me toquei de uma coisa que na hora que ela falou passou batido. Ela disse: meu neto. Não dava pra conter, as lágrimas vieram e ela se preocupou. Porque estava

chorando. Eu disse que lembrei da minha avó quando ela me chamou de meu neto.

- Nossa. Perdoe-me. Nem percebi que te chamei de neto. Foi involuntário.

- Não. Eu não tô chorando de tristeza, estou chorando pelo amparo. Eu também choro quando coisas boas acontecem. Eu amaria se a senhora continuasse chamando de neto.

Ela me abraçou e também começou a chorar. Disse que se quisesse, podia chamar ela de avó também. Pra não me sentir tão sozinho. Sentamos novamente pra tomar mais café.

Incrível, né. No primeiro contato, de poucas horas, já nos tornamos vó e neto.

Eu perguntei sobre o álbum que ela tinha ido buscar. Adoraria ver as fotos, se ela se sentisse à vontade para mostrar.

- Você é idêntico ao meu neto que morreu. Tomei até um susto quando abri o portão pra você. Foi por um acidente casual. Ele morava comigo. Tinha 22 anos quando aconteceu. Ele tinha seu trabalho já, mas insistia que queria continuar morando comigo até casar. Fui eu que cuidei, desde que nasceu. O pai teve ele bem cedo. Era malucão no começo. Depois que tomou juízo e foi estudar direito. Quando estava já bem e quis pegar o filho pra morar com ele, meu neto disse que queria ficar comigo mesmo. E assim foi até morrer. Mas eu não sei porque peguei o álbum, na verdade. Nem iria te mostrar as fotos. Os jovens não gostam de ver essas coisas. Eu não pensei para ir pegá-lo. Mas vou te mostrar porque você pediu.

Havia fotos dela já adulta, nenhuma de quando era criança. (Minha avó também não tinha). Dos seus dois filhos, da neta tinha bastante, ela era veterinária. Filha do caçula. Ele era professor. O outro dos filhos era o advogado, mas sempre estava muito triste e não queria mais saber de filhos depois da morte do seu rebento. “Na época que teve ele a situação era difícil e morávamos todos juntos.” Dona Íris foi a primeira a se formar na família, Sofreu demais. Contou-me coisas horríveis que aconteceram em sua vida, foi muito esforço mesmo; mas depois dela todos conseguiram alguma coisa. Ela disse que eu também conseguiria.

Passamos muito tempo vendo as fotografias e ela contando as histórias. Sempre me perguntava alguma coisa da minha família, mas eu estava mais interessado em ouvi-la. Então sempre arrumava um jeito pra voltar o assunto.

O neto dela era realmente muito parecido comigo. Fiquei mais duas semanas na região e todos os dias eu ia lá. Não podia passar muito tempo porque tinha que tentar cumprir a meta. Mas no café da manhã, no almoço e na janta nós conversávamos muito.

Na despedida os dois choramos muito. Ela disse que eu sempre seria o neto dela, eu disse que ela seria a minha avó mesmo se nunca mais nos víssemos. Ela também disse que iria rezar todos os dias para que eu conseguisse estudar, me formar e ter uma vida melhor. Nunca

mais nos falamos. Dei apenas um exemplo para não me prolongar, mas foram muitas avóses das quais virei neto. Se for parar pra contar... Todas elas estão aqui

\*\*\*

Todo escritor o faz com a vida, mesmo quando se afastam dela para escrever. Porque vida é tudo e possibilidade de tudo. Uma substância sem consciência que transforma-se a cada instante e continua sendo. Tudo o que existe ou não está nela, faz parte dela. Dizemos que tudo pode fazer corpo com tudo pois tudo é corpo, um só, absolutamente aberto. Sem nada determinar, desejar, e sem direção. Nos encontros, nos transbordamentos, no silêncio, no devir, é assim que a vida funciona. Assim, não é possível falar de outra coisa senão da vida. Os estratos que criamos são outra coisa

Mas há a nossa breve existência consciente nesse infinito deus indiferente. Ai depende de nós. Poucos escritores podem escrever dessa existência, desse tempo, que parece, mas não é, sinônimo de vida. Porém por questões práticas chamaremos tudo de vida. Só diferenciaremos a vida enquanto tempo ordinário e pesado, do nosso povo, que passa da vida como duração que contém, além do que existe em aparência, também as virtualidades em devir, as impossibilidades, e as potencialidades, bem como tudo que fora atualizado.

Uma escrita não exclui, de forma alguma, a outra. Muito pelo contrário. Precisamos desses encontros. É necessário escrever para mostrar que a vida é apenas uma. Somos vidas, os gambás são vidas, as esperanças também, mas também as melodias, nossas contações, o sol, uma linda manhã, a morte, o luto, a indiferença, a crueldade, a injustiça, o mar, os ritmos de batuques, o insuportável, a fé, os novos significados, as novas fórmulas, a política, o ódio, a exploração, a tristeza e a alegria, todas as obras dos humanos, bem como tudo que podemos nomear com palavra e também aquelas que ainda não conseguimos, ou as que jamais conseguiremos. Todas as coisas valem por si mesmas enquanto vida.

Partir da desgraçada existência e escrever sobre a vida. Foi só assim que conseguimos escrever. Sem comiserações, sem pedir esmola, sem querer pena. Tudo que está escrito existe; está aqui. Quem suportar ler as palavras aqui grafadas, estará lendo outra obra, não será a mesma, sabemos. Mas todas as existências contadas aqui são vidas. Que juntos nos afetamos, conversamos, com quem encontramos, ou do que vimos, ou ouvimos falar. O que fizemos, o que sentimos, o que amamos, o que perdemos, o que poderia ser. Eles-Nós-Eles. E uma grande abertura, um rizoma com muitas entradas, conexões e saídas. O importante são as palavras, e nesse emaranhado de coisas elas são ação. Elas precisam acionar. Não usem a desculpa de que escrevemos mal para se isentar de abrir os próprios corpos e deixar qualquer

coisa daqui transpassar.

\*\*\*

Numa cidade interiorana, mas meio mística. Onde grande parte das pessoas acreditam em extraterrestres, mágica, milagre, cura, entidades sagradas, representantes do espiritual, dentre outras lendas ou verdades. Eu acredito e não acredito. O importante é que tudo existe e é digno de dúvidas, ao mesmo tempo, sem binarismos. Mas sempre aceitarei qualquer promessa de abrir os caminhos.

Quando Nego chegou na cidade, já foi procurar o povo que morava na rua porque eram do bando. Encontrou duas mulheres em um lugar quase deserto, num canto da entrada da cidade, sentadas na calçada e um cachorro ao lado delas deitadinho, mas atento para protegê-las. Ele até estranhou Nego. Levantou e começou a latir pra colocar medo. Elas também não confiaram de cara. Não dá pra confiar em homem. Mas ele explicou que não tinha onde dormir e comer e precisava de ajuda. Talvez por empatia perceberam que ele não tinha más intenções. O cão passou de latir e voltou a se deitar.

À noite elas dormiam em um albergue que a prefeitura tinha para acolher os sem tetos. Era bem pequeno, ficava todo mundo no aperto. As duas tinham suas mochila ao lado delas e disseram que não era confiável deixar tudo lá. O povo catava mesmo. Então elas só deixavam umas pouquinhas coisas, que ninguém iria querer furtar. De dia, meio dia elas comiam das marmitas que uma ONG distribuía para os pobres. O resto do dia elas ficavam na rua e se batesse fome, pediam algumas moedas para pessoas que tinham mais jeito de gente do bem. Elas o aconselharam já ir lá pra procurar essas coisas; a cidade ficava muito fria à noite.

Ele quis conversar um pouco mais e depois iria correr atrás dessas coisas. Elas reafirmaram que era melhor ir o mais rápido possível porque não tinha muita vaga, nem marmita pra todo mundo. Mas mesmo assim ele quis ficar. E entre conversas aleatórias, uma delas disse que já estava numa situação de tanto desespero que estava pensando em ir encontrar a voz.

- Encontrar a voz. Como assim?

- Todo mundo aqui chama assim. Mas dizem que é uma senhora que mora em uma pequena casa de madeira atrás daquele morro ali. O povo dessa cidade é muito supersticioso. Disseram que as palavras dela abrem os caminhos das pessoas e os concede grande sabedoria, mostra o desconhecido. Dizem que suas palavras mostram o que é inacessível pro resto das pessoas, de modo que se alguém conversar com ela, nunca mais volta a ser o mesmo.

- Mas isso é verdade.

- Olha já ouvi falar de muita gente que foi lá, mas ou não encontraram ela em casa ou ela negava recebê-los.

- Então como sabem que ela pode fazer essas coisas boas nas vidas das pessoas?

- Eu não conheço quase ninguém da cidade. Então o que sei é o que os outros contaram, mas disseram que realmente é uma coisa grandiosa encontrar com a voz. Mas nunca conseguem provar que alguém já a encontrou.

- Por que a chamam de voz?

- Ai já não sei, essa lenda dela já vem de muito tempo. Se ela existir já deve tá nos cem. Porque essa estória é falada há muito.

- Deve ser alguma coisa relacionada com a voz da sabedoria. Mas ela não sai de casa? As pessoas não a veem na rua ou vão perto da casa dela pra ver se é verdade. Ou pra ter essa conversa? Não é possível!

- O que sei é o que já falei. Mas já pensei muitas vezes em tentar ir lá. Mas o caminho também é difícil. Fica depois de um morro e de uma mata. Ela mora em um lugar de mata fechada e dizem que tem muitos espíritos por ali, daí o povo evita. Pra chegar lá é no mínimo um dia andando e se estiver com disposição. Porque na metade do morro aparecem esses seres e eles começam a conversar entre eles e ninguém consegue saber o que foi falado, porque é em uma língua desconhecida. Não ouvi que ele tivessem feito mal ou bem a alguém, mas eles vão seguindo o caminho até onde a voz está.

- Uma grande voz que só ouviram falar. Sem nenhuma prova que exista ou que faça algo.

- Como te disse, o povo aqui acredita em tudo. Até sobem montanhas pra ver disco voador, mas a voz tem algo diferente. Mesmo os que disseram já terem encontrado com alguma entidade poderosa têm medo de ir lá.

Uma voz quase sagrada, que pode abrir os caminhos e nos trazer as grandezas da sabedoria, de coisas grandiosas e inacessíveis, palavras jamais ouvidas. E para encontrá-la é preciso ir em um lugar também quase inacessível. Nego agradeceu as informações. Estava com fome, mas não foi na ONG, nem no abrigo. Poderiam encontrá-lo. Melhor seria não arriscar. Ele mesmo não disse nada de sua situação de fugitivo para as meninas. Inventou uma história qualquer.

Foi decidido em direção a grande voz. Havia sido advertido pela garota que era difícil chegar lá e não sabia se realmente ela existia, e se existisse, se realmente fazia aquelas coisas. Mas foi mesmo assim. Não esperava nada. Podia só se foder todo pra chegar lá, isso senão

desmaiasse de fome. Podia até morrer. E se fosse só lenda? Se a voz não existisse? Ou se fosse apenas uma senhora solitária como outras? Nesse último caso a ida não seria em vão porque amava conversar com idosos e ouvir suas histórias. Mas nesse caso teria parentes indo lá. O lugar seria frequentado.

Ficar na cidade também poderia ser arriscado, não sabia se as notícias sobre sua fuga já haviam se espalhado em outras cidades. Na verdade, talvez o que mais deu força para ir até lá fosse saber que havia uma voz respeitada por todos e ela ser apenas uma idosa perto da morte. Ainda morando sozinha num barraco bem longe. Também não deveria ser tão idosa, caso contrário não aguentaria morar sozinha. Teria que comprar comida, as outras coisas, ir ao médico, mas podia ser essa coisa do espiritual. Tem também que, como a menina não sabia de nada, poderiam haver outras pessoas morando com ela e ajudando.

Só dá pra saber o que é indo. Mesmo se ele não achasse, se ela não tivesse em casa, ou rejeitasse sua visita. Iria pra outro lugar qualquer e tudo resolvido. A garota disse que é uma história bem conhecida na cidade e o povo acredita. Alguma coisa tem nisso. Interessante isso. Alguém disse, alguém ouviu, alguém redisse, e assim foi. Verdade ou lenda a voz obriga a todos, em algum momento, a pensarem sobre ela, mas não a conhecem, nunca a ouviram. E como essa gente que acredita em tantas coisas, que vai em busca de tudo que é sobrenatural, sem medo algum, pode ficar no que disseram, ou ouviram dizer? Temor não é, indisposição pra chegar lá também não, tampouco os espíritos que dizem rondar aqueles cantos que ninguém sabe se são do bem ou do mal. O mistério deveria lhes motivar e encontrar a voz. Descobrir coisas novas, ALGO NA VOZ QUE FALTE NAS PALAVRAS.

A moça sabia pouca coisa. Talvez tenha algo a mais que afaste as pessoas desse desconhecido. Pelo que sei a cidade não era tão religiosa pra ver demônio e castigos nesses encontros. Talvez uns poucos. Para alguns esses podem até ser o motivo, mas para aqueles que sempre buscam descobrir o que está além das vidas cotidianas? Ia andando e pensando. Quanto mais tentava encontrar um motivo para as pessoas não buscarem a voz, mas ele acreditava que era verdade e tinha vontade de conseguir chegar e encontrá-la. Se ela não estivesse, esperaria chegar. Se o expulsasse, seria apenas mais um caminho difícil que passou na vida. Afinal, não buscava nada. E no buscar nada, sempre se acha um inesperado. Portanto, qualquer caminhar vale a pena. Pior é ficar parado, esperando caridade. Fugia da caridade, não por orgulho, mas tinha consigo que enquanto usarmos a palavra caridade, haverá carência. Outra palavra horrível. Queria transbordar e essas palavras que indicam uma falta demonstram que há excesso em outro lado. Se sinto falta de alguém é que há saudade e

amor sobrando. A falta não é ruim, é parte da vida, eu sei; o excesso também. Mas a marmitta caridosa que a moça recebia não saciava a fome do dia. O lugar onde dormia, não permitia ter conforto pra sonhar. E muitos dizem que sonho é excesso. Nem isso.

Depois de muito andar chegou perto do morro. Pelo que parecia ninguém morava na região, mas tinha uma parte do terreno de plantação de bananas e umas construções que, provavelmente, serviam às suas produções. E lá tinha um casal que estava ensacando alguns cachos para os pássaros não devorarem tudo. Nego se aproximou deles, cumprimentou-os e inventou uma história para estar ali, como sempre fazia. Depois de um primeiro papo, perguntou se sabiam alguma coisa de uma tal de a voz. O homem fez o sinal da cruz. A mulher disse para não continuar, que mais ninguém tentava chegar lá. “O povo conta muita história, pode ser mentira, mas eu não arriscaria se fosse você.” O homem concordou e disse que aquilo não era de deus. Já ouviu até falar que era um portal para o inferno. Mas também não conheciam ninguém que havia tentado subir. Só ouviram falar. “O diabo é astuto, e sempre se encontra nesses lugares; onde ninguém vai. Promete sabedoria, vida próspera, sempre tenta desvirtuar a verdade das palavras da bíblia. No fim, quem entra nessa, paga nessa vida ou na próxima”

Nego não soube o que dizer. Não ia perder tempo debatendo, no entanto queria se encontrar com a voz, e aqueles dois provavelmente não iriam ajudá-lo a chegar lá.

Agradeceu pelas advertências. Disse até que ficou com medo e tinha desistido de encontrar a voz, mas queria conhecer a região.

- Pode até ir, mas vá até a metade, até o final desse primeiro morro é tudo tranquilo. Tem até uns pés de manga e goiaba lá que às vezes o povo desce carregado. Mas não passe daquele ponto ali. Tá vendo? É onde termina a trilha, depois é só mata fechada. É dali em diante que o mal se apresenta. Deus não vai deixar nada de ruim acontecer, mas só vá até onde a trilha termina.

- É ali onde esse primeiro morro termina?

- Sim. Mas quanto menos subir melhor. To vendo pela sua situação e parece que você tá precisando de ajuda. Vou tirar umas bananas pra você. É época de manga, você vai conseguir pegar um monte também. Os pés estão carregados.

- Muito obrigado, amigo.

- Não ligue pra mulher, ela costuma não falar muito mesmo. Principalmente com estranhos. Ela tem trauma porque o avô dela contou que uma vez um amigo dele passou da trilha. Ficou perdido por quase uma semana. Todo mundo preocupado, mas ninguém foi tentar

procurar lá. Nem os polícia, nem os bombeiros. Era até obrigação deles, mas existe uma lei nessa cidade, que não foi escrita, mas todos conhecem. A partir da trilha as autoridades já não tinham mais obrigação porque não era do território deles. A cidade vizinha onde termina a mata justificou pelo mesmo. Aquele era um não lugar. Um espaço sem escritura. Sem dono, não faz parte de cidade alguma. No mapa pertence às duas cidade, metade de cada, na lei as autoridades deveriam procurar onde fosse, independente do perigo. Mas essa lei não escrita existe desde que existem as cidades. Você viu que eu falo bem, né. Eu fiz faculdade de agronomia e agora cuido das minhas plantações. Mas voltando ao assunto. Depois que o homem desceu, estava completamente louco e foi parar no manicômio. Parou de conseguir se comunicar normalmente. Entendia tudo normalmente. O ouvido e o entendimento não foram afetados. Mas passou a falar somente coisas que ninguém entendia, e não tô falando de poesia, filosofia ou esses discursos complexos cheio de conceitos e teorias que só depois de muito tempo de estudo dá pra entender. Ele não inventava palavras, mas não conseguia mais conectá-las com as coisas. Parecia que soltava as palavras sem preocupação. Perguntavam-no se estava realmente bem e ele respondia que tinha tinha adotado uma barata e depois ela morreu. Perguntavam se lembrava o próprio nome e ele dizia que o nome fugiu numa noite e agora estava sem, mas não queria procurar, algum bicho devia tê-lo encontrado. Largou o trabalho. Um dia jogou os documentos fora junto com todo dinheiro que tinha. A voz dele continuou a mesma, mas as palavras já não faziam mais sentido.

- O avô dela que falou, não dá pra saber se é verdade, mas tem que já ser muito maluco pra tentar passar para o outro lado. No fim, um dia saiu nú pela rua afora dizendo que tinha jogado suas roupas todas fora e, na verdade, o corpo seria sua roupa daquele momento em diante. Os polícia o imobilizaram e disseram que era atentado ao pudor e baderna. Ele resistiu e o algemaram para levar até a viatura. Quando abriram a porta para ele entrar, mandou todos os PM tomarem no cú. A liberdade estava no corpo, se fosse preso, não seria uma cela que a tiraria dele. Ela sempre estaria com ele. Depois disso foi levado e constataram que estava louco e precisava ser internado. Morreu no manicômio.

- Caramba. Que coisa louca. Será que foi verdade mesmo? O povo do passado gostava de contar história pra assuntar a gente.

A mulher fez sinal afirmativo com a cabeça e disse que o avô era religioso devoto e nunca mentia. Ele chegou até a visitar o amigo uma vez no manicômio, mas ficou por pouco tempo porque ele já estava lá amarrado e completamente fora da realidade.

O homem cortou um cacho de banana, colocou na sacola e entregou ao jovem. Ele não

quis aceitar. Aquilo seria caridade. Mas o homem insistiu muito e disse que sempre que Nego precisasse poderia ir ali que ele arrumaria um jeito de ajudar. Mesmo sem querer aceitar, acabou pegando pois estava com muita fome e não conseguiria chegar lá de barriga vazia.

Então o homem o convidou para visitar a igreja que ele participava. Os irmãos sempre ajudavam quem precisava; com oração, com dinheiro, com comida, com trabalho. Se ele fosse lá a vida dele iria mudar. E encontrar a paz de Jesus sacia todas as fomes da vida, não só aquelas de comida. Ele explicou a localização da igreja para Nego e até disse que poderia ir buscá-lo se morasse muito longe. Mas o jovem, que não conhecia a cidade, então fingiu que conhecia os locais de referência e sabia mais ou menos onde ficava. Não precisaria do homem ir buscá-lo porque morava perto.

O homem continuou dizendo que no outro dia teria culto e ele iria conversar com o pastor e os irmãos para ajudarem-no. Nego deu um abraço no homem e agradeceu por ter se importado com ele. Apertou a mão da mulher. Prometeu que só iria subir até o fim da trilha pra pegar umas frutas, caminhar um pouco e ver a cidade, não iria tentar encontrar a voz. Logo iria descer. O homem tinha razão; o que ele precisava era de Jesus. Então prometeu que iria na igreja amanhã.

Se despediu dizendo até amanhã no culto. Seguiu seu caminho comendo as bananas e foi subindo. No caminho encontrou os pés de manga e se lambuzou até não querer mais. Nem contou quantas comeu.

Já no fim da trilha, percebeu como a vista era linda. Parou por um tempo para pensar na história do senhor que foi pro manicômio. Poderia até ser verdade, mas a última coisa que temia na vida era loucura. Eles não o encontrariam e ele viveria como bicho. Claro que ia continuar. E assim entrou na mata fechada que era de difícil locomoção, muitos espinhos, árvores trançadas entre elas. Pra subir tinha que tomar cuidado porque o chão era todo desnivelado. Cheio de buracos e mesmo as partes mais estáveis para andar, eram escorregadias e às vezes muito íngremes. Em um momento até se arrependeu, mas como já estava subindo iria continuar.

Chegou ao fim do primeiro morro. A outra parte é onde ficava a voz, mas só via mato e montanha. Pensou consigo como acharia o lugar. Facilmente se perderia naquela mata fechada e nada indicava um espaço que pudesse ter uma casa. Seria realmente verdade? Era outro caminho. Teria que descer a metade do morro onde estava entre as árvores coladas e depois teria que subir outro morro, também com tudo fechado.

Foi descendo. Se não encontrasse nada, tudo existiria do mesmo jeito. Seria mais uma

história pra contar. Mas provavelmente iria querer inventar que a encontrou. Não poderia imitar porque a voz era dela, singular, mas sabia das palavras e dos caminhos. E depois inventava o resto. Escorregou várias vezes. Fugiu de cobra. Tinha que ir procurando os lugares que davam para o corpo passar e assim chegou no meio. A descida foi mais difícil, mas menos cansativa que a subida.

Agora teria que subir aquele lugar todo fechado, onde não dava pra enxergar nada. Era muito verde, muita montanha. Poderia ficar dias ali procurando o lugar e com chances de nem achar. Mas, por intuição, todo ser mágico mora, ou no cume do monte ou ao menos perto. As frutas até disfarçaram a fome, mas a barriga roncava muito. Pensou até em comer mato, raiz, flor, qualquer coisa que achasse. Mas preferiu não. Não conhecia as coisas da floresta. Poderia comer algo venenoso, ou algo que o fizesse alucinar. Então decidiu esquecer a fome e ir até conseguir. Não tinha medo da morte mesmo,

Quando estava próximo da metade da mata, não aguentou. Encostou-se numa raiz grande que encontrou. Estava muitíssimo cansado, mas feliz por ter chegado ali. Talvez o mais importante para ele não seria encontrar a voz, mas chegar até aquele lugar; onde conseguiu; onde deu pé. O corpo aguentaria um tempo vivo, mas subir além seria realmente impossível. Fecha os olhos e amolece o corpo. Ah, o descanso. Fugiu da cidade. Estava em um lugar onde ninguém iria procurá-lo. Talvez nem precisasse ouvir uma voz a mais, já tinha muitas falando o tempo o todo. Vozes que não vinham apenas da cabeça, mas que falavam através do corpo, da natureza, de tudo. Não estava sozinho. Assim, toda a perseguição, a injustiça, a precariedade e as outras desditas da vida se faziam presentes, mas sem poder para entristecê-lo. Tampouco havia esperança, prazer ou felicidade. A voz seria uma em todas as que existem? Talvez sim. A sabedoria estaria na voz ou nas palavras que pronunciaria?

Ao ouvir barulho de gente subindo e palavras, imaginou que seria outro louco tentando chegar lá. Mas, abriu os olhos e viu, um pouco distante, dois seres subindo o morro e conversando. Eles provavelmente nem o viram, e ele não pediu ajuda porque percebeu que eram os espíritos e não sabia se podia incomodá-los. Eles sumiram morro acima. Pouco tempo depois viu que de longe duas idosas também subiam conversando. Não entendia o que estavam falando, mas ficou impressionado como aquelas senhoras conseguiram chegar ali. Ou moravam por ali, ou uma delas era a voz. Quando estavam mais perto, mas nem tanto, teve uma grande surpresa. As duas senhoras eram muito parecidas com vó Edir e vó Nali. Pensou até que poderia ser o espírito delas indo ali para ajudá-lo, mas não eram elas. Quase idênticas, mas não eram. Ouvia bem pouco, mas os timbres das vozes delas pareciam iguais as da avós.

Elas continuaram subindo, não sei se não viram, ou não se importaram.

Não eram como os dois primeiros que passaram. Eles estavam muito distantes, e também poderia ser alucinação, mas esses seres não tinham formas identificáveis. Nenhum adjetivo poderia qualificá-los. As duas senhoras eram como pessoas mesmo. Um tempo depois elas desceram com uma cuia de sopa na mão e deram para que o jovem comesse. Ele agradeceu e quis conversar, saber quem eram, de onde vieram, como conseguiram chegar ali, se elas sabiam da voz ou se alguma delas era a própria ou se ao menos sabiam como chegar lá. Elas não responderam nada, só voltaram a subir. Ele tomou a sopa e logo percebeu que tinha forças para continuar.

Foi difícil demais, Enquanto andava se apoiando nas árvores para não cair pensou ter visto muita gente conversando de longe. Como eles pareciam não vê-lo, também não incomodou ninguém. Provavelmente eram aqueles espíritos que as pessoas diziam não saber o que eram. Eles não lhe causaram temor. Na verdade ficou feliz, pois o que sempre fez foi fugir daquelas palavras dos homens, e ali eram outras palavras. Desconhecidas. Só haviam vozes, e ele não conseguiu entender o que elas diziam. Isso era maravilhoso

\*\*\*

Alguns nos disseram que a função da escrita era apenas representar a língua (39). Esse sistema estruturado e compartilhado pelos falantes e que em suas relações de valor e diferença criam os significados, os conteúdos. Também em como o ocidente tornou a escrita morta e seus sinais gráficos imperativos sobre a língua viva (comunitária). Já a fala (40) seria um produto individual produto das relações de valor que uma, ou várias línguas possibilitam entre seus falantes.

A última coisa que passa pelas nossas cabeças agora é discutir as implicações desse sistema. Até porque eles se referem a um campo conceitual específico que trata de um tema delimitado. Não dá pra falar de tudo. Então usamos apenas como um gatilho para o pensamento continuar. O que queremos fazer, ao tratar dessa hierarquia, é fazermos ver como, para muitos pensadores, as palavras são tratadas no grande sistema da linguagem como apenas símbolos derivativos de alguma instância com uma função definida para criar seus significados, conteúdos. De Sócrates até nós.

Os degraus que existem entre a escrita e a fala, para nós não servem. Sabemos que escrita e fala são duas expressões que têm seus próprios funcionamentos, é óbvio. É necessário que um documento, um artigo, uma lei, sejam escritos com suas próprias determinações e convenções- de escritos- sem a interferência da fala (que lhes traria o

intempestivo). Pois enquanto a escrita confirma o que inscreve e funciona de memorando, a fala, na maioria das vezes, é passageira, sem método, sem estrutura coerente, sem preocupações com a sintaxe ou a semântica. Há algumas exceções, como por exemplo a escrita de um escrivão em um júri.

As duas existem, são palavras diferentes e também funcionam em momentos e de formas distintas, mesmo. Isso não nos fazia a mínima diferença até advirem os desesperos e as angústias após fracassarmos sempre em nossa tentativa de escrita. A escrita literária destrói os degraus e permite os jogos de aproximações entre a fala e a escrita. Assim, é possível uma conversa eterna; também é possível que um personagem, que só pode falar como jagunço, converse com todos os outros personagens da narrativa, sem necessitar de resposta explícita.

São muitas as narrativas escritas feitas somente de falas. A literatura se encontra exterior a qualquer sistema, portanto, tudo pode, até mesmo se usar da fala que também é exterior. Mas a contradição é que se a literatura decide escrever como fala, esse falar deixa de ser fala, propriamente dita. Então, apesar de não participar dos degraus da hierarquia de um sistema, se insere em um espaço neutro. Nesse espaço neutro ela estabelece uma nova possibilidade de língua (41). E, pela estima da literatura, mesmo que esteja fora, sempre haverá a possibilidade dessas expressões advindas da fala entrarem no sistema.

A língua sempre está em movimento (territorializa, desterritorializa e novamente territorializa) e sempre novas palavras aparecem como eleitas. A literatura pode transformar uma fala viva em uma grafia morta. Tem esse poder. Por isso dissemos que existem muitos foras. Mas, o que realmente importa ainda é o prestígio de quem escreve. A grande maioria escreve sob as determinações da língua. Porém, mesmo quando aventuram-se e escrevem-na a partir das bagunças das falas, dos vozerios, as falas já não são mais apenas vento, mas manifestações de língua. Já são outra coisa.

Estamos em nosso pequeno quarto todo bagunçado escrevendo. É uma noite meio fria. Do lado de fora tem gente conversando, mas nem dá pra ouvir direito. O que vem primeiro o escrito ou a escrita? O que expressa ou seu conteúdo? A fala, a ideia, o pensamento, ou o dedo digitando? Primeiro se imagina e depois se escreve? Como escrever pela fala, então. Levantar um caderno sempre que for sair e anotar tudo o que é dito, ou falar sozinho com várias personalidades e escrever ao mesmo tempo?

Demos importância à escrita, à linguagem, à língua, à fala, ao fora da literatura.

Demos importância à ficção, às fábulas, às lembranças, aos acontecimentos. Ditos, ouvidos, vividos, lidos, sentidos.

Mesmo com tudo isso não conseguimos escrever o que queríamos, e como queríamos. Quanto mais separaram as coisas, mais difícil ficou.

Então. Escrevemos como pudemos. Como multiplicidade, em devir.

O que pensávamos e digitamos nas primeiras palavras, já não pensamos igual. As propostas de escrita que projetamos no começo, não conseguimos realizá-las. Tentamos criar vários mapas, mas também falhamos nessa cartografia. Entramos em contradições. Mudamos de ideia por vezes. Repetimos. Também não nos isentamos de mostrar todos os fracassos. Porque, para nós, escrever não foi um ato prospectivo, foi uma experiência que se desenvolveu enquanto a vida passava. Não escrevemos em palimpsestos. Não raspamos nossos erros. A tecnologia nos permite agora digitar, mas se, como outrora, escrevêssemos ainda em cadernos (que parte desse texto advem deles), não rasurariamos nem rasgaríamos página alguma.

Um dos motivos de não acreditarmos em nenhuma transcendência é exatamente porque não estamos apenas digitando. Estamos vivendo tudo. Já dissemos que há vida em tudo, inclusive no que estamos escrevendo e no próprio ato em si. Podem nos dizer que toda palavra escrita é uma morte, como um túmulo que não se pode mais mexer. Mas a morte é viva; não há contrariedade nelas, pois a morte é mais uma das superfícies da vida. Assim como tudo o que está escrito aqui, como os dedos digitando e tudo que se passa com esses corpos que vos falam; e também em todos que perderem seus tempos nos lendo.

A escrita que fazemos não serve para compensar ou nos afastar da vida, mas para vivê-la em sua imanência. A vida também é cheia de erros e fracassos e essas coisas também existem.

Ao ler, vocês se esbarraram com muita gente, encontraram um outro fora. E esperamos que ao viver junto com cada um dos que estão aqui, neste fora, vejam que é urgente agir. Que mais importante que os excessos metafísicos, são as faltas cotidianas. Mostramos a doença, não para terem pena, ou buscarem tratamento, mas para perceberem que todos nós estamos doentes juntos. Artistas e escritores não são médicos, são enfermos como todos. Não penso mais que a vida esteja doente, talvez a nossa vida sim, mas estamos nos referindo àquela outra que já comentamos.

Impossível escrevermos sobre a vida ou a partir dela, somente juntos com ela, e não há transcendência, somente durações, movimento, encontros e transformações. Indiferente, ela inscreve e se inscreve. Escrever é devir, mas aqui estamos dizendo também que, na nossa perspectiva, não é possível devir apenas escrevendo. Precisamos de encontros reais. Nosso

devir é uma ação política, não um conceito filosófico. Devir onça, baleia; elas podem nos destruir. Devir demencia, índio, negro, mulher, mãe, LGBTQIA+ é o que necessitamos para encontrarmos aquela vida. Tornar-se próximo.

Devir-nego é bando, é fuga, é palavra de vó ter o mesmo peso que de qualquer autoridade.

Diagnostiquem-nos e verão que somos loucos que precisam ser internados. Leiam-nos e seremos escritores. Mesmo que péssimos.

Devir-nego. Não é raça, etnia. Foi uma coincidência com os apelidos meus e de meu pai. Meu avó não sei. Dai veio o interesse. Se digo que é Nego: um ser de bando. Se digo, eu nego, um verbo, uma ação, enfim uma posição. Nego existe, mas também se nega.

\*\*\*

Bom, mas agora eu preciso parar de escrever. Já é tarde e estou cansado. Amanhã tenho que acordar cedo pra voltar a trabalhar na obra.

## Notas de fim:

1 De acordo com Gilles Deleuze e Claire Parnet “O múltiplo já não é um adjetivo ainda subordinado ao Um que se divide ou ao Ser que o engloba. Tornou-se substantivo, uma multiplicidade, que habita continuamente cada coisa. Uma multiplicidade nunca está nos termos, seja de que número eles forem, nem em seus conjuntos ou totalidade. Uma multiplicidade está somente no E, que não tem a mesma natureza que os elementos, os conjuntos e sequer nas relações. (1998, p. 71)

2 Jean Luck Nancy comenta a mudança da concepção da percepção do que seria obra, quando essa deixa de ser apenas um trabalho manual para se tornar arte, na época pós-século XVIII-XIX e reflete sobre a inflexão que essa perspectiva, reelaborada trocentas vezes, mas atuante ainda hoje sobre o que se diz ser o excesso da obra. Ele escreve que: “A obra passou para o lado da efetuação de uma realidade que excede de algum modo qualquer outro real da natureza ou da produção. Ela se produz a si mesma ao invés do homem, ou então, na verdade, é na obra e como obra que o homem se produz além do “humano demasiado humano”. A obra acrescenta ao mundo uma efetividade ou uma energia excedente”. (p.66)

3 Me refiro às palavras escritas por Platão no diálogo de Sócrates com Fedro sobre o mito da partilha das almas e a ocupação de seus corpos. Assim: (...) aquela que maior número de verdades tenha contemplado, está destinada a implantar-se no sémen de onde se gerará um filósofo, um esteta ou um músico; a alma de segunda grau animará o corpo de um rei obediente às leis ou a de um guerreiro hábil na estratégia; a alma de terceiro grau animará o copo de um político, economista ou financeiro; a de quarto grau animará o corpo de um atleta ou de um médico; a de quinta grau terá direito a dar a existência a um profeta, ou a um adivinho consagrado em qualquer forma de iniciação; a de sexto grau será a do poeta, ou de qualquer outro criador de imitações; a de sétimo grau será a de um artesão ou camponês; a de oitavo grau, será a do sofista, cuja arte consiste em lisonjear o povo, a demagogia; a de nono grau corresponderá à de um tirano. (PLATÃO, 2016, p.63-64)

4 Esse discurso de letra órfã desestabiliza a partilha entre as vozes e ouvidos autorizados e desautorizados a falar e receber a verdade. Por isso, como afirma Ranciere, o receio de Sócrates em relação à escrita é também a extensão daquele outro temor: a afirmação da construção democrática. Assim, “há democracia - e política, consequentemente - porque há palavras sobrando, palavras sem referentes e enunciados sem pais que desfazem qualquer lei de correspondência entre a ordem das palavras e a das coisas.” (RANCIÈRE, 1995, p. 15).

5 Para Michel Foucault “Essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literatura, e também na história da filosofia e das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, acredito que não se deixa de considerar tais unidades como escansões relativamente fracas, secundárias e sobrepostas em relação À primeira unidade, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra. (Foucault, 1969, p. 5)

6 Em nossa civilização, não são sempre os mesmos textos que exigiram receber uma atribuição. Houve um tempo em que esses textos que hoje chamaríamos de "literários" (narrativas, contos, epopéias, tragédias, comedias) eram aceitos, postos em circulação, valorizados sem que fosse colocada a questão do seu autor; o anonimato não constituía dificuldade, sua antiguidade, verdadeira ou suposta, era para eles garantia suficiente. (IDEM, 1969, p.15)

7 A discussão é velha. Temos um caso antigo no qual a perspectiva era a oposta aos nossos modos atuais. Platão, no diálogo de Fedro e Sócrates, ao ponderar suas preocupações com a escrita, conta o mito egípcio sobre a sua invenção. Um mito conta a apresentação que o deus Thoth fez de suas invenções (os números, os cálculos, a geometria, a astronomia, o jogo das damas e dos dados e os caracteres da escrita) a Tamuz, governador do Egito. Quando apresentou-lhe a escrita, exaltou-a como remédio para a memória. Assim, "(...) exclamou Thoth: Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória." Ao que Tamuz responde: "(...) Oh, Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria em si mesma mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! (PLATÃO, 2016, p.121)

8 (Nietzsche, 2013, p.59)

9 Pensamos as características de uma escrita rizomática de acordo com G. Deleuze e F. Guattari: "Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais" (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 15). Outra citação interessante, no mesmo sentido é que : "(...) diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.31)

10 Temos como alguns exemplos Conceição Evaristo, Nego Bispo, Coletivo 28 de Maio, dentre outros que nos possibilitaram pensar em uma autopoietica engajada na busca de explorar a potencialidade de uma inscrição em relação à vida como agenciamento coletivo de enunciação. Que se dá como linha de fuga para as expressões do pensamento.

11 O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.21)

12 Quando utilizamos “nós”, não buscamos uma identidade, um povo que há

13 Entendendo a máquina de guerra como “(...) uma certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempo”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 69)

14 Em Deleuze e Parnet, a fuga “Não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vaziar como se fura um cano. (...) Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada. (DELEUZE; PARNET, 1998, p.49)”

15 Foucault salienta que: o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status. (FOUCAULT, 1969, p.13)

16 Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões. Uma partilha do sensível é portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. Antes de ser um sistema de formas constitucionais ou de relações de poder, uma ordem política é uma certa divisão das ocupações, a qual se inscreve, por sua vez, em uma configuração do sensível: em uma relação entre os modos do fazer, os modos do ser e os do dizer; entre a distribuição dos corpos de acordo com suas atribuições e finalidades e a circulação do sentido; entre a ordem do visível e a do dizível. (...) a política (...) é estética desde o início, na medida em que é um modo de determinação do sensível, uma divisão dos espaços – reais e simbólicos – destinados a essa ou àquelas ocupações, uma forma de visibilidade e de dizibilidade do que é próprio e do que é comum. Esta mesma forma supõe uma divisão entre o que é o que não é visível, entre o que pertence à ordem do discurso e o que depende do simples ruído dos corpos. A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e das condições. (RANCIÈRE, 1995, p.7-8)

17 Temos o ato de escrever, de grafar, de modelar, dar sentido, comunicar. Por outro lado a inscrição se dá como todo afecto transpassado. Assim, tudo o que aconteceu está inscrito. Mas a definição a qual nos referimos aqui está relacionada a intencionalidade de inscrever, não como vontade, mas qualquer ação do corpo que trace marcas que mostrem a superfície do que há. É possível inscrever sem escrever, mas o contrário é impossível.

18 (...) a fabulação enquanto potência que nos permite ficcionar não se confunde com as formas que engendra e com os modelos que daí advém - o mito, a lenda, a fábula assim com as obras de ficção e os objetos de arte - mas, precisamente, é a linha de desterritorialização que os perpassa e os mantém “vivos”, pois toda parada de movimento é necessariamente morte. (PIMENTEL, 2010, p. 117)

19 Hoje, grande parte de nobres autores e pesquisadores lutam de forma aguerrida para que a instituição Literatura se torne mais inclusiva e aceitei aquelas vozes que por toda a história foram caladas.

20 Aqui utilizamos a concepção deleuziana do “povo que falta”. No entanto, não absorvemos a permanência da obra (monumento) literária como considerada pelo autor. Tendo isso em vista, para o autor compete a função fabuladora - conceito que será utilizado posteriormente neste trabalho - um clamor ao povo que falta, que é “(...) um povo menor, eternamente menor, absorvido num devir-revolucionário. Talvez ele não exista senão nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, dominado, sempre em devir, sempre inacabado. Bastardo não designa já um estado familiar, mas o processo ou à deriva das raças. Eu sou uma besta, um negro de raça inferior para toda a eternidade. (...) a literatura como enunciação coletiva de um povo menor, ou de todos os povos menores, que, por intermédio do escritor e nele próprio, encontram a sua expressão. (...) a literatura é agenciamento coletivo de enunciação. A literatura é delírio (...) não há delírio que não passe pelos povos, pelas raças e as tribos, e que não habite a história universal. Todo o delírio é histórico-mundial, ”deslocamento das raças e dos continentes”. (...) O delírio é uma doença (...) quando erige uma raça que se pretende pura e dominantes. Mas ele é a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida, que não para de se agitar sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona (...). (Deleuze, 1997, p.14)

21 Não nos interessa distinguir tecnicamente as dimensões funcionais da linguagem (informativa, imperativa, comunicacional, etc.), pois além de, posteriormente, este trabalho desorganizar essas determinações, o que nos importa, neste momento, é a escrita poética e prosaica em suas formas definidas convencionalmente.

22 (...) a literatura, tal como existe desde o desaparecimento da retórica, não terá mais como tarefa contar alguma coisa e, em seguida, acrescentar os sinais manifestos e visíveis de que se trata de literatura, os signos da retórica. Ela vai ser obrigada a ter uma linguagem única e, no entanto, bifurcada, uma linguagem desdobrada, visto que ao mesmo tempo que diz uma história, que conta algo, deverá a cada momento mostrar, tornar visível o que é a literatura, o

que é a linguagem da literatura, pois a retórica, outrora encarregada de dizer o que deveriam ser a bela linguagem, desapareceu. (FOUCAULT, 2005, p. 147)

23 “(...) antes do final do século XVIII, toda obra de linguagem existia em função de uma determinada linguagem muda e primitiva, que a obra seria encarregada de restituir. Essa linguagem muda era, de certo modo, o fundo inicial, o fundo absoluto sobre o qual toda obra vinha, em seguida, se destacar e se alojar. Essa linguagem muda, linguagem anterior às linguagens, era a palavra de Deus, dos antigos, a verdade, o modelo, a Bíblia, dando a essa palavra seu sentido absoluto, isto é, seu sentido comum. Havia uma espécie de livro prévio, que era a verdade, a natureza, a palavra de Deus, que, de certo modo, ocultava e pronunciava toda a verdade. Essa linguagem soberana e resguardada era tal que, por um lado, qualquer outra linguagem, toda linguagem humana, quando queria ser uma obra, devia simplesmente retraduzí-la, retranscrevê-la, repetí-la, restitui-la; por outro lado, essa linguagem de Deus, da natureza, da verdade era oculta. Não podia ser transcrita diretamente. Daí a necessidade dos deslocamentos, das torções de palavras, de todo o sistema que se chama precisamente de retórica. Afinal, o que eram as metáforas, as metonímias, as sinédoques etc., senão o esforço para, com palavras humanas, que são obscuras e ocultas em si mesmas, reencontrar, por um jogo de aberturas, como que por desvios, a linguagem muda cujo sentido e objetivo da obra era restituir e restaurar? Em outras palavras, entre uma linguagem tagarela, que não dizia nada, e uma linguagem absoluta, que dizia tudo mas não mostrava nada, bem que era preciso uma linguagem intermediária que levasse da tagarelice à linguagem muda da natureza e de Deus: precisamente a linguagem literária. (FOUCAULT, 2005, p. 152)

24 “Mesmo que o ato de escrever tenha funcionado até então como uma contestação da sociedade, como foi o caso de Flaubert em *Madame Bovary*, hoje a força transgressiva da literatura se perdeu, a literatura tornou-se a instituição em que a transgressão, impossível fora dela, torna-se possível. Visto que a literatura foi recuperada pelo sistema, com uma função social normativa, a subversão pela literatura tornou-se um puro fantasma, ou mesmo um *álibi*.” (MACHADO, 2005, 129-130.)

25 Segundo Ranciere, o regime estético das artes é aquele que propriamente identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e arte. Mas, ao fazê-lo, ele implode a barreira mimética que distinguia as maneiras de fazer arte das outras maneiras de fazer e separava suas regras da ordem das ocupações sociais. Ele afirma a absoluta singularidade da arte e destrói ao mesmo tempo todo critério pragmático dessa singularidade. (p.33-34)

26 “(...) compete à função fabuladora inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletivas de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e reneгаções. (DELEUZE, 1997, p. 14)

27 “(...) A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 12)

28 Destacamos, fortemente a presença de artista de recortes étnico-raciais negro-indígenas ou indígena-negros que representam a partir de suas obras, objetos, ações e práticas as questões de registro minoritário, as lutas do movimento e/ou do feminismo negro e as lutas dos povos indígenas. (VASCONCELLOS, 2020, p.41)

29 “ narrar a própria vida enquanto potência do vir a ser: instante disjuntivo, paradoxal onde se é ao mesmo tempo aquilo que se foi e o que será” (PIMENTEL, 2010, p.141).

30 Apesar do foco deste trabalho estar relacionado com a escrita, posteriormente também discutiremos a problemática do privilégio da escrita na sociedade ocidental. Tal questão faz com que qualquer outro tipo de contação narrativa que passe por oralidade ou outro tipo de expressão sejam desconsideradas na partilha. Atualmente sabemos que os estudos contemporâneos da literatura já consideram essas nuances, mas muita há o que se dizer.

31 Rancière coloca que “(...) antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação” (RANCIÈRE, 2017, p.7)

32 É nesse sentido que o pensador traz à tona a dimensão estética da política. Não estamos querendo dizer que em algum momento ela tenha passado por um processo de estetização, como afirma Walter Benjamin em seus trabalhos sobre a estetização da política como prática do fascismo e a politização da arte pela esquerda em resposta e ao problema da reprodutibilidade técnica e a perda da aura nas obras artísticas na época moderna. Mas sim que, em sua própria manifestação, a política organiza o sensível; tanto o comum partilhado por todos em uma comunidade, quanto às disposições dos espaços ocupados pelos corpos em relação de disputa.

33 (Barthes,2003, p.33)

34 Referência pensando a partir de um insight da Pensadora-mãe Mariane Pimentel.

35 (...) A transformação do mundo começa no momento em que os trabalhadores normais deveriam desfrutar do sono tranquilo daqueles que têm um trabalho que não os obriga a pensar; (Ranciere, p. 9)

36 “A vida dos Homens infames”

37 Nas palavras de Michel Foucault“Eu confesso que essas “notícias”, surgindo de repente através de dois séculos de silêncio, abalaram mais fibras em mim do que o que comumente chamamos literatura, sem que possa dizer, ainda hoje, se me emocionei mais com a beleza desse estilo clássico, drapeado em algumas frases em torno de personagens sem dúvida miseráveis, ou com os excessos, a mistura de obstinação sombria e de perfídia dessas vidas das quais se sentem, sob as palavras lisas como a pedra, a derrota e o afinco.” (FOUCAULT,

2003, p.2)

38 Onde está o autor (...)? Ele desaparece, tão apagado como se apaga a ideia de que a arte é representar. Eu ia dizer que se trata de expor, o que não raro é verdadeiro, mas e a música, então? Tratar-se-ia mais de um *accorder* (afinar, acordar), palavra que deriva, talvez, não se sabe muito bem, de *caeur* (coração) ou de *corde* (corda). Mas então acordar teria de significar criar um acorde, não um consentimento, uma conformidade, mas antes uma discordância da qual vibrarão as relações de frequência. (DELIGNY, 2015, p.150)

39 Nos referimos a um dos binarimos dos sistema linguístico de Saussure.

40 Para Saussure a fala é A fala é (...) um ato individual de vontade e inteligência, o qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (p.22)

41 Saussure acreditava que (...) a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. (...) Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.

## Referências:

28 de Maio, Coletivo. VASCONCELLOS, Jorge e PIMENTEL, Mariana. “O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto)”. **Revista Vazantes**, periódico do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, v.1, n. 1, 2017. p. 192-200.

ARISTÓTELES. **A Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste, 2008.

## AVÓS

BARTHES, Roland. **O Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BAUDELAIRE, Charles. Olhos dos Pobres. In: \_\_\_\_\_. As flores do mal. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 102-103.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. N-1 Publications, 1ª edição. Tradução: Lara de Malimpensa. São Paulo, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1995. v.1.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1996. v.3.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. v.4.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. v.5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1987

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista Scripta**, Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2009. p. 17-31.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Bulletin de la Société Française de Philosophie, 63(3), 73-104. Société Française de Philosophie. Debate com M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d'Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl. 22 de fevereiro de 1969.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo:

Francisco Alves, 1960.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NANCY, Jean-Luc. **Demanda: literatura e filosofia**. Tradução de João Camillo Penna, Eclair Antonio Almeida Filho e Dirlenvalder do Nascimento. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2014.

## **NEGO BISPO**

PIMENTEL, Mariana Rodrigues. **Fabulação: a memória do futuro**. Rio de Janeiro, 2010. 152p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de José Cavalcante de Souza. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

'RACHA' entre intelectuais sobre a obra de Carolina de Jesus: clima cada vez mais tenso. **O Globo**. 22 de Abril, 2017. Disponível em:

<<https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>>. Acesso em: 20 de Fev, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Políticas da escrita**. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VASCONCELLOS, Jorge. A Lança e o Arco, ou Por um devir-quilombista da arte. **Revista Farol**, Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade Federal do Espírito Santo, v.17, n. 2, 2021. p. 39-44.